

O resgate de um homem

Anne Gracie



Este Livro faz parte de um projeto sem fins lucrativos.

Sua comercialização é estritamente proibida.

DIGITALIZAÇÃO: PALAS ATENÉIA

REVISÃO: VALG



Dados da obra:

Clássicos Históricos nº 215

Copyright © 1999 by Anne Gracie
Publicado originalmente em 2001 pela
Harlequin Books, Toronto, Canadá.
Título original: Gallant Waif
Copyright para a língua portuguesa: 2001
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Seqüestrada por uma velha aristocrata!

Inglaterra, 1812

Kate Farleigh recusara a oferta de ajuda de lady Cahill. Surpreendentemente, acabara seqüestrada e conduzida, em uma suntuosa carruagem, para uma cidade distante. As razões desse ato tornaram-se claras ao encontrar o enigmático Jack Carstairs, neto de lady Cahill.

Jack fora ferido na guerra, deserdado pelo pai e abandonado pela noiva. Desiludido, refugiou-se naquela propriedade para distanciar-se de todos. Mas Kate não aceitou tal reclusão, e resolveu arrancá-lo daquele mundo só dele! Jack, porém, estava decidido a não permitir que Kate o tirasse de seu mundo particular, onde estava livre de quaisquer sofrimentos e emoções!

PRÓLOGO

Kent, Inglaterra. Fim de verão, 1812.

— Não e não, papai. Não quero! Não pode forçar-me!

— Por favor, minha querida, em lhe imploro. Não sou eu quem deve informá-lo.

O homem alto de cabelos escuros esperava sozinho na sala de visitas e reagiu ao ouvir as vozes vindas de fora. Pronunciou uma imprecação, com a face contraída pelo sofrimento. Apoiado na bengala, flexionou uma perna devagar e a palidez súbita foi cedendo, com o abrandamento da dor.

Virou-se na direção dos sons e deu um puxão na gravata, arruinando o efeito que levara horas para conseguir. Suas roupas eram de boa qualidade, ainda que um pouco fora de moda e folgadas. O casaco sobrava dos lados, mas ajustava-se nos ombros. O cavalheiro era uma figura admirável. Alto, de ombros largos, moreno e bonito. Porém magro, quase macilento.

Jack Carstairs estava impaciente. Como se não bastasse ter ficado horas fechado em uma carruagem. Para continuar preso em uma sala da frente, por mais de meia hora.

Era demais para um homem que passara os últimos três anos ao ar livre, comandando tropas de Wellington na península. Ele abriu as portas francesas e foi para o terraço. No ar frio e puro, ouviu a voz doce e melodiosa da bem-amada.

Três anos e a espera chegava ao fim. Mais alguns minutos, voltaria a segurá-la nos braços e o pesadelo terminaria. Mancando, Jack foi em direção aos que conversavam do outro lado do terraço.

— Não, papai. O senhor tem de dizer-lhe. Não quero vê-lo — Júlia insistiu, amuada e petulante.

Jack nunca a ouvira falar daquele jeito.

— Está bem, minha querida, falarei com ele. Mas, por favor, terá de vir comigo. De outra forma, ele não acreditará.

Jack estacou. Havia um mês, antes de ser ferido, recebera uma carta doce e amorosa de Júlia. Viera no mesmo lote de correspondências que trouxera a notícia da morte de seu pai. Meses depois dos acontecimentos, como sempre acontecia na mala postal recebida na Península.

— Não quero vê-lo, não quero! — O tom era birrento. — Eu sei que ele mudou. Vi pela janela.

O pai tentava ser persuasivo, mas a filha sempre o dominava. Pelo menos, daquela vez, ele mostrava firmeza.

— Minha filha, isso era de se esperar. Afinal, a guerra muda as pessoas.

— Ele... está feio — Júlia esnobou. — Seu rosto está um horror. Jack passou os dedos na cicatriz visível que ia da têmpora à boca.

— E ele mal pode andar. Por favor, papai... não me faça falar com ele. Não agüentaria olhá-lo, com aquela perna esticada para a frente. Ah, antes morrer de que voltar desse jeito!

— Querida!

— Sei que parece crueldade, mas tenho vontade de chorar, quando penso no meu belo Jack e em como ele está agora. Não é possível!

— Tem certeza, minha filha?

— Claro que sim. O senhor mesmo me disse que o pai não deixou nada para ele. Não posso casar-me com um pobretão! — Ela bateu o pé. — Fico furiosa, só em pensar nisso. Tanto tempo perdido, *esperando*. Ele mal pode andar. Jamais dançaria comigo como antes...

Ela se lembrou dos momentos mágicos nos salões, quando era alvo da admiração de todos e da inveja das mulheres.

— Não papai, é impossível. — Ela bateu o pé de novo. —

Agora alegro-me por o senhor não haver permitido que anunciássemos o noivado formalmente, apesar de minha contrariedade na ocasião.

Jack já ouvira demais. Pálido e feroz, afastou as cortinas e entrou na outra sala.

— Acho que isso diz tudo, não é mesmo? — ele disse em voz baixa e dura.

Houve uma pequena agitação, quando os dois perceberam que ele ouvira a conversa. Não sabiam há quanto tempo ele estava do lado de fora. Jack claudicou até a porta e segurou-a aberta, para o pai de Júlia sair.

— Poderia deixar-nos a sós, sir Phillip? Sua presença não será necessária.

— Veja bem, Carstairs — sir Phillip Davenport ameaçou. — Não gosto de receber ordens em minha própria casa. Sei que deve ser um choque para o senhor, mas acredito que não está mesmo em condições de sustentar minha filha e...

— Pois não, sir — Jack interrompeu-o. — Mas presumo que terei permissão para ficar alguns minutos a sós com minha noiva.

A voz acostumada a comandar surtiu efeito. Confuso, o pai de Júlia deu alguns passos.

— Mas, eu... — Júlia interferiu.

— Pelo que eu saiba, nosso noivado ainda não foi desfeito e acho que tenho o direito de ser comunicado pessoalmente.

Jack tornou a apontar a saída para sir Phillip. — Não se preocupe, Davenport. Posso ter mudado em muitos aspectos, mas asseguro-lhe que ainda sou um cavalheiro. Sua filha estará segura em minha companhia.

Sir Phillip saiu, deixando a filha raivosa e envergonhada. Houve um longo momento de silêncio. Depois ela deu uma volta no recinto e o único ruído foi o farfalhar das saias. O andar estudado mostrou o corpo perfeito e exuberantemente vestido com as roupas mais finas de Londres, o penteado elaborado nos cabelos loiros, as jóias que adornavam o pescoço alvo e os pulsos.

— Jack, sinto muito se ouviu alguma coisa que não o agradou. — Ela deu de ombros com elegância e foi até a janela, de onde pareceu observar os belos jardins que se descortinavam para além do terraço.

Jack estava irado. A cicatriz ficava ainda mais aparente na palidez de seu rosto.

— Pelo amor de Deus, Júlia! Pelo menos poderia ter dito isso na minha cara, ou no que sobrou dela. Em primeiro lugar, em parte a culpa é sua, por eu estar nesta situação.

Ela voltou-se e fez um beicinho de indignação.

— Vejam só, como ousa culpar-me pelo que lhe aconteceu? Ele deu um riso sardônico e levantou os ombros dentro do casaco leve e surrado.

— Talvez não diretamente. Mas quando meu pai ordenou que eu terminasse com o nosso noivado, milady atirou-se em meus braços para impedir-me de concordar. E foi o que eu fiz.

— Mas como é que eu iria saber que aquele velho horrível iria deserdá-lo, só porque o senhor lhe desobedeceu?

— Aquele *velho horrível* era meu pai — Jack retrucou, com voz gélida —, e eu lhe avisei que ele o faria.

— Mas ele o idolatrava! Eu estava certa de que era um blefe!

— E se está lembrada, foi por isso que eu consegui uma patente na guarda real.

Júlia fitou-o com seus belos olhos e mostrou repugnância pelo rosto marcado e pela perna dura.

— Sim, e foi o que o arruinou! — Ela desviou o olhar.

— E... — Ele lembrou-se das palavras dela. — Jamais poderei dançar ou cavalgar.

— Isso mesmo. E também duvido que esta cicatriz horrorosa desapareça. — De

repente, ela pareceu dar-se conta de sua crueldade. — Perdoe-me, Jack, mas o senhor era o homem mais bonito de Londres, antes... — Apontou a cicatriz.

Júlia se revelava quem era na verdade. As facadas no peito de Jack foram acompanhadas pela dor, desilusão e raiva de si próprio. Por causa daquela mulher bela e fútil ele se desentendera com o pai.

Como Júlia, ele não acreditara que o pai fosse deserdá-lo. E o pai morrera sem perdoá-lo. O que mais doía em Jack não era a perda da herança, mas sim do amor do pai.

Júlia andou pela sala, sem conseguir encarar Jack. Ajeitou alguns enfeites e tirou outros do lugar.

Jack não tirava os olhos dela. Essa graça e beleza haviam-no sustentado nos piores momentos da vida. Pensar naquela jovem adorável que o esperava fora um sonho no meio do calor, da lama e do sangue da Guerra Peninsular.

Só um *sonho*, ele pensou, com amargura. Menina bonita, mas oca e insensível!

— Ah, Jack... — Ela virou-se e encarou-o. — O senhor já não é mais o homem com quem eu pretendia casar-me. Pode proporcionar-me a vida que planejamos? Não. Sinto muito. Por mais que isso possa ser doloroso para nós, deve concordar que não seria prático.

— E o que exatamente quer dizer *não seria prático*? — Ele foi sarcástico. — A perda de minha fortuna? Meu rosto marcado? Ou a idéia de dançar com um aleijado e tornar-se objeto de zombaria?

Ela cerrou os dentes, com medo da selvageria aparente.

— Não, não é mesmo *prático*. E agradeço a Deus por isso.

— Está dizendo que *é o senhor* que não quer casar-se *comigo*? — Júlia perguntou, indignada.

Jack fez uma reverência irônica.

— Não somente não quero, como estou quase agradecido a meu infortúnio que me abriu os olhos e livrou-me de um destino infeliz.

— Sr. Carstairs, o senhor não é um cavalheiro! — Ela empinou o busto, de uma maneira que antes o encantava.

O sorriso dele foi mais um esgar de nojo.

— E a senhorita não é uma dama. Não passa mesmo de uma rameira frívola, gananciosa e sem sentimentos. Agradeço a minha boa estrela ter descoberto a verdade a tempo. Deus ajude o coitado que vier a desposá-la.

Júlia bateu o pé, furiosa.

— Como ousa? Saia desta casa imediatamente! Está ouvindo? Aleij... ferido ou não, mandarei atirá-lo para fora!

Jack adiantou-se e ela recuou, com medo.

— Quero meu anel de volta e seu mordomo não terá o desprazer de pôr a mão em um aleijado.

Júlia levou a mão esquerda ao peito e cobriu o anel de diamante com a outra.

— Ah, mas sou tão afeiçoada a ele... — explicou, com voz infantil. — Eu o amei, Jack. Nada mais justo de que guardar uma lembrança sua, não é mesmo?

Ele fitou-a com asco, virou-se e saiu mancando daquela casa.

CAPÍTULO I

Londres, fim de outono, 1812.

— Meu bom Deus! Está me dizendo que viajou não sei quantos quilômetros para vê-lo e ele não a recebeu? — Lady Cahill fitou a neta. — Por favor, pare de chorar, Amélia, e conte-me a história! Do começo!

Amélia engoliu os soluços.

— A casa está em mau estado. Um horror! Embora os estábulos estejam bem conservados e...

— Não quero saber de cavalos! E meu neto?

— O criado disse-me que Jack não recebe ninguém.

— Como, *ninguém*?

— Isso mesmo, vovó. Jack mandou dizer que estava indisposto e agradecia por minha preocupação, mas lamentava não poder receber-me. A mim! Sua própria irmã!

Amélia procurou um lenço, enxugou as lágrimas e continuou:

— Insisti em ajudá-lo, mas o homem, um *estranho*, impediu-me de subir a escada. Entendi que Jack não estava doente, mas apenas bêbado e não queria ver ninguém! Segundo o criado, ele está assim desde que voltou de Kent.

— Kent, hein? Deus poderia ter-me concedido a graça de ele nunca ter posto os olhos naquela pequena Davenport atrevida e venenosa. Então o noivado acabou mesmo!

— Infelizmente, sim, vovó.

— Ótimo! Ele ficou livre daquela interesseira!

— Mas, vovó, ele está arrasado.

— Absurdo! Ele tem um coração forte. Tem meu sangue, não tem? Minha querida, quando chegar à minha idade, verá que tudo isso é bobagem. O corpo tem conserto e o coração também.

— Não é bem assim, não é, vovó? O empregado de Jack disse que a perna dele ainda não sarou e que dói muito, embora ele possa andar.

Lady Cahill pensou na aparência do neto favorito, antes de ir para as guerras da Espanha. Era um jovem alto, atlético. E depois...

— Nunca mais fale uma asneira dessas. Ouviu bem? Nunca! Ele continuará sendo o belo jovem que sempre foi. Pode escrever minhas palavras! Ele tem um espírito combativo.

— Não vi nada disso, vovó.

— Está querendo dizer que meu neto está fugindo do mundo só porque terminou seu noivado com a bela víbora sem coração? Ora! — Lady Cahill bufou. — Absurdo!

— Não só isso. Mas juntando o fato de ele não poder cavalgar, a grande quantidade de amigos que morreram na guerra... E ainda há o fato de papai... não ter-lhe deixado nada.

— Só Deus sabe que maluquice deu na cabeça de seu pai! Deserdou o menino, mas deixou-lhe "tudo o que fosse encontrado em meus bolsos, no dia em que eu morrer". Que loucura! Ele morreu após uma noite de carteados no White's. Se não houvesse deixado a escritura de Sevenoakes, o menino não teria nem um teto para morar!

Lady Cahill resmungou, desgostosa. Jack sofrerá vários golpes, um atrás do outro. Mesmo descontados os dramas de Amélia, teve a impressão de que ele não estava bem. Ele precisava de alguma coisa que o tirasse daquela angústia.

— O que foi, Fitcher? — a velha senhora perguntou, de mau humor, ao ouvir a leve batida na porta.

— Perdão, milady. — O mordomo fez uma mesura. — Esta carta chegou há alguns

momentos. — Ele tornou a curvar-se e deixou a missiva em uma salva de prata.

Lady Cahill apanhou a carta e franziu o nariz. Não reconheceu a letra.

— Hum... Nem mesmo veio com selo.

Ela quebrou o lacre. Leu a mensagem e atirou o papel de lado, frustrada.

— O que foi, vovó?

— Nem posso ler isso. Uma caligrafia horrível. Não posso imaginar quem mandou uma porcaria dessas. Jogue no fogo, menina!

A jovem apanhou a carta e alisou-a.

— Quer que eu tente?

Amélia tomou o resmungo da avó como anuência e leu, detendo-se em palavras ilegíveis e erros de ortografia, que eram muitos.

Milady

Sinto muito estar me dirigindo para a senhora desse jeito, mas não tenho costume de escrever para condessas e não posso pensar em mais ninguém para...

— Um pedido de esmola! — A condessa viúva sentiu-se ultrajada. — Para o fogo com isso!

— Espere, vovó — Amélia contestou e leu mais adiante. — Deixe-me terminar.

...minha pobre menina agora foi deixada sozinha no mundo, sem nenhum parente, e é uma vergonha que a filha de gente de elite tenha de trabalhar tanto para sobreviver...

Os olhos de lady Cahill brilharam de ódio.

— Por Deus, ela está tentando impingir-nos uma das filhas ilegítimas de seu pai!

— Vovó!

— Não seja fingida, Amélia! Sabe muito bem que seu pai teve muitos casos depois que ficou viúvo e nenhum deles teve importância. Mas isso nada tem a ver conosco. Ele deve ter deixado amparados os bastardos. Era um cavalheiro, embora fosse um tolo! Agora atire essa porcaria no fogo!

Mas a neta continuou a ler.

— Espere, vovó, ouça isso.

...e sendo que sou sua velha ama, mesmo que digam que não sou boa para ser ama da filha de um vigário, preciso contar para milady que foi tão boa madrinha de Maria, sua santa mãe...

Lady Cahill endireitou-se, interessada.

...e sua única filha agora não tem ninguém e precisa fazer serviço que não quer fazer e também não tenho como ajudar. Assim, imploro para milady fazer o favor de ajudar a menina Kate porque Deus é testemunha que ninguém mais pode fazer isso. Cordialmente, Martha Betts.

— A senhora conhece essas pessoas, vovó?

— Acho que sim. — A avó pegou a carta para examinar. — A jovem deve ser filha de minha afilhada Maria Delacombe, Farleigh de casada. Casou-se com um pastor e morreu ao dar à luz uma menina... Isso foi há uns vinte anos. Antes disso ela teve dois meninos, de cujos nomes não me recordo. Depois da morte dela, perdi o contato com a família.

A condessa espiou o endereço.

— Parece que é de Bedfordshire. Hum... O que pode ter acontecido ao pai e aos irmãos? — Lady Cahill franziu a testa e deixou a missiva em cima de uma mesa lateral.

— O que pretende fazer, vovó?

Lady Cahill tocou a campainha. Pediu xerez e biscoitos.

Durante o jantar, com a presença do marido de Amélia, lady Cahill anunciou a decisão, enquanto tomavam sopa-creme de agrião.

— Mas, vovó, tem certeza? — Amélia perguntou, aflita. — A viagem é muito longa. E se Jack não a receber?

— Não seja ridícula, Amélia! Em toda a minha vida e neste vasto reino, não houve quem negasse a minha entrada em algum lugar. Vou para onde quiser. Minha filha, sou uma Montford por nascimento e ninguém, nem mesmo meu neto favorito, me dirá o que devo ou não devo fazer!

Ela bateu levemente na boca com o guardanapo e derramou o xerez na sopa.

— Porcaria sem sabor!

Dali a pouco, ela empurrou os pedaços de perdiz para a beira do prato.

— No caminho, visitarei a filha de Maria. Não a deixarei passar fome. Não posso permitir que a filha de Maria Farleigh trabalhe como uma camponesa. Ora! A mãe de Maria se viraria no túmulo. Ela foi uma tola em deixar a filha casar-se com um pároco sem vintém.

A velha senhora franziu a testa.

— Farleigh era de uma ótima família, mas pobre como Jó. Vigário! Ah!

Ela suspirou e, fatigada, endireitou os ombros magros. Empurrou o prato e pediu mais xerez, antes de mudar de assunto.

— Vou tirar aquele menino da depressão e o mantereí ocupado. Lady Cahill ignorou a carne ensopada, a torta, os legumes na manteiga e o salmão. Serviu-se de um pedaço de torta de limão.

— Não posso deixá-lo afundar naquele fim de mundo de Leicestershire, só com um criado para conversar. Como se alguém precisasse deles!

Era um comentário interessante para uma velha dama que tinha a seu dispor mordomo, camareira, cozinheiro e ajudante, governanta, vários lacaios e criadas, copeira, cocheiro e dois cavaleiros.

— Claro que não, vovó. — Amélia resignou-se e abaixou a cabeça.

— Não fique corcunda em cima do prato, menina. Deus, não sei como essa geração pode ser tão mal comportada. No meu tempo, isso não seria tolerado.

O som da aldrava ecoou na pequena cabana vazia. Era a hora que ela esperava e temia. O momento em que deixaria de ser Kate, a filha espreitada do vigário Farleigh, para tornar-se Farleigh, a criada, uma pessoa invisível.

Kate estremeceu. Não havia retorno. Seu coração disparava. Era como se fosse pular em um precipício. Só que já fora empurrada há muito tempo e não havia outra escolha...

Kate endireitou os ombros, suspirou e abriu a porta.

Diante dela surgiu uma pequena dama arrogante, já idosa, vestida com peles suntuosas e que a encarou com brilhantes olhos azuis. Atrás dela, estava parada uma carruagem elegante.

— Em que posso ajudá-la?

A carta da sra. Midgely não fizera nenhuma referência à riqueza e aristocracia evidentes de sua nova empregadora. E nem que a dama viria pessoalmente buscá-la.

A velha senhora não respondeu e examinou-a de alto a baixo.

A jovem era muito magra e não era nenhuma beldade, lady Cahill refletiu. Mas lembrava a beleza da mãe. Na estrutura óssea e nos olhos. Quanto ao resto... Os cabelos eram castanhos e comuns. Estavam presos em um coque, sem anéis, cachos ou fitas, como se usava.

Na verdade, nada naquela moça lembrava a moda. O vestido preto era ruço, deselegante e largo, embora muito limpo.

Kate corou sob o olhar azul e levantou o queixo. Será que a mulher era surda?

— Em que posso ajudá-la? — Kate repetiu mais alto, com a voz rouca de menino.

— Ah! É exatamente o contrário!

Kate fitou-a, espantada pelo cumprimento estranho.

— Bem, minha jovem, não me deixe ficar esperando aqui na entrada, exposta aos olhares dos camponeses idiotas! Não sou uma atração de feira. Convide-me para entrar!

Ora! Isso são os modos da nova geração! Não sei o que sua mãe diria a isso!

Lady Cahill empurrou Kate e entrou no casebre. A mobília era escassa e havia lugares mais claros na parede onde antes quadros eram pendurados. Tudo em mau estado, e não havia fogo, que nessa época do ano deveria estar crepitando na grelha.

Seria pior do que esperava, Kate pensou, engolindo em seco. Mas não poderia dar-se ao luxo de desprezar a nova empregadora. A única que mostrara interesse.

— Presumo que tenho a honra de saudar a sra. Midgely. A velha dama bufou.

Kate, indecisa quanto ao significado do som, concluiu que fosse de concordância.

— Posso deduzir, madame, por ter vindo pessoalmente, que me considerou adequada para o posto.

— Hum! Qual a sua experiência nesse tipo de trabalho?

— Pouca, madame. Sei arrumar cabelos e costuro bem. Bem? Que mentira!, Kate admoestou-se. Embora uma boa passada com um ferro quente de engomar fizesse desaparecer as deficiências. E ela precisava demais do emprego. Tinha certeza de que faria uma bela costura, se precisasse.

— Onde trabalhava antes?

— Eu cuidava da casa para meu pai e meus irmãos. Como pode ver... — Ela apontou a roupa preta. — Ainda estou de luto.

— E o resto de sua família?

A mulher era arrogante e intrometida. Certamente seria uma patroa exigente. Kate apertou os dentes. Não havia escolha. Teria de agüentar o interrogatório.

— Não tenho mais família, madame.

— Ah! Parece ser uma jovem bem-nascida. Por que não se candidatou a um posto de dama de companhia ou governanta?

— Não fui educada para isso. "Na verdade, para nada", pensou. A mulher tornou a bufar.

— A maioria das governantas que conheci eram mal preparadas para o cargo. Conhecimentos superficiais de francês ou italiano, um pouco de bordado, pintura em aquarela, algumas notas no piano ou na harpa. Só isso. Não vai me dizer que nem isso sabe fazer. Seu pai era um erudito!

"Sim, mas por ser uma menina ele achava que não valia a pena perder tempo em educar-me", foi a frase que quase escapou dos lábios de Kate.

A raiva por estar sendo interrogada com rigor não a deixou perceber que a dama se referia à escolaridade de seu pai. Se a sra. Midgely pretendia uma Kate prendada, ela não a desapontaria. Algumas mulheres apreciavam ter pessoas refinadas a seu serviço e assim mostrar-se perante os outros.

— Aprendi um pouco de grego e latim com meus irmãos, — as expressões rudes, diga-se de passagem, e conheço rudimentos de matemática.

"Posso regatear o preço de uma galinha com o mais astuto dos aldeões portugueses", ela refletiu.

De repente ocorreu a Kate que talvez a sra. Midgely gostaria de dar-lhe o cargo de preceptora dos netos. Resolveu florear a verdade, que achava difícil de ser descoberta.

— Sei que é difícil alguém oferecer o cargo de tutor a uma mulher. Não tenho habilidade com pintura e nunca aprendi a tocar um instrumento musical... — A filha indesejável do vigário crescera como uma planta selvagem e nunca aprendera a ser uma lady. — Mas falo um pouco de francês, espanhol e português.

— Então por que não procurou um emprego como dama de companhia?

Kate tentara inúmeras vezes. Respondera a inúmeros anúncios. Mas não tinha referências e ninguém que a recomendasse. Uma pessoa de Lisboa escrevera para uma das vizinhas e de repente ela se tornara *persona non grata* para pessoas que a conheceram a vida inteira. Muitos se lembravam dela como a garota turbulenta. Como também predisseram que a filha do reverendo teria um triste fim. E estavam certos.

Morar no serviço não deveria ser tão ruim, ela refletiu. Pelo menos teria companhia, em meio às inúmeras criadas de uma residência. A vida de uma serva era mais difícil do que a de uma dama de companhia. E o que a assustava era a solidão e não o trabalho duro.

Por outro lado, uma dama de companhia seria forçada a ter vida social. E ela não pretendia encontrar ninguém que a conhecesse. Seria doloroso e humilhante. Não queria passar por isso novamente. Mas não podia explicar nada disso àquela mulher autocrática.

— Madame, ninguém contrata uma dama de companhia ou uma governanta sem referências.

— Seu pai não tinha conhecidos?

— Tinha, senhora. Mas meu pai e eu vivemos no exterior nos últimos três anos. Não tenho idéia de como encontrar nenhum deles. Os apontamentos de meu pai se perderam... quando ele morreu.

— No estrangeiro! — a dama horrorizou-se. — Bom Deus! Com Bonaparte destruindo tudo! Como pôde o tolo de seu pai arriscar-se tanto? Ou será que estiveram na Grécia ou na Mesopotâmia, e não no continente?

Velha bruxa! Não responderia à pergunta.

— Então, senhora, estou empregada?

— Como minha criada? Claro que não. Nunca ouvi nada tão ridículo.

Kate quedou-se atônita.

— Não estou precisando de empregados. E não foi por isso que vim aqui.

— Então não é a... sra. Midgely? — Kate corou, indignada. A mulher bufou mais uma vez.

— Não, não sou.

— Então, senhora, posso perguntar-lhe quem é e com que direito entrou em minha casa para interrogar-me? — Kate não procurou esconder sua raiva.

Lady Cahill sorriu.

— O direito de uma madrinha, minha querida.

— Minha madrinha morreu quando eu era criança.

— Minha filha, sou lady Cahill e sua mãe era minha afilhada. — Ela pegou no queixo de Kate. — Está muito parecida com ela nessa idade, principalmente os olhos. Eles eram o que ela tinha de melhor. Porém não gosto destas olheiras nos seus. E também está muito magra. Temos de fazer alguma coisa a respeito.

Lady Cahill soltou-lhe o queixo.

— Será que pretende oferecer-me uma cadeira, minha jovem? Aquela senhora conhecera sua mãe!

— Sinto muito, lady Cahill, mas a senhora pegou-me de surpresa. Por favor, sente-se. — Kate apontou um canapé puído. — Sinto não poder oferecer-lhe nada...

— Não se incomode. Não vim aqui para isso. Estou viajando e nessas ocasiões não tolero comer.

— E por que veio aqui, milady? Certamente não foi por acaso. Há anos que a senhora perdeu o contato com minha família.

— Hum. — Ela observou a jovem com astúcia nos olhos azuis. — Bem, minha jovem, a sua objetividade vem de encontro à minha franqueza. Muito bem, estou aqui para ajudá-la.

Os olhos verde-acinzentados de Kate faiscaram, mas ela respondeu com calma.

— Lady Cahill, o que a faz pensar que preciso de ajuda?

— Não seja tola, menina, eu não suporto isso! É bem evidente que está passando necessidades. Está usando uma roupa que eu não deixaria uma empregada usar nem como guarda-pó. Esta casa não tem nenhum conforto e nada para oferecer-me... Sente-se, garota!

Kate continuou em pé, furiosa.

— Obrigada por sua visita, lady Cahill. Não preciso ouvir mais nada. A senhora não tem direitos sobre mim. Muito menos o de entrar em minha casa e insultar-me. Eu agradeceria se fosse embora.

— Sente-se, já disse! — A dama, irada, expressou-se com autoridade.

Ambas se encararam e Kate sentou-se devagar, controlando a raiva.

— Lady Cahill, escutarei o que tem a me dizer, porque as boas maneiras não me deixam outra alternativa. Terei de agüentar a sua companhia, pois a senhora recusa-se a sair, e não fica bem para uma jovem da minha idade atirar para fora uma mulher bem mais velha!

Para surpresa de Kate, a outra caiu na risada e gargalhou até as lágrimas escorrerem pelo rosto enrugado e pintado.

— Ah, minha querida, pelo que vejo, além dos olhos, herdou o temperamento de sua mãe.

Lady Cahill apanhou um lenço delicado de dentro de sua bolsa e secou as lágrimas com ele.

Kate descontraíu-se, sem entender. Kate odiava seus olhos e sabia que eram iguais aos da mãe. O pai lhe dissera isso. O pai cuja filha lembrava-o da esposa amada que morrera ao dar à luz um bebê com olhos verde-acinzentados.

— Agora, minha criança, não seja tão tola e teimosa. Sei tudo sobre a situação crítica em que se encontra...

— Senhora, posso perguntar-lhe como?

— Recebi uma carta, aliás muito mal escrita, de Martha Betts, onde ela informa que Kate está órfã, destituída e sem perspectivas.

Kate apertou as mãos e ergueu o queixo, orgulhosa.

— A senhora está mal informada. Martha teve boas intenções, mas ela não conhece toda a história.

— Então a carta é mentirosa.

— Não... Bem... Meu pai morreu no exterior há alguns meses. Meus dois irmãos também. — Kate piscou com força para afastar as lágrimas.

— Aceite minhas condolências, minha filha. Gostaria de escutar o que tem para me dizer.

— E por que a senhora quer imiscuir-se em meus assuntos pessoais?

— Por uma promessa que fiz à sua mãe.

A mãe cuja vida ela havia tirado, Kate refletiu, com amargura. Sua mãe que levava para o túmulo o coração do marido.

— Suponho que terei de aceitar...

— Está se mostrando mais amável.

— Lady Cahill, posso muito bem dar um jeito...

— Ah! A sra. Midgely!

— Sim, eu...

— Não precisa morder, criança! Sei que sou uma velha sem papas na língua, mas na minha idade uma pessoa pode dar-se ao luxo de fazer isso. Minha filha, tente raciocinar. É óbvio que qualquer cargo oferecido por uma sra. Midgely não servirá para a filha de Maria Farleigh. Uma criada, essa é boa! Ora, nem pensar! Não adianta. Terá de vir morar comigo.

Com uma velha senhora tão aristocrata? Ao que tudo indicava, situada em um das mais altas posições sociais? Que a levaria aos bailes, à ópera... Um sonho há muito acalentado por Kate.

Que então lhe parecia um pesadelo.

A oferta viera tarde demais. Uma ironia dolorosa em sua vida cheia de sofrimentos e sarcasmos.

— Lady Cahill, eu lhe agradeço a oferta generosa, mas não posso incomodá-la.

— Menina tola! Ficou louca? Não é um convite que se possa desprezar. Considere o que está envolvido. Terá uma vida adequada às suas origens e assumirá a posição que lhe cabe na sociedade, Não se trata de uma vida de servidão e trabalhos pesados.

— Eu entendo, madame — Kate disse, a meia voz. Perdera o direito a uma posição social, na Espanha. — Apesar de agradecer muito por sua preocupação, não posso aceitar seu convite generoso.

— Será que não entende o que estou lhe oferecendo, menina idiota?

— Caridade — Kate concluiu, corajosa.

— Conversa! — A viúva agitou a mão. — Caridade é uma palavra imbecil.

— Seja lá o que for, milady, o ato permanece o mesmo — Kate afirmou, com dignidade. — Prefiro ganhar meu próprio sustento. Mas agradeço a sua oferta.

Lady Cahill sacudiu a cabeça, desgostosa.

— Meninas de boa família ganhando a vida! Que porcaria! Em meu tempo, uma jovem obedecia aos pais sem dar um pio. E levava uma boa surra se não o fizesse!

— Mas, lady Cahill, a senhora não é minha mãe. Não tenho de obedecer-lhe.

— Ah, não? Muito bem, então ajude-me a ficar em pé. Meus ossos estão endurecidos pela viagem sobre essas trilhas esburacadas que chamam de estradas.

Kate adiantou-se, surpresa pela rápida rendição da outra. Ajudou-a a levantar-se e conduziu-a até a porta, com solicitude.

— Obrigada, minha querida. — A viúva saiu. — Onde vai dar isso? — Ela apontou um caminho em mau estado.

— Na floresta, senhora, e também no riacho.

— Para quem gosta, a região campestre é muito agradável — foi o comentário de uma habitante da cidade.

— Eu gosto muito, senhora. Adoro caminhar por entre as árvores, principalmente de manhã, quando o orvalho ainda está nas folhas, na grama e é iluminado pelo sol.

— Impressionante — lady Cahill murmurou. — Bem, chega. Faz um frio danado aqui fora, quase tanto quanto na sua pequena cabana. Resolveremos o assunto na carruagem. Pelo menos poderei pôr meus pés nos tijolos quentes.

— Mas eu pensei...

— Que foi clara o bastante?

Kate anuiu.

— E foi, minha querida, e foi. Ouvi cada palavra que disse. Agora não discuta comigo. A discussão terminará quando eu disser que terminou e não antes. Siga-me!

Gesticulando com imposição, ela dirigiu-se até o coche e permitiu ao criado que a ajudasse a subir. Envolta em peles, tratou de providenciar para Kate embrulhar-se em uma luxuosa manta de viagem de pele e descansar os pés sobre um tijolo quente. Kate suspirou. Parecia ridículo sentar-se em uma carruagem daquelas, para discutir uma proposta que ela não tinha intenção de aceitar. Mas não havia como negar, o coche era muito mais quente de que a cabana.

— Confortável?

— Sim, obrigada — Kate respondeu, com polidez. — Lady Cah... A velha senhora bateu no teto com a bengala. Com um desvio súbito, o veículo saiu rodando.

— Mas o que... — Assustada, Kate fitou a cabana que ficava para trás.

Por um momento, pensou em atirar-se para fora, mas o coche já rodava depressa demais.

— O que está fazendo? Para onde está me levando? Quem é a senhora?

A velha senhora riu.

— Já lhe disse, minha filha. Sou lady Cahill. E não se assuste, não correrá nenhum perigo.

— Mas o que está fazendo?

- Mas não é óbvio? Acabo de raptá-la!

CAPÍTULO II

— Isto é ultrajante! — Kate engasgou. — Como se atreveu a fazer isso? A velha senhora deu de ombros.

— Minha filha, posso ver que é tão teimosa quanto a sua mãe. Para ser franca, não tenho tempo de convencê-la a ficar comigo e para não trabalhar como criada ou qualquer absurdo semelhante. Pretendo chegar esta noite na casa de meu neto, em Leicestershire. Agora seja uma boa menina, fique quieta e deixe-me dormir. Viajar já é desgastante, mesmo sem ter uma menina tola reclamando a meu lado.

Lady Cahill enrolou-se ainda mais nas peles e fechou os olhos.

— Mas minha casa... minhas coisas... Martha. A velha levantou uma pálpebra.

— Martha conhece minhas intenções a seu respeito e ficou aliviada em saber que a menina iria morar comigo até aparecer um marido conveniente. Um criado vai trancar sua casa e entregará as chaves para Martha.

Lady Cahill tornou a fechar os olhos.

Kate calou-se, aborrecida por ter sido enganada. E humilhada, por suas dificuldades terem sido descobertas. Suspirou. Não adiantava lutar. Teria de ir para onde a levassem e ver o que poderia ser feito.

Marido.

Não. Nenhum homem decente a aceitaria. Olhou pela janela do veículo, sem nada ver. Só enxergava Harry indo embora, incapaz de esconder o nojo e o desprezo do olhar.

Amava Harry desde que se conhecia por gente. Tinha nove anos quando o conhecera. Ele era um garoto de dezesseis, alto, arrogante e não se aborrecia com a menina endiabrada que não o largava. E que servia de criada para ele e o melhor amigo, Jeremy, que era irmão dela.

Quando Kate estava com dezessete, ele a beijara e se declarara no pomar, antes de partir para a guerra.

Poucos meses antes, ela se deparara com um Harry totalmente diferente. Um estranho que lhe virou as costas, como todos os outros.

Kate mordeu o lábio, amargurada. Jamais passaria por aquilo outra vez. Era doloroso demais amar um homem e, da noite para o dia, ver o amor ceder lugar a um desdém gelado.

O coche passou por um sulco profundo, o que sacudiu as passageiras. Kate fitou lady Cahill. A dama apenas ajeitou as peles, de olhos fechados e com o rosto impassível sob as camadas de cosméticos.

Não pretendia casar-se, Kate refletiu. Seria uma daquelas mulheres que permaneciam solteiras, mas felizes e úteis. Só precisava de uma oportunidade. E talvez lady Cahill a ajudasse a começar...

O luar iluminava o caminho e a carruagem parou em frente a uma casa enorme, melancólica e escura.

Uma figura noturna espiava por uma das janelas do segundo pavimento.

Irritado, Jack Carstairs levou a taça aos lábios. Sabia muito bem que a avó deveria estar cansada. Não podia mandá-la voltar. E sua avó, esperta como era, sabia disso. Tanto que mandara a camareira na frente, com o intuito de deixar tudo pronto para a chegada noturna.

Em troca, Jack restringira a permanência na casa apenas à criada particular da avó. Mandara os demais membros da comitiva para a estalagem do vilarejo. Isso abreviaria a visita da avó, que gostava de muita mordomia.

A porta da frente abriu-se e um casal de criados desceu correndo os poucos degraus da entrada. Antes de o cocheiro desmontar, a mulher correu para abrir a

portinhola do coche.

— Ah, milady. Finalmente! Estava muito preocupada com a demora.

Lady Cahill cambaleou, visivelmente exausta.

Kate fez menção de auxiliar, mas a criada impediu-a.

— Pode deixar. Tomarei conta de milady. Sei perfeitamente o que devo fazer! — A serva ajudou lady Cahill a entrar, assistida pelo empregado.

Kate quase caiu ao descer, pois os cavalos deram um puxão para a frente. Apavorada, ela sentiu uma tontura forte e acabou mergulhando na escuridão.

O homem à janela observou sem interesse a jovem cair e esperou que ela se erguesse, imaginando que devia ser mais uma das servas da avó.

Fora um idiota em recusar-se a receber a irmã. Mas ele bebera demais. Como também não desceria, se a avó pedisse para vê-lo aquela noite. Continuou a olhar pela janela e franziu o cenho. A pequena figura amontoada no chão frio continuava imóvel.

O que havia de errado com a moça? Teria se machucado? Lá fora estava gelado. Um pouco mais de permanência no solo úmido e ela se arriscaria a ficar bem doente.

Blasfemando, ele afastou-se da janela e desceu a escada mancando. Não havia ninguém embaixo. Ouviu vozes no andar de cima. A avó devia estar sendo atendida pela única criada à disposição.

Jack apressou-se a sair, chegou até a jovem caída e curvou-se, desajeitado.

— A senhorita está bem? — Ele passou a mão no rosto frio. Ela estava inconsciente. Tinha de tirá-la do frio. Dobrou a perna dura com dificuldade e ergueu a jovem de encontro ao peito. Felizmente os braços não haviam perdido a força.

Deus do céu! Ela pesava menos de que um pássaro! Era apenas um monte de ossos!

Jack carregou-a até a sala de estar e deitou-a sobre um canapé. Acendeu a vela de um castiçal e examinou-lhe o rosto. Pálido e sem vida. Um perfume indefinível, puro e fresco, emanava dela.

Pôs um dedo sobre os lábios dela e esperou. Sentiu a respiração morna e acalmou-se. Mas o que fazer com mulheres desmaiadas? Apostava que ela acordaria e começaria a gritar. Jack foi até a porta.

— Carlos!

Não houve resposta. Droga! Pôs conhaque em um copo. Passou um braço por baixo da jovem, ergueu-a um pouco e derramou-lhe uma dose generosa na boca. Imediatamente ela reviveu, tossindo e agitando os braços.

— Devagar — ele disse, irritado.

— O que... — Kate cuspiu, quando ele forçou-a a tomar mais um gole.

Engasgou ao sentir a garganta queimar e encarou-o, feroz.

— É conhaque.

— *Conhaque?* — Ela lutou para respirar.

— A senhorita precisava de algo que a reanimasse.

— Reanimar?

Kate relanceou um olhar pelo recinto estranho e parou no rosto ensombreado do homem que a segurava. O pulso disparou. Em pânico, tentou soltar-se. Mas estava segura por mãos fortes, suaves e implacáveis.

— A senhorita desmaiou lá fora, — Jack segurou-a até ela sossegar. Depois afrouxou a pressão dos dedos e levantou-se. — Se eu soubesse que era uma gata selvagem, eu teria pensado duas vezes antes de tirá-la daquele chão frio e úmido da entrada e dar-lhe meu melhor *brandy*.

Kate fitou-o, espantada.

— Eu... sinto... muito. Ando muito nervosa... "Principalmente quando acordo e me encontro em companhia estranha, sem saber o que aconteceu", ela cismou.

Sentia pontadas na cabeça. Teria desmaiado por alguns minutos, como ele

dissera, ou seria uma falha na memória que durara dias ou semanas, como já acontecera?

Tocou na ponta da leve cicatriz na base do crânio. Olhou para baixo e sentiu-se aliviada. Lembrou-se de haver vestido as roupas pela manhã... lady Cahill... a longa viagem. Estava tudo bem. Não era como antes...

Mas quem seria o homem que a fitava? Cenho franzido, nariz longo e aquilino, queixo forte e olhos infinitamente azuis que brilhavam à luz da vela. Piscou, para voltar à realidade. Ele afastou-se, desconfortável sob o escrutínio dela e escondeu o rosto novamente na sombra.

— Tenho mesmo de pedir-lhe perdão — Kate murmurou e tentou recompor-se. — Eu não... Eu estava confusa.

— Está doente? — A voz dele era profunda.

— Não, acho que não. É que... deve ser porque não como há vários dias, isto é, várias horas.

Kate tentou sentar-se, mas a tontura não a abandonou. Jack segurou-a pelo braço e recostou-a nas almofadas.

— Não tente mover-se — ele ordenou. — Fique aí. Voltarei já. Ele saiu da sala e Kate sentou-se, com uma das mãos na têmpora. Sentia fraqueza e tremor. Bebida no estômago vazio. Balançou a cabeça e teve de agarrá-la, com um gemido. Fechou os olhos para o recinto parar de rodar.

— Isto aqui fará com que se sinta melhor.

Ela abriu os olhos, ao ouvir a voz seca e profunda. Diante dela havia um prato com um pedaço de pão e outro de carne fria. Apetitoso. Ela fitou o homem em pé à sua frente e sorriu.

— Ah, muito obrigada. E muita bondade sua... Acho que o *brandy* deixou-me ainda mais tonta.

Kate procurou comer pedaços pequenos, mastigando devagar e delicadamente.

Jack não tirava os olhos dela, ainda surpreso com a doçura daquele sorriso. A moça fingia comer sem interesse, apesar de esfomeada. E quem era ele para reparar em orgulho? Ela era mesmo um enigma, com aquela altivez, apesar das roupas surradas.

— Mas, afinal, quem é a senhorita?

A questão arrancou-a do entusiasmo da primeira refeição em dias.

— Meu nome é Kate Farleigh. — Ela voltou a comer.

— E quem é Kate Farleigh?

Ela refletiu, enquanto mastigava. Não era mais a filha do reverendo Farleigh, nem irmã de Jeremy e Benjamin. Certamente não mais a noiva de Harry Landsdowne. E nem mesmo tinha uma casa.

— Acho que ela não é ninguém.

— Não brinque. Quem é e o que está fazendo aqui? Sei que veio com minha avó.

Avó? Então ele era o dono da casa. Jack Carstairs.

A comida melhorara muito seu ânimo e ela sentiu-se bem melhor. Ela quase sorriu ante o tom aflito. Era claro que ele não a queria ali.

— Não me culpe por isso. — Lambeu a última migalha. — Afinal, eu não queria vir.

— O que quer dizer com isso? — Carrancudo, observou-lhe o movimento da língua rósea. — Qual a sua relação com minha avó?

Vítima de rapto? Um caso de caridade? Uma afilhada falsa? Nada disso agradaria a um neto. De mais a mais, seria ingratidão aborrecer um homem que lhe servira uma refeição tão deliciosa, chamando um parente de raptor.

— Não tenho certeza se posso responder. O senhor terá de perguntar a lady Cahill. — Kate levantou-se. — Muito obrigada por sua bondade, sir. A comida estava deliciosa e eu fiquei faminta depois da viagem.

Ela deu dois passos em direção à porta e parou. Entendeu que não tinha para

onde ir.

— Por favor, onde poderei dormir?

— E como é que vou saber? Acha que vou preocupar-me com isso, se nem ao menos sei quem é?

A rudeza certamente era um traço de família, Kate decidiu.

Isso também pouco importava. Com o estômago cheio, ela perdoaria o mundo inteiro. Acharia uma cama sem a ajuda dele. Encontrara alojamentos na Espanha e em Portugal. Não era possível que não encontrasse uma cama naquela casa de campo inglesa.

— Muito bem, sir. Desejo-lhe boa noite. Mais uma vez, obrigada por sua hosp... — corrigiu-se em tempo —, pela comida.

Começou a subir a escada, com determinação. A meio do caminho, os joelhos curvaram-se.

— Maldição!

Jack capengou rapidamente até a escada e amparou-a, quando ela desmaiou pela segunda vez. Carregou-a até um quarto próximo e deitou-a cuidadosamente na cama. Observou-a por um bom tempo. Quem seria?

Sob a luz suave de uma vela, ele analisou-a. Era magra demais. A pele delicada afundava nas maçãs do rosto. O ombro aparecia sob o vestido folgado e estava arrepiado pelo frio da noite. Se ele não a tivesse visto desmaiar pela janela, ela ainda estaria do lado de fora. E a noite estava gelada. Poderia até não ter sobrevivido.

Por ora, não procuraria respostas. Abaixou-se e tirou-lhe os sapatos. Tinha certeza de que deveria soltar-lhe o espartilho, mas seria correto? Ora, já era bastante impróprio ficar ali com aquela jovem.

Estremeceu e curvou-se sobre o corpo inerte. Procurou na cintura os cordões para desamarrar. Meu Deus, como ela era magra! Aliviado, constatou que ela não usava nenhum corpete, não precisava dele e provavelmente nunca tivera um.

Cobriu-a com cobertores grossos. Ela se mexeu e abriu os olhos. Piscou, sorriu e acariciou-lhe o rosto com a mão gelada.

— Boa noite, Jemmy. — E cerrou as pálpebras.

Jack estacou, antes de endireitar-se devagar. Levou a mão à face direita, onde ela o tocara. Passou os dedos, como já fizera milhares de vezes, pela cicatriz horrível.

Fez uma careta e saiu do quarto.

Kate acordou na manhã seguinte com o som de galope de cavalos. Espantou-se de estar em um lugar estranho. O quarto era grande. A mobília, que já fora suntuosa, era desbotada, cheia de poeira e gasta.

Sentou-se, surpresa por estar vestida e sem sapatos. Como chegara até ali? O que se lembrava da noite anterior não fazia sentido. Era um sentimento familiar e assustador.

Podia jurar que vira seu irmão Jeremy.

Lembrava-se vagamente daquele rosto ferido olhando para ela. Mas isso era impossível. Jeremy jazia em uma campa fria na Espanha. Saiu da cama e foi até a janela. Estremeceu com o ar frio da manhã.

A paisagem era bela e árida. O solo brilhava sob os raios pálidos de sol. Com exceção de alguns passarinhos valentes, nada se movia. Embaixo da janela, uma trilha de patas de cavalo imprimia sua marca na superfície prateada da grama gelada.

Viu um cavalo galopando sozinho, com as rédeas soltas no pescoço. Ia na direção do pequeno bosque de carvalhos. Devia ter escapado de algum lugar. Sentiu inveja. Também gostaria de sair ao ar livre e correr para a floresta. Livre e solta no ar frio da aurora.

Sentia saudade de sua égua espanhola e das cavalgadas matinais, quando imaginava voar. Podia correr livremente ao amanhecer, enquanto seu pai ainda dormia.

Virou-se e viu a própria imagem em um espelho de parede. Que horror! Cachos

castanhos desalinhados em todas as direções. Um verdadeiro porco-espinho, como a chamaram inúmeras vezes. Rapidamente tirou os grampos remanescentes e prendeu os cabelos como de costume.

Alisou as roupas e não gostou dos vincos. Procurou uma jarra de água para lavar-se, mas não viu nenhuma.

Pé ante pé, para não acordar os moradores, saiu do quarto e desceu a escada, à procura da cozinha. Não viu ninguém. Uma mansão daquele tamanho certamente deveria ter muitos servos ocupados nas tarefas matinais, à espera de que o senhor acordasse.

Quanto mais olhava, mais se surpreendia. Para onde lady Cahill a trouxera? O assoalho rangia. A barra das saias carregava nuvens de poeira para baixo dos móveis. A mobília, embora elegante, estava coberta por uma grossa camada de pó.

O sol da manhã mal penetrava pelas janelas encardidas que não estavam cobertas pelas cortinas desbotadas. Em todos os cantos, havia inúmeras teias de aranhas. Negligência e abandono, como se a casa fosse desabitada.

O ambiente sujo e estragado nada tinha a ver com os modos, as roupas e os servos de lady Cahill. Era a casa do neto. Por que ele não vivia do mesmo modo que a avó?

Kate estremeceu. O mistério seria decifrado mais cedo ou mais tarde. Por enquanto, ela precisava de água quente e comida.

Finalmente, descobriu a cozinha. Desolada, comprovou que o lugar parecia um chiqueiro. O chão não era limpo havia semanas. Não havia fogo na grelha e cinzas misturavam-se aos detritos do solo. Restos das refeições anteriores e pilhas de pratos sujos estavam largados no local onde se lavava a louça.

Podia ser a casa mais estranha que já conhecera, mas só havia um jeito de tomar um café da manhã decente. Kate arregaçou as mangas e enfrentou a sujeira.

Que ironia, ela pensou. Limpar as cinzas da grelha e acender o fogo. As más ações de sua juventude haviam-lhe propiciado as únicas habilidades femininas que possuía.

O reverendo Farleigh só falava com a filha irrequieta e endiabrada quando ela se comportava mal.

Da longa lista de crimes de Kate constava subir em árvores, cavalgar como homem e sem arreios, atirar bolas de críquete nas vidraças. Voltar imunda para casa com os joelhos esfolados, cabelos emaranhados e um cordão de peixes roubados.

O pai aprendera cedo que não adiantava confinar a filha rebelde e transviada no quarto. Ela simplesmente pulava a janela. Era mais eficiente entregá-la à custódia da governanta, que a ensinara a trabalhar, limpar e cozinhar.

Quando jovem, Kate desprezara o trabalho. Anos mais tarde, ela agradeceria pelo conhecimento considerado desnecessário e impróprio para uma menina de sua classe.

A maioria das jovens de sua posição social teria recuado antes às tarefas que ela enfrentara. Mas as experiências de Kate na Guerra Peninsular habituaram-na aos horrores da imundície.

Aquela cozinha não era nada, em comparação aos casebres em que ela, o pai e os irmãos ficavam acampados durante as campanhas de sir Wellington.

Naquelas choças, ela havia descoberto a habilidade de criar um ambiente limpo e confortável para a família, onde quer que estivessem. E se encantara de saber que, pelo menos naquela hora, ela era realmente útil.

Pelo jeito, a sua perícia outra vez se fazia necessária.

Uma hora e meia mais tarde, Kate olhou ao redor com satisfação. A cozinha parecia limpa, embora o piso ainda precisasse de uma boa esfrega. Havia lavado e secado toda a louça de barro, copos, vasilhas e panelas. Usara areia, sabão e água para raspar a mesa e os bancos.

Juntara toda a sua coragem para tirar as teias e ainda matara duas aranhas com

uma vassoura. Um fogo alegre crepitava na grelha e uma grande chaleira de ferro soltava vapor. Despejou água quente em uma tigela e fez suas abluções.

Achou uma dúzia de ovos na prateleira de provisões. Verificou se eram frescos, colocando-os em uma vasilha com água para ver se afundavam. Um flutuou e ela descartou-o. Achou uma manta de toucinho pendurada no quarto frio. E, para sua alegria, um saco de café em grão. Kate apertou-o no peito. Havia meses que não provava café.

Tostou os grãos no fogo. Esmigalhou-os com um pilão. Inalou o aroma delicioso. Misturou os grãos triturados com água e levou tudo ao fogo para aquecer. Derreteu um pouco de gordura em uma frigideira e juntou duas fatias de bacon e um ovo.

O chão precisava ser limpo. Kate decidiu que faria isso depois do café. Voltou para o local onde lavara a louça. Procurou por uma lata grande. A maior que achou estava entalada debaixo de uma prateleira. Ela puxou, puxou e praguejou. Nisso sentiu os aromas de bacon, ovos e café. Oh, não! A sua refeição estava arruinada! Voltou correndo para a cozinha e levou um susto.

O neto de lady Cahill estava sentado à mesa, de costas. Comia, com demonstração evidente de alegria.

— O que o senhor pensa que está fazendo? — Kate perguntou, irritada.

Jack não parou de comer.

— Quero mais dois ovos, quatro fatias de bacon e mais um pouco desse café excelente, se o fizer do mesmo modo. — Levantou a xícara vazia, sem se voltar.

Kate parou, cada vez mais indignada.

— Mais café, garota, escutou? — Ele estalou os dedos com impaciência e continuou de costas.

Certamente a arrogância era um mal de família!

— Só há o suficiente para mais uma xícara.

— Mas é o que eu quero. — Ele terminou de comer o bacon.

— Ah, é? — Kate fitou as costas largas.

O cheiro do café tentara-a o suficiente. Ela lavara e limpara aquela cozinha imunda. Ficara com água na boca esperando os ovos com bacon e o café. E ele simplesmente entrara e devorara tudo!

— Só tenho o suficiente para mim. O senhor terá de esperar. Farei mais em poucos minutos.

Ele virou-se para encará-la.

— O que quer dizer com "suficiente para mim"?

Jack sentia-se insultado. Nunca nem mesmo ouvira uma criada da cozinha falar, quanto mais desafiá-lo daquela maneira.

Ah, mas quem iria limpar e cozinhar àquela hora da manhã?

Kate o encarava, desafiante, o rosto corado e os lábios rosados apertados com teimosia. Estendeu uma das mãos na direção do pote de café e ergueu o queixo. Não lembrava em nada a jovem pálida e exausta da noite anterior.

Mesmo aborrecido, ele achou graça. Viu uma mancha grande de fuligem, da face à testa. Os olhos não eram cinzentos, mas verde-acinzentados, nada comuns. Nisso entendeu que ela também lhe fitava o rosto. Virou-se rapidamente, escondeu a cicatriz do lado da parede e abraçou-se.

Ela encheu outra xícara com o resto de café e tomou-o, com satisfação evidente.

Jack estava pasmo. Não estava acostumado a ser ignorado, ainda mais por uma criadinha mal vestida e com o rosto sujo! E na sua própria cozinha! Abriu a boca para repreendê-la, mas alguma coisa o deteve.

— Acho que eu merecia o café, não é verdade? — Kate apontou a cozinha brilhante.

O que mais criadas faziam a não ser esfregar e limpar?, ele perguntou-se. E essa esperava agradecimentos? Será que ela sabia a quem estava se dirigindo?

Jack abriu a boca para informá-la, mas hesitou. O que foi uma nova sensação para o major Carstairs, antigo membro dos Coldstream Guards.

Como apresentar-se a uma empregada? Serventes sabiam a identidade dos donos das casas e agiam de acordo. E essa não parecia conhecer as regras. E como repreender uma criatura cuja fragilidade ele comprovara, quando a segurara nos braços? Ele deu uma tossidela.

— Sabe quem eu sou?

— Acho que deve ser o neto de lady Cahill. Jack grunhiu.

Kate fitou-o com seriedade. Era um homem alto, moreno e de cabelos escuros. Recostado na cadeira, com as pernas cruzadas, ele pareceu-lhe muito atraente. É, talvez ele não achasse conveniente estar comendo ali com ela, sem terem sido apresentados.

— O senhor prefere que eu leve seu café para outro lugar? A sala de almoço, talvez?

— Comerei aqui. — Impaciente, ele tamborilou com os dedos na superfície de madeira da mesa.

— Por favor, tenha paciência. Terminarei meu café e prepararei ovos com bacon para nós dois.

Jack encarou-a, espantado. Não sabia se a despedia na hora ou se esperava a moça terminar de fazer o café da manhã, pois a amostra fora excelente. Porém ele não era nenhum garoto insignificante. Era o dono da casa!

Jack torceu os lábios, divertido. Os homens de sua brigada teriam ficado perplexos ao vê-lo aceitar a afronta daquela pirralha. Mas é que eles não conheciam o café que ela fazia e nunca tinham fitado aqueles olhos verde-acinzentados. Nem haviam comprovado a fragilidade de seus ossos ou sua fome.

Não poderia despedi-la. Era o mesmo que salvar um gatinho meio afogado e depois dar-lhe um pontapé.

Kate sentou-se no lado oposto da mesa. Jack enrijeceu-se ao vê-la fitando o seu rosto com insistência.

— Então foi o senhor que esteve em meu quarto ontem à noite? Ele cerrou os dentes. Do que é que ela pretendia acusá-lo?

— Esta manhã, não consegui lembrar-me de como fui para a cama. Pensei ter visto Jemmy. Mas agora que vejo o senhor, está explicado.

Kate não percebeu o desconforto dele.

— Jemmy também teve um ferimento de baioneta e quase no mesmo lugar. Só que o dele ficou muito infeccionado. O seu sarou bem, não é?

Ela ficou em pé, espreguiçou-se sensualmente e sorriu.

— O café não é maravilhoso? Sinto-me outra mulher. Perdoarei sua pirataria com o meu desjejum e farei outro para nós dois.

Quem seria aquela jovem impertinente, maltrapilha, segura de si, dona de olhos grandes e adoráveis? Que reconhecia um golpe de baioneta? Que se referia ao rosto deformado dele com a maior naturalidade, enquanto outras ficavam horrorizadas, choravam ou o evitavam?

E quem seria esse tal de Jemmy? O das cicatrizes, que ela admitia freqüentar seu quarto?

Eles acabavam de comer o bacon, os ovos e o café, quando a porta de fora abriu-se e entrou um homem moreno e corpulento, que sorriu com dentes muito alvos.

— *Sehorita...*

Kate deu um sorriso e inclinou a cabeça. Ele inspirou o ar.

— Ah, café.

— Gostaria de tomar uma xícara, sir?

— *A senhorita* é muito bondosa. — Ele arreganhou os dentes brancos que iluminaram o rosto trigueiro e fez uma mesura.

— Sente-se, por favor, sir, e eu lhe servirei. Ela apanhou o bule de café.

Os dois homens começaram a conversar em espanhol. Ela podia entender cada palavra. Três anos passados na Espanha e em Portugal resultaram em uma certa fluência nos dois idiomas. E ela não gostou do que ouviu.

— Então, major Jack, quem é esse camundongo marrom com belos olhos, roupas horríveis e cara suja?

Kate espiou o reflexo de seu rosto em uma colher e esfregou-o com um guardanapo.

— Sei lá, Carlos. Alguma servente de minha avó — Jack respondeu, indiferente.

Uma cadeira foi afastada e ela ouviu passos se aproximando. Kate curvou-se sobre as vasilhas e deu um pulo, quando a tocaram no ombro. Virou-se e viu um par de olhos azul-escuros que a fitavam de cima. E pareciam divertir-se. Será que ele achava engraçado pregar-lhe um susto? Ou teria notado o rosto limpo?

— Com licença... — Ele afastou-a, curvou-se, pegou um graveto incandescente do fogo, acendeu um charuto e voltou para a mesa, mancando.

— Nervosa ela, não? — Carlos perguntou, em espanhol. — Kate quase pôde sentir o encolher dos ombros largos. — Magra também.

— Talvez não tenha tido uma refeição decente nas últimas semanas — a voz grossa concordou. — Não entendo o que minha avó pretende com essa coitada que não tem ninguém.

Kate corou, mortificada. Será que era tão evidente?

— Contudo, é bonitinha — Carlos comentou. — E tem olhos lindos. Precisa só engordar um pouco. Eu, pessoalmente, gosto de mulheres mais cheias.

— O senhor pensa demais em mulheres — Jack resmungou.

— Ah, major Jack, não diga isso. As mulheres suspiram por seu belo rosto e seus olhos azuis.

Jack passou a mão no ferimento.

— Ah, major, esse pequeno arranhão não o afastará das atenções das mulheres.

— Cale-se, Carlos.

Houve um momento de silêncio. Kate empurrou mais um galho seco para o fogo.

— Hum — Carlos continuou. — Essa mocinha é lisa como uma tábua, mas com um pouco de carne inglesa, suas curvas ficarão deliciosas.

Como eles ousavam falar sobre ela daquele jeito? E eles nem sabiam que ela não era inocente.

E quem poderia manter a inocência necessária para uma jovem inglesa solteira, depois de ter viajado com um Exército? Claro que na maior parte do tempo ela tivera a proteção do pai, dos irmãos e dos soldados que os conheciam.

Kate andara livremente por entre as tropas, atendera feridos, escrevera cartas para entes amados, distribuíra sopa e saudações alegres.

Nenhum deles jamais a ofendera como aqueles dois chamados cavalheiros ingleses estavam fazendo! E em um idioma estrangeiro.

Bem, da maneira como ela deixara a Península, já devia estar acostumada a esse tipo de insultos, mas esses homens de nada sabiam. E ela nunca se acostumaria com ultrajes!

— E quando essas curvas crescerem, major Jack, estarei lá para idolatrá-las. Eu, Carlos Miguel Rivera.

— Basta! — Jack ergueu a voz, ríspido. — O senhor não fará isso.

— Ah, major... Essa ratinha também lhe agrada, não é mesmo?

— De jeito nenhum — Jack respondeu, furioso. — Não tenho interesse em criadinhos magricelas. Mas não quero o senhor fungando ao redor dela. Ela é... servente de minha avó e o senhor não vai aproximar-se dela, entendeu?

Os homens dos Coldstream Guards conheciam esse tom e nenhum deles jamais

sonhara em retrucar ou desobedecer. Carlos ergueu as mãos.

— Não, não, major Jack. Não a importunarei, juro. — Carlos foi conciliador, mas não se conteve. — Ela é toda sua, major, toda sua.

Jack sentou-se e encarou Carlos, mas ambos foram distraídos por um barulho no outro lado da cozinha.

A silhueta pequena estava rígida de tanta fúria e os olhos fuzilavam.

— Seu café, *cavalheiros*.

Sarcástica, Kate enfatizou a última palavra e atirou o bule de café na direção deles.

CAPÍTULO III

Apesar de abaixarem rapidamente o corpo, ambos foram respingados pelo café quente, quando o bule de cerâmica espatifou-se na parede às suas costas. Eles praguejaram em uma mistura fluente de espanhol, português e inglês, e voltaram-se para a causa do desastre. Mas Kate não esperou para ver os resultados de seu ato. Correu para fora da cozinha, enquanto eles se agachavam.

— Diabos a levem! — Jack resmungou. — O que foi que deu nela? Estou todo molhado! — Ele tirou a camisa manchada de café e enxugou o rosto e o peito.

— Major Jack, acha que ela entendeu a conversa? — Carlos indagou, enquanto se limpava com um pano seco.

— Uma simples criada entender espanhol? Impossível! É... mas ela limpou a sujeira do rosto... — Distráído, ele passou a camisa no braço e nos cabelos. — Não, isso é ridículo. Ela é inglesa.

Jack levantou-se.

— A menos que tenha sangue espanhol... Não pode ser.

— Então, por quê? — Carlos apontou o bule quebrado.

— E como é que vou saber? Ela deveria estar num hospício, isso sim. Maldição! Desta vez, ela não escapa!

— Como assim? — Carlos espantou-se. — Quer dizer, major Jack, que ela já o enfrentou?

— Limpe esta sujeira imediatamente — Jack comandou, sem responder a pergunta.

— *Si, si.* E para já, major. — Carlos apressou-se a empreender a tarefa, enquanto Jack saía da cozinha com ar tenebroso.

— Humm — Carlos murmurou —, a ratinha conseguiu despertar o leão. Espero que tenha se escondido, pois quando o major está com o diabo no corpo, é preciso ter cuidado.

Jack foi até o saguão e nem sinal da jovem. Raivoso, apertou os punhos fechados. Daria uma bela lição à pequena criatura, antes de mandá-la embora.

O peito desnudo arrepiou-se com o ar frio. Jack subiu a escada rumo ao seu quarto, arrastando a perna dura. No pavimento superior trombou com Kate que vinha em sentido contrário, e teve de segurar-se nela para não cair.

Kate também procurou apoio e viu-se agarrada em um torso de homem, largo, forte e nu. Pêlos negros espalhavam-se na pele. Os ombros eram largos e musculosos. A epiderme dele era quente e suave. O cheiro masculino era penetrante.

— Oh! — Ela tentou afastar-se.

— Não tão depressa, minha jovem. Como ousou atirar aquela coisa contra nós? Poderia ter-nos machucado.

— Absurdo — ela fez um gesto de pouco-caso, lutando para soltar-se. — Joguei críquete por muitos anos e sou uma atiradora exímia. Mirei para errar.

— *Críquete?* Bobagem. Não é jogo para moças. A senhorita precisa é de uma lição de bom comportamento!

— Solte-me! O que está pensando? — Kate lutou e contorceu-se, sem resultado.

— Se continuar se mexendo desse jeito, posso começar a gostar — Jack murmurou-lhe ao ouvido.

Kate gelou. O crápula tentava intimidá-la. Teria de usar outras táticas.

— Ai! Ai! Está me machucando... Ai! — ela gemeu com dramaticidade, amoleceu o corpo e deixou-se cair.

— Maldição! — ele murmurou, afrouxando o aperto. Droga, ela era tão pequena e

frágil, Jack pensou, com remorso. E ele a fizera desmaiar. Sentiu-se um bruto, um selvagem.

Não havia necessidade de assustá-la tanto. Teria de levá-la de novo ao quarto. Sem hesitar, ele curvou-se e tomou-a nos braços. Kate mexeu o corpo, soltou-se dele e atingiu-o com um tapa no rosto.

— O cérebro sempre vence a força bruta! — proclamou e voltou pelo corredor. — E meninas jogam críquete! — ela gritou, ao chegar ao quarto. Entrou, bateu a porta e trancou-se rindo, ofegante e divertida.

Jack ficou ali plantado, amaldiçoando-a em inglês e espanhol. Virou-se e, com a rapidez que lhe permitiu a claudicação, foi para o quarto da avó, mais irado do que nunca.

— Vovó! — Ele irrompeu no quarto, gritando. — Mas o que diabos aquela gata selvagem está fazendo aqui?

A velha observou-o com astutos olhos azuis.

Ele estava furioso. Ótimo!, lady Cahill pensou. Nenhum sinal do abatimento relatado por Amélia. Alguma coisa, ou alguém, pelo jeito, o havia provocado. E ela, sua adorável avó, continuaria o processo.

— E posso saber o que o senhor pretende, sir, com esta invasão em meu *boudoir* a esta hora do dia, praguejando e erguendo a voz? No meu tempo, nenhum cavalheiro em trajes indecentes, ou melhor dizendo, sem eles, ousaria chegar à presença de uma dama! Saia, menino, e não volte aqui enquanto não estiver vestido de forma adequada! Estou chocada, Jack! Chocada e estarrecida!

Lady Cahill virou-se, como que ofendida.

Jack apenas abriu a boca, mas nada disse. Afinal, tratava-se de sua avó. Ele encarou-a, sabendo muito bem que se tratava de um jogo. Apostaria o último guinéu que ela não se incomodaria em ver um homem sem camisa.

E quanto ao palavreado... velha hipócrita! Ela apimentava cada frase com blasfêmias e pretendia corar com as dele! Tinha de sair dali para que a avó não se divertisse em censurá-lo na frente da camareira.

Fez uma mesura irônica e deixou o quarto, batendo a porta.

Lady Cahill recostou-se nas almofadas.

— Ah, que horror, milady — a mulher com o rosto cheio de cicatrizes de varíola e vestida de cinza falou.

— Não seja boba, Smithers. Até parece que nunca viu um homem sem camisa.

— Milady!

— Pegue logo meu agasalho. Vou me levantar.

— Antes das onze! — Smithers admirou-se.

— É... acho que não. — Lady Cahill fez um ar maroto. — Vá chamar aquela menina que eu trouxe e diga-lhe para vir tomar chocolate comigo. Se é que isso existe nesta bendita casa.

— Aquela... jovem maltrapilha, milady?

— Aquela *jovem maltrapilha* — a voz foi gélida —, é filha da minha querida afilhada Maria Farleigh, e como tal, Smithers, deve ser tratada como minha convidada de honra. Entendeu?

— Sim, milady — a outra murmurou e fez uma cortesia.

Kate, encolhida na cama, não respondeu à batida na porta. Mas houve insistência do outro lado.

— Vá embora!

— Senhorita! — Era uma voz de mulher.

Kate apressou-se em abrir e encontrou o olhar desaprovador e um tanto desdenhoso de Smithers.

— Lady Cahill convidou-a para tomar chocolate no quarto dela.

— A senhora já o preparou? — Kate perguntou, de queixo erguido.

— Sou a camareira de milady — a mulher informou-a com igual superioridade, de quem não se rebaixava a ponto de entrar na cozinha. — Mandarei o empregado do sr. Carstairs preparar imediatamente o pedido.

Kate acompanhou a mulher e não pôde deixar de sorrir. Gostaria de ver a cara da outra quando soubesse que não havia ninguém para fazer nada. Mas teve pena de lady Cahill. Afinal, tratava-se de uma senhora idosa, cansada da viagem e que nada comera no trajeto.

— Diga a lady Cahill que irei em seguida. Primeiro vou providenciar o desjejum de milady.

— Mas milady deu ordens expressas... — A mulher ergueu as sobrancelhas.

— Por favor, leve meu recado a ela — Kate afirmou com delicada firmeza.

— Está bem, senhorita. Smithers fungou e saiu.

Kate desceu a escada, cautelosa, e não viu nem sinal dos dois homens. Na cozinha, acendeu rapidamente o fogo e pôs água na chaleira para ferver. Não havia chocolate. Examinou a despensa vazia e encolheu os ombros. Faria o melhor que pudesse.

Achou uma bandeja grande e forrou-a com um pano. Em poucos minutos, Kate arrumou sobre a mesma a louça de barro com chá, dois ovos quentes e torradas com manteiga. Não era o que lady Cahill estava acostumada a comer, mas não havia outro jeito. Subiu a escada, levando a travessa pesada.

— Ah, minha querida, por que está carregando esse peso todo? Por que não pediu para que um dos criados trouxesse?

Kate pôs a bandeja em cima de uma mesa lateral.

— Bom dia, milady — ela cumprimentou, alegre. — Aposto que a senhora dormiu bem.

— Nesta cama? E como poderia, minha querida? — A velha senhora apontou a mobília estragada e a cortina rasgada. — Suponho que eu deveria agradecer por ainda ter um quarto, pois meu neto recusou-se em receber até a irmã. E dar graças a Deus por Smithers ter a idéia de trazer lençóis. Não sei como se pode viver em um lugar como este e pretendo conversar com meu neto a respeito.

A velha senhora piscou para Kate, que sorriu e serviu o chá.

— Chá? Mas eu disse a Smithers que queria chocolate!

— Sinto muito, mas não encontrei.

— Não? — a velha indagou, incrédula. — Sei que o interior é atrasado, mas isto é ridículo. Suponho que também não há pães frescos?

— Não, madame. Mas eu lhe trouxe ovos quentes e algumas torradas. Coma, antes que esfrie.

Apesar do amuo da dama, Kate serviu-a.

Lady Cahill reclamou um pouco e comeu tudo, entre afirmações de que o fazia só para agradar a Kate. Depois recostou-se nas almofadas e fitou a jovem, curiosa.

— Bem, suponho que já deve ter encontrado meu neto.

— Ele lhe disse alguma coisa? — Kate fez a pergunta, desconfiada.

— Não muito, na verdade. — A velha senhora deu uma risadinha.

— Ah... — Era evidente que a outra não iria entrar em detalhes. — Ele não sabe quem eu sou, não é mesmo, milady?

— Ele não lhe perguntou?

— Bem... sim... e eu lhe disse meu nome. Mas não creio que ele tenha feito alguma relação com...

— O que foi que disse a ele?

— Eu... sugeri que perguntasse à senhora. Na verdade, *madame*, eu nada podia dizer, sendo que fui raptada. Não sei por que a senhora me trouxe para cá e nem quais são suas intenções.

— Para ser sincera, minha filha, naquela hora eu não tinha outro propósito a não ser tirá-la daquela cabana pavorosa e evitar que arruinasse sua vida.

— Como assim, milady?

— Não entende? Lá não haveria nenhuma possibilidade de conseguir um pretendente aceitável.

—O quê?

— Isso mesmo! Não deve ficar solteira, minha filha. Uma boa descendência como a sua não pode ser desperdiçada.

— Não é nada disso. Eu apenas escolhi uma maneira para viver!

Kate levantou-se da beira da cama e começou a andar pelo quarto. Era vital que lady Cahill entendesse. Ela não podia pensar em casamento. Estava desonrada e o fato acabaria vindo à tona. Porém não tinha a mínima vontade de explicar tudo àquela dama velha e autocrática, mas cuja língua ferina escondia um coração bondoso. Se o fizesse, perderia o respeito da madrinha de sua mãe. Teria de encontrar outro meio de convencê-la.

— Sei que está querendo ser caridosa, milady, mas não posso aceitar. Fui acostumada a tomar conta de uma casa e sempre tive mais responsabilidades de que qualquer garota da minha idade.

— A caridade que se dane!

- Madame, olhe para mim. Veja como me visto. A senhora quer que eu viva como sua hóspede e que frequente a sociedade.

Já me imaginou fazendo visitas matinais ou indo a bailes com isto? — Nervosa, ela apontou as próprias roupas.

— Mas é claro que não, tolinha! — Lady Cahill recostou-se na cama, sacudindo a cabeça ante a ingenuidade de Kate. — É lógico que providenciarei o que for necessário. Vestidos, trajes íntimos, chapéus, luvas, sombrinhas, jóias e enfeites. Tudo o que quiser.

— E eu não suportaria ter de pedir-lhe isso.

— Ora, não se preocupe com esses detalhes...

— Por outro lado, milady, não tenho nenhuma experiência no trato social. A senhora espera demais de minha educação. Não tenho habilidade musical e nunca aprendi a pintar aquarelas. Sei fazer remendos e até já costurei ferimentos, mas não me peça para bordar. Posso dançar, mas não consigo tagarelar à toa. Trabalhei a vida inteira e é o que eu sei fazer. A senhora quer que eu me transforme em uma jovem fútil da sociedade e eu simplesmente não posso fazer isso.

Oh, Deus, permita que eu não tenha de dizer-lhe a verdade, Kate rezou.

Além do mais, ela não tolerava caridade. Mas no íntimo, até gostaria de conhecer pessoas e ir a bailes, aprender a comportar-se socialmente e às vezes esconder-se sob uma capa de frivolidade.

— Minha filha, não diga isso. Muitas dessas coisas não são necessárias e as outras pode-se aprender. Frequentar um círculo social não significa transformar-se em pessoa frívola, embora eu lhe garanta que muitos fazem o gênero. Em todas as camadas sociais há sempre os tolos.

A dama ficou em silêncio por alguns minutos.

— Minha filha, esta teimosia sem sentido cansa-me. Leve isso em consideração e deixe-me repousar. Falaremos mais tarde.

Kate ergueu-se da beira da cama, sentindo-se culpada por aborrecer a velha senhora. Mas ela não pedira nada e nem queria ser raptada.

Lady Cahill não tinha direito de tomar decisões sobre a vida dos outros e Kate Farleigh nada lhe devia, a não ser consideração. Então por que achar que cometia um engano?

Seria um erro não dever nada a ninguém? Querer ganhar seu próprio sustento e não depender dos outros? Claro que não. O problema era recusar a bondade da velha

dama.

Kate apanhou a bandeja, saiu e fechou a porta com cuidado. Mal dera alguns passos, quando Jack apareceu no corredor. Kate parou. Ele estava entre ela e a escada. Ela poderia voltar para seu quarto ou para o de lady Cahill ou enfrentá-lo.

Jack encostou-se na parede, abraçou-se e fitou-a, com expressão irônica.

Kate empinou o queixo. Não se deixaria intimidar pela força bruta! Mesmo que a ameaça tivesse mais de um metro e oitenta e ombros muito largos. Segurou a travessa com firmeza e foi em frente, de cabeça erguida.

Jack pareceu divertir-se. Será que ela o considerava um blefe? Depois de atirar o bule de café, ela poderia esperar o pior. Ainda mais tendo esbofeteado o dono casa! Poderia parti-la ao meio, se quisesse, e seria bem merecido. Mas ela ignorava que ele jamais faria tal coisa. Apesar disso, a jovem avançou, desafiadora.

Ele achou muita graça. Uma criatura tão pequena e com tanta fibra.

No mínimo, ela esperaria ser despedida, sem carta de referência. Aliás, esse era o maior medo dos criados, pois não lhes permitiria encontrar outra colocação. Aquelas roupas horríveis e largas, que na certa não eram dela, demonstravam que estava acostumada com a pobreza e a fome, esta talvez como experiência mais recente.

Nem isso a impediria de atirar o bule... *sobre a cabeça dele*, como ela enfatizara. Críquete! Bem, mas por que fizera aquilo? Será que falava espanhol? Ainda encostado na parede, Jack decidiu testar a teoria.

Kate passou por ele, a muito custo aparentando indiferença, e chegou até a escada.

— *Senorita* — ele anunciou em espanhol —, há uma aranha enorme presa em seus cabelos. Permita-me tirá-la.

Jack esperou qualquer tipo de reação. Gritos, histeria ou arrancar os cabelos. Mas ela somente estacou.

— *Senorita*'?

Kate não se moveu. Jack tocou-lhe no ombro. Bom Deus! A jovem tremia sem controle. A louça chacoalhava na bandeja. Ele virou-a para encará-lo. A jovem estava lívida, havia terror em seus olhos e suor em sua testa. Ela engolia em seco, como quem não conseguia falar.

— Por favor, tire isso de mim — ela murmurou afinal. Jack fitou-a, atônito pela intensidade da reação.

— Por favor — ela repetiu, num fio de voz, tremendo convulsivamente.

— Minha criança. Perdoe-me — ele falou, atingido pelo remorso. — Não existe aranha nenhuma.

Jack tirou-lhe a bandeja das mãos e deixou-a sobre uma mesa próxima, sem desfitá-la.

Kate o olhava, confusa. Ele tornou a segurá-la pelos ombros e sacudiu-a levemente para tirá-la do transe.

— Eu inventei isso — afirmou, à guisa de desculpa. — Foi um ardil.

Kate abriu a boca e começou a respirar fundo.

— Perdão. Apenas queria comprovar se entendia espanhol. O tremor continuava e Jack não sabia como agir. Acabou por puxá-la de encontro a si e, segurando-a com firmeza, sussurrou-lhe palavras de conforto no ouvido. Mas que fragrância era aquela? Pareceu familiar a Jack e ele estreitou-a mais.

Não ocorreu a ele que era um comportamento inadequado com uma simples criada. Desde criança ele trazia para casa gatinhos quase mortos e pássaros machucados. Se tivesse de explicar alguma coisa, diria que estava apenas consolando um ser necessitado.

Kate estava com o rosto encostado no peito largo. Experimentou o calor da respiração de Jack, quando ele encostou o rosto com a barba por fazer em seus cabelos

sedosos. Sentiu as batidas fortes do coração dele, a proteção daquele corpo rijo e as mãos fortes que lhe acariciavam as costas. Fazia tanto tempo que não recebia um carinho...

Aos poucos, Kate entendeu quem a segurava e por quê. Ela tentou soltar-se e ele não cedeu. Então empurrou-o e saiu dos braços dele, despenteada, ofegante e envergonhada.

— Suponho que isso deve ser outro de seus estratagemas.

Ela procurou arrumar os cabelos e alisar a saia. Jack sentiu-se culpado, mas irritou-se.

— Não é não, sua pequena víbora! Não tenho o hábito de divertir-me com criadinhos.

Ela não saberia dizer o que a deixava mais raivosa. Se eram as ações dele ou o que ele dizia.

— Pois fique sabendo que eu não teria ficado nervosa se o senhor não houvesse me enganado!

— Como é que eu iria saber que iria ficar desse jeito por causa de uma pobre aranha?

Kate titubeou.

— O senhor está certo — murmurou. — Sinto ter ficado daquele jeito. Não acontecerá de novo. — Tornou a apanhar a bandeja.

— Não tão depressa, minha jovem. — Ele agarrou-lhe o pulso e virou-a para ele. — Conte-me quem é.

— Eu já lhe disse. Caso não se lembre, sou Kate Farleigh — ela retrucou, tentando escapar. — Quer fazer o favor de soltar minha mão?

— Eu ainda não terminei. Kate torceu a boca, aborrecida.

— Acha que sua posição lhe confere o direito de zombar dos outros?

— O quê?

— É evidente que o senhor se considera autorizado a tratar os menos afortunados de maneira ignóbil. Muito bem, tomo a liberdade de discordar. Não importa quem eu seja. Tenho o direito de ocupar-me com os meus interesses, sem sua interferência ou de qualquer outro membro de sua família!

Kate fitou o pulso, impressionada com a mão larga e forte que o segurava.

Jack notou as unhas curtas e sem trato, tão diferentes das ovais e cuidadas das damas que conhecia. Virou-lhe a mão e acariciou a pele áspera com o polegar. Era visível que estava acostumada ao trabalho pesado. Mas assim mesmo, ela continuava sendo um enigma.

— Mas por que diabos a minha avó a trouxe para cá? Kate fitou-o, com espanto. Ele não tirava os olhos de sua mão. Ela sorriu, pesarosa. Tinha de dar razão a ele. Jack a vira trabalhando na cozinha, com aqueles trajés, e tirara suas conclusões. Muito bem, se ele insistia em chamá-la de criada, não o desapontaria. Afinal, tinha de retribuir-lhe a brincadeira sem graça de uma aranha imaginária!

— Sir... — Ela puxou a mão.

Ele continuou a acariciar-lhe a palma com o polegar.

— Preciso voltar às minhas obrigações, sir. O chão da cozinha precisa ser esfregado. — Tentou soltar-se, perturbada pelo movimento suave do dedo de Jack.

— Mas onde é que aprendeu a falar como uma lady?

— Uma lady, sir? — Kate sorriu, afetada. — Trabalhei na casa de um cavalheiro idoso e ele insistia para que eu falasse corretamente. Era um erudito de verdade, um reverendo, e odiava que se deturpasse a língua inglesa.

Jack pareceu não notar que ela imprimira um sotaque camponês ao discurso e nem que torcia as mãos, como supôs que uma mulher rústica faria, frente a frente com um cavalheiro charmoso.

— Ele me ensinou a ler, escrever e a fazer contas — ela acrescentou, com ingenuidade nos olhos arregalados.

— Mas como é que, sendo uma criada, consegue entender espanhol? — Jack insistiu.

— Imagino que deve haver muitas empregadas na Espanha — ela retrucou, petulante, com os olhos baixos.

— Não seja impertinente, garota. Sabe muito bem que me refiro ao fato de uma serva inglesa falar espanhol. Como também é evidente que a senhorita não tem sangue ibérico.

— O senhor está certíssimo, sir — falou, com ar de tola. — Nada de sangue espanhol. Nossa, como o senhor é inteligente.

Ela novamente zombava dele! Tinha vontade de dar-lhe umas palmadas. Como é que aquela pequena insolente sobrevivera sem ser estrangulada por alguém? Não podia imaginar a avó com uma descarada dessas a seu serviço. Apesar disso, ele achou engraçado. Gostaria de ver as duas se enfrentando.

— Chega de atrevimento, mocinha. Eu perguntei como uma criada inglesa entende espanhol!

— Ah, o vigário viajava muito e achava mais fácil levar-me com ele. Então eu aprendi um pouquinho, não é? Só isso, sir? — Kate continuou como se fosse uma camponesa humilde e abaixou a cabeça para esconder o riso.

Se Jack Carstairs estava acostumado a controlar tudo, azar o dele. Ficaria furioso quando descobrisse a verdade, mas isso serviria para ele aprender a não tirar conclusões apressadas. E seria uma lição pela aranha!

— Hum — ele murmurou, sem vontade.

Kate fez uma reverência igual à que a velha ama fazia para o reverendo e apanhou a bandeja. Desceu a escada, pensando na reação dele quando a avó lhe explicasse os fatos reais. Teve de segurar o riso.

Assim que ela desapareceu, Jack bateu à porta da avó.

CAPÍTULO IV

— Que diabo! Onde foi que a senhora encontrou essa moça, vovó? — Jack perguntou, ao entrar.

— Estou muito bem — a velha senhora respondeu, com frieza. — Obrigada por perguntar.

— Mas que droga, vovó... — ele hesitou e achou que uma rendição seria mais política.

Conhecia a avó e sabia que ela não se intimidaria com interrogatórios. Que crime cometera para merecer aquelas duas mulheres? Até a véspera, a sua vida era tão pacífica!

Jack sentou-se na beira da cama, com a perna dura esticada para a frente, sem importar-se com o grito sufocado de horror da camareira.

— Ah, saia, Smithers, se não tem estômago para ver um homem sentado na minha cama! — Lady Cahill foi ríspida e esperou a outra retirar-se com seu olhar reprovador. — Mulher estúpida! Mas ela vale o peso em ouro para a *toilette*. Consegue fazer uma velha como eu não parecer uma bruxa.

— Ah, o que é isso, vovó? — Jack sorriu, já de melhor humor. — A senhora sempre foi uma mulher bonita. E agora, descansada depois da viagem, já está de novo com ótimo aspecto.

— Conversa! — a avó desdenhou, deliciada. — Esse meu neto é um menino esperto e está tentando amansar-me.

— Mas que expressão vulgar, vovó — ele caçoou. — Estou chocado!

— Não critique os mais velhos, meu jovem — ela respondeu com ar maroto. — Bem, mas por que a depressão da qual ouvi falar? Isso não se parece com o meu Jack e não gosto nem da palavra!

— Como pode ver, vovó, a senhora foi mal informada. Estou ótimo, apesar de aleijado.

— Não é mais aleijado do que eu! O que é uma perna dura? Seu avô carregou uma durante anos, como resultado de um acidente em casa. O que nunca o impediu de fazer o que tivesse vontade.

— Pelo que me lembro, meu avô caçou a cavalo com cães até morrer.

Fez-se um pequeno silêncio. Lady Cahill considerou a ironia cruel do destino de Jack. Ele fora um exímio caçador até ser ferido. Recebera como única herança uma mansão em um dos mais famosos condados de caça do país, sendo que nem podia mais montar.

Embaraçado, Jack levantou-se. Ele ainda relutava em discutir sobre seus ferimentos.

— Eu poderia perguntar o que a trouxe até a minha humilde casa? — ele perguntou, mudando de assunto.

— Poderia.

— Então já perguntei.

— Não seja insolente, menino! Vim para ver o que estava acontecendo. Agora, que fazer o favor de explicar por que negou hospitalidade à sua irmã?

— Vovó, a senhora pôde comprovar que este lugar não é adequado para receber hóspedes. Por outro lado, na ocasião eu estava um trapo. Lamento, mas já estou cansado de mulheres chorando e suspirando por causa de minha deformação.

— Deformado... Nunca ouvi bobagem maior! — ela bufou de maneira deselegante. — Se está se referindo à cicatriz pequena que tem no rosto, então posso assegurar-lhe que agora parece muito mais homem. Já não é apenas um menino bonito.

Jack fez uma mesura irônica.

— Obrigado, madame.

— Ah! Bem, acho que vou me levantar. Peça a uma de suas servas preguiçosas que me traga água quente.

— Sinto muito, senhora, mas não posso.

— O que quer dizer com isso? Ele deu de ombros.

— Não tenho nenhuma...

Lady Cahill sentou-se na cama, atônita.

— Impossível! Tem de ter alguém!

— Esta casa não me interessa. Já fiquei em lugares tão ruins nos últimos anos que um telhado e uma cama já são suficientes para mim. Não tenho intenção de pagar uma pequena fortuna por uma horda de criados, só para meu conforto. Mesmo que eu tivesse dinheiro disponível para isso. E eu não tenho!

— Nenhum empregado dentro de casa? — a avó perguntou, estarelecida.

— Nenhum, a não ser Carlos, que cuida dos cavalos. Só temos os criados que a senhora trouxe. Receio que tenha de se valer deles. Porém eu mandei todos para a estalagem da aldeia, menos a camareira e a criada. Elas poderão atendê-la melhor do que eu.

— Ah! Smithers não se rebaixará esquentando água. Ele fez ar de pouco-caso.

— Peça à sua outra criadinha para fazer isso.

— De quem está falando, menino?

— Vovó, não acha que está na hora de parar de chamar-me de "menino"? Eu já passei dos trinta!

— Não seja ridículo, menino, e não mude de assunto. De que outra criada está falando?

— Aquela magrinha, metida naquela roupa preta horrorosa. Vovó, fico admirado que a senhora não tenha reparado nisso. É sempre tão cuidadosa com a aparência de seus criados... E também como é que a deixou quase morrer de fome? Ela desmaiou ontem na entrada e não havia ninguém para socorrê-la.

— Desmaiou? — lady Cahill repetiu, estreitando os olhos.

— E de fome, suponho. Ela parece um esqueleto vestido. Só se vêem os olhos e os cabelos. Um brisa pode levá-la. E ainda por cima é atrevida e tem um medo horrível de aranhas.

Jack parou, consciente de que falara demais, para uma avó esperta como a sua.

— Medo de aranhas, é? Isso me surpreende. Eu diria que aquela jovem não conhece o medo e que é um modelo de coragem. Mas não é minha criada. Ela falou isso?

— Não... eu é que imaginei. — Ele lembrou-se da pantomima de Kate há pouco. — Então quem ela é?

— Ela se chama Kate Farleigh.

— Isso eu sei. Ela me disse. Mas o que ela está fazendo aqui? — Jack mal continha a impaciência.

— E como é que eu poderia saber, Jack? Eu não saí deste quarto desde que cheguei! Ela podia estar colhendo flores ou tomando chá. Com mil demônios, como é que vou saber o que ela está fazendo, menino tolo?

Jack rangeu os dentes.

— Vovó, por que essa jovem veio para a minha casa? A velha senhora sorriu com vontade.

— Ah, meu querido menino, ela não teve escolha. Nenhuma.

— Vovó!

— Não adianta irritar-se comigo, menino. Seu avô costumava implicar o tempo todo.

— Eu entendo o porquê e me solidarizo com ele! Agora chega de evasivas, vovó.

Quem é ela?

— Kate Farleigh é a única filha de minha afilhada, Maria Farleigh, nascida Delacombe. — Lady Cahill contou em poucas palavras, o que sabia sobre a história de Kate,

— Então ela é uma lady.

— Claro.

— Bem, mas ela não se comporta como tal.

— Não concordo com isso. Ela tem personalidade, isso sim. Quando me encara com aqueles olhos azuis...

— Não são azuis. São verde-acinzentados. Hum, então ele havia reparado nos olhos dela?

— Como queira, mas não vi ali nenhum sinal de pânico. Mesmo quando eu a carreguei...

Ele ergueu as sobrancelhas.

— O que quer dizer com "carreguei"?

— Oh, não me olhe assim, Jack. Não havia outro jeito. Ela atravessava grandes dificuldades, como o senhor mesmo pôde comprovar. Está órfã, sem parentes e, se não me engano, ficou sem um centavo.

— Ainda não entendi. — Jack estirou a perna ferida.

— A menina é muito teimosa, exatamente como o pai foi. Quando Maria casou-se, a família pretendia fazer uma grande doação, mas ele não quis nada. Não queria que dissessem que se casava com ela pelo dinheiro. E veja no que deu! Sua única filha vestida com trapos e passando fome! Eu não teria paciência com aquele homem!

— Mas vovó... Kate, isto é, a srta. Farleigh...

— Ela não está interessada na minha caridade e nem na de ninguém. Bem, fui até a cabana que lhe servia de casa, mas não tive tempo para convencê-la. Eu a raptei.

— A senhora o quê?

Aquela velha dama não tinha mesmo jeito, Jack concluiu.

Jack desabou na cama e riu até não poder mais.

A avó fitou-o, com prazer. Depois que um estranho silencioso, marcado e cínico voltara da guerra, era a primeira vez que via o neto amado.

Desde que voltara da Guerra Peninsular, aleijado, deserddado e com um noivado desfeito, ele se mantivera frio e distante. Mergulhara em si mesmo e tornara-se um recluso.

Naqueles poucos momentos, ele já ficara enraivecido e então ria desbragadamente. E uma menina franzina havia provocado tudo isso. Lady Cahill agradeceu aos céus pelo impulso de visitar Kate, no caminho para Leicestershire. Teria de conservá-la, a qualquer custo.

Lady Cahill empurrou o ombro de Jack.

— Agora vá saindo, menino. Já ouvi muitas tolices esta manhã — ela falou com aspereza, para esconder a emoção. — Preciso vestir-me ou Smithers ficará histérica.

A velha senhora fez menção de levantar.

— Está claro que este lugar precisa de uma mulher para organizar tudo. Suponho que terei de mudar-me e começar a trabalhar. Seja um bom menino e veja se me consegue um pouco de água quente. Agora vá embora, Jack. Senão sairei da cama de camisola! O que certamente fará Smithers ter um ataque e espumar pela boca!

Jack sorriu para a avó.

— A senhora é, sem sombra de dúvida, a dama mais escandalosa que conheço. Estou abismado por essa pobre mulher ainda não ter morrido do coração. — Ele levantou-se da cama. Mancando e rindo, saiu do quarto.

Jack já não ria, ao chegar à escada. Tinha de encontrar a srta. Farleigh sem demora e acertar alguns detalhes. Criada, hem? Ah! Limpar o chão? E pensar que se

preocupara com ela! A infeliz devia estar de pernas para cima, rindo à toa, pela peça que pregara nele.

Jack entrou na cozinha e levou um susto. Kate estava de joelhos e esfregava vigorosamente as lajes do chão da cozinha. — Com mil demônios! O que está fazendo! — bradou. Kate deu um pulo, voltou-se, deixou de lado a escova de cerdas duras e sentou-se nos calcanhares. Notou o cenho moreno e franzido, os punhos fechados e a indignação. Então ele já descobrira quem ela era e se irritara com isso. Pressionou os lábios com firmeza para não rir. Jack espantou-se com a violência da própria reação, ao vê-la esfregando o chão. Viu-se dividido entre a raiva e a vontade de erguê-la e levá-la para cima. Ela era tão pequena e delicada. E não tinha necessidade de fazer tarefa tão desmerecedora.

— Eu perguntei o que você está fazendo?

Ela olhou o chão, ainda coberto de água suja, e a escova.

— É a chamada limpeza de chão — declarou, sem resistir à vontade de provocá-lo. — Pensei que um homem da sua idade...

— Não brinque comigo, mocinha! — ele resmungou. — Por que raios a hóspede de minha avó está esfregando o chão de minha casa e preparando meu desjejum? Não quero isso, entendeu? Não quero!

Kate, ajoelhada em uma poça de água espumosa, esforçou-se para parecer veemente.

— Mas foi o que o senhor pediu, lembra-se? Três ovos, seis fatias de bacon e um bule quase todo de café.

— Maldição, não estou falando disso...

— Estava — ela interrompeu-o com delicadeza. — O senhor acusou-me de preparar seu café da manhã e depois diz não querer isso. Sinto muito se não gostou de minha comida.

Jack ficava cada vez mais irado, o que a estimulou.

— Bem não farei mais seu café da manhã. Na verdade, eu nem tinha intenção de fazer isso. Eu estava preparando o meu e o senhor roubou... confiscou-o.

Com uma das mãos sujas, ela empurrou para trás um cacho de cabelos, deixando uma listra de sujeira no rosto.

— Vai ver que não gostou mesmo. Eu ousaria dizer que o senhor é uma daquelas pessoas que acha que o café da manhã é um anátema. Talvez a comida pela manhã o deixe nauseado. Se esteve bebendo na noite anterior... Sinto lembrá-lo... — Ela abaixou os cílios, discreta.

— Eu... isto é... eu não... o desjejum estava óti...

A entrevista não transcorria como ele planejava. Era mesmo uma atrevida! Ela o enredava com uma torrente de disparates bem-educados, como se estivesse sentada na sala de estar de lady Cahill e não no meio de uma poça de água, com o rosto sujo.

— Por que está passando a escova no chão? — Jack pronunciou as sílabas de cada palavra.

— Pensei que fosse a melhor maneira de limpá-lo. Talvez haja algum método mais moderno que o senhor conheça e prefira? — Encarou-o, como se procurasse algum esclarecimento, de olhos arregalados e com a maior naturalidade.

— Não há nada! — ele gritou.

— Bem, nesse caso... — Kate conteve uma risada e apanhou a escova.

— Largue essa coisa maldita!

— Ah, sei. O senhor não quer que eu use isto. Talvez algum outro utensílio? — Relanceou um olhar ao redor, como se estivesse à procura de alguma alternativa.

— Não quero que use nada!

— Mas então como é que vou limpar o chão?

— Não quero que limpe nada! Kate ergueu as sobrancelhas.

— Ah, sei. O senhor gosta de sujeira. — Ela sacudiu a cabeça. — Bem, se o senhor prefere viver na suje...

— Eu não prefiro nada! — rugiu, irritado além da conta. Jack abaixou-se e levantou-a pelos ombros.

— Mocinha insolente! Não discuta comigo! Não quero que esfregue o chão e pronto. A senhorita é convidada de minha avó e convidados não esfregam coisa nenhuma! Entendeu?

— Largue-me! — Ela lutou para desvencilhar-se e aprontou-se para um pontapé.

— Oh, não vai fazer isso não, sua espertinha! — Ele levantou-a a uns vinte centímetros do chão. — Minha avó disse que a senhorita era uma lady, mas ela não tem idéia da víbora que trouxe para cá.

— E eu não duvido que sua avó pense que o senhor é um cavalheiro! Tenho certeza de que ela não conhece seus... seus hábitos de sevícias.

Kate conseguiu livrar-se e correu para trás da mesa.

— Meus o quê?

— E há outro nome para isso? — Ela empurrou para trás mais cachos que se soltaram na luta. Fitou-o, ofegante. — O senhor só tem usado de violência contra mim!

— Eu? — Jack contestou, incrédulo. — E quem foi que atirou um bule de café na minha cabeça?

— O que foi muito merecido por estar ali discutindo sobre mim, como se eu fosse... uma... — Kate corou.

— Bem, mas como é que eu ia saber que a senhorita entendia o que estávamos falando?

— Um cavalheiro jamais teria feito isso.

— Uma dama *jamais* estaria na cozinha!

— Ah, então sou uma dama? Pena que o senhor não se lembrou disso antes.

— Minha avó me disse agora.

— E o senhor aceitou a palavra de sua avó?

— Está chamando minha avó de mentirosa? — O tom baixo dele foi ameaçador.

— Se ela é uma seqüestradora, por que não pode ser mentirosa? Ele blasfemou contra todas as mulheres, em particular contra as duas presentes naquela casa.

— Nós não estamos discutindo minha avó — declarou, com dignidade. — O fato é que seu comportamento me fez presumir que fosse uma criada e por isso tratei-a como tal.

— Então o senhor acha correto insultar criadas honestas? Deus me perdoe por não entender os pontos principais do código de conduta de um cavalheiro!

Jack apertou as mãos, frustrado.

— Não é nada disso, sua malcriada! E posso saber como é que entende espanhol?

— Ah, eu é que sou culpada? — Kate tentava amarrar os cachos, sem sucesso, e eles continuavam a cair sobre os ombros.

— Então talvez seja melhor avisá-lo que também falo português, francês, latim e grego, para o caso de o senhor resolver insultar-me em qualquer um desses idiomas!

— A senhorita sabe muito bem que não foi isso que eu quis dizer! — Ele observou a luta com os cachos sedosos e sentiu a suave fragrância que emanava deles. — E como é que aprendeu a falar todos eles?

— Já lhe disse!

— Contou umas fanfarrices sobre um cavalheiro idoso...

— Meu pai! E tudo o que eu contei era verdade.

— Inclusive que era uma criadinha?

— Bem, isso não. Mas eu era a governanta de meu pai. Nunca disse que era uma criada. O senhor é que deduziu. Eu apenas não o contradisse. Aliás, foi um impulso irresistível!

Kate declarou, com um brilho malicioso no olhar.

De repente ele inclinou-se sobre a mesa e pegou-a pela mão. Ela lutou para soltar-se, mas estava segura com firmeza. Ele virou-lhe a palma e acariciou a marca vermelha deixada pela escova.

Envergonhada, Kate tentava desvencilhar-se.

— Sei que não tenho mãos de uma lady. Nunca tive. Aliás, eu já disse a sua avó que não sirvo para tais finuras. O que eu o fiz acreditar não está muito longe da verdade.

— Absurdo!

— Não é, não. Agora... será que poderia soltar minha mão... de novo?

Ele largou-a, como se fosse uma brasa.

— E o que pretende fazer?

— Terminar de lavar o chão. — Ela fingiu não entender o significado real da pergunta.

— Pela última vez, a senhorita não vai fazer isso! — Jack bateu com o punho fechado sobre a mesa.

Kate encolheu os ombros.

— Eu me recuso a fazer comida em um chiqueiro.

— A senhorita não vai cozinhar coisa nenhuma! Bom Deus, mulher, será que nunca vai obedecer? — furioso, o ex-major dos Coldstream Guards indagou, passando a mão nos cabelos escuros e rebeldes.

— Não, quando se tratar de uma tolice — ela respondeu, sem se alterar. — Diga-me, sr. Carstairs, quem é que vai fazer almoço para a sua avó, se eu não o fizer?

Jack abriu a boca e fechou. Kate piscou.

— Isso mesmo. Pão dormido e carne fria não servem para milady. Meu pai e meus irmãos nunca se queixaram dos meus dotes culinários. Portanto, irei preparar o almoço de sua avó, e por certo, o de todos da casa. Mas eu não farei nada nesta sujeira. Então... — Ela curvou-se com graça e apanhou o balde com água e a escova.

— Largue isso! Carlos poderá fazê-lo. A refeição... bem, é para minha avó... Não permitirei que macule suas mãos com tarefas servis e degradantes! E não discuta comigo, mocinha! E vou dar um jeito nisso!

Boquiaberta, ela observou-o chegar até a porta que dava para o pátio.

— Carlos! — ele gritou.

Como não houve resposta, murmurou uma imprecisão e saiu. Depois, hesitou e voltou-se, um pouco envergonhado.

— É que... minha avó precisa de... água quente. Será que a senhorita... poderia fazer o favor de... esquentar um pouco?

— Claro.

Jack fechou a porta atrás de si. Kate virou-se para cumprir a tarefa e deu um pulo, quando a porta tornou a abrir-se.

— E nem pense em levá-la para ela, ouviu bem? — ele gritou. Kate encarou-o, surpresa.

— Eu mesmo levarei. É muito peso para a senhorita — murmurou e saiu.

— Não posso ficar aqui nestas condições primitivas — lady Cahill anunciou.

Jack encheu-se de júbilo. Suas preces haviam sido atendidas.

— Eu lhe avisei, vovó, que esta casa não servia para hóspedes.

— Eu percebi. Já dei ordens para Smithers arrumar minhas coisas. Ficarei uma semana ou mais em Alderby, antes de voltar para casa.

Ele levantou-se.

— Sente-se, menino. Ainda não terminei de falar. Precisamos discutir sobre Kate.

Jack franziu a testa, mas assumiu imediatamente um ar de indiferença.

— Pensei que ela fosse viver com a senhora. Mudou de idéia?

— Não! A minha maior vontade é que ela venha morar comigo e faça sua estréia

na sociedade, como é de seu direito inato.

— Bem, então está resolvido. — Ele espreguiçou-se.

— Não está, não!

Jack virou-se, sem entender.

— Aquela menina idiota não quer saber de nada disso.

— O quê? Aquela... — indicou a porta, incrédulo — maltrapilha esfomeada recusou a sua proposta? Comer do bom e do melhor, vestir-se com a maior elegância e frequentar os lugares da moda? — Ele passou a mão nos cabelos revoltos. — Não acredito.

— E verdade — a avó confirmou, azeda. — Recusou e por duas vezes.

— Será que ela sabe o que está recusando? A senhora explicou-lhe? Descreveu-lhe a vida que a espera?

A avó fitou-o com desalento.

— E, suponho que sim — murmurou e sacudiu a cabeça, descrente.

Ele não conseguia imaginar uma mulher recusando um oferecimento magnífico daqueles. Elas eram muito interesseiras.

— Meu Deus, essa menina deve ter minhocas na cabeça.

— Não — a avó negou, ríspida. — Ela sofre de uma doença semelhante à sua.

— E qual é, se me permite perguntar?

— Teimosia e orgulho excessivos.

— Não... não sei do que a senhora está falando.

Jack rangeu os dentes. Lady Cahill estava se referindo à oferta que fizera em ajudá-lo financeiramente, quando ele voltara à Inglaterra.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra. — Ignorou o arquear das sobancelhas bem desenhadas a lápis.

— Ela pretende empregar-se como criada.

— O quê?

Kate já havia mencionado isso, mas ele duvidara. Era incrível uma jovem bem-nascida considerar uma coisa dessas, ainda mais tendo outras opções.

— Que coisa ridícula! — Mas por que ele se alterava? — Ela não pode estar falando a sério.

— Claro que é ridículo! Mas eu acho que está sendo sincera e pretende ganhar a vida. Quando a conheci, ela tomou-me como sua nova empregadora.

— Então, se ela está tão determinada a arruinar sua vida, o que eu posso fazer? — Jack fez a indagação com uma indiferença que não enganava ninguém.

Lady Cahill sorriu, de maneira inquietante. Jack encarou-a com suspeita.

— Pretendo dar-lhe a posição que ela deseja.

— Como sua criada? Ela me parece um tanto andrajosa para isso...

— Não minha — a velha senhora interrompeu e Jack impacientou-se. — Sua...

— Minha! — ele explodiu. — Eu não...

— Como sua governanta, eu quis dizer — a avó continuou, imperturbável. — É mais do que evidente que precisa de alguém para impedir que esta casa afunde na barbárie. Meu querido, já me disse que não queria gastar seu dinheiro com empregados. E eu não posso deixar um membro de minha família viver em uma vergonha dessas. Deve admitir que isso resolveria os problemas.

— Eu não admito nada! Não posso tolerar tanta interferência em meus assuntos, vovó!

— Então não quer ajudar a menina?

— Ajudá-la? Arruiná-la socialmente, quer dizer. Eu acho...

— Não tem de achar nada, meu neto. Claro que eu mandarei uma mulher respeitável para servir de acompanhante. Escute.

Se ela consentir em administrar esta casa em ruínas por seis meses e torná-la um

lugar adequado para um cavalheiro, então ela poderá aceitar, por haver merecido com trabalho, o meu apadrinhamento para uma temporada em Londres. Ela poderá ficar com o orgulho, o meu neto viverá como um ser humano civilizado e eu poderei apresentar a filha de Maria à sociedade.

Lady Cahill recostou-se na cadeira e fitou o neto com satisfação.

— Nesse meio tempo, terei a oportunidade de mandar examinar as finanças de Kate. Não creio que ela tenha ficado destituída. Assim, ela ficará aqui, até que eu organize as coisas. Deixar esta casa em ordem a manterá ocupada. Está resolvido.

— Não está nada *resolvido*.

— Jack, se recusar, isso será o fim da menina. Eu já lhe disse que ela é tola e teimosa como o meu querido neto. E também que ela não aceitará caridade de mim e nem de ninguém.

— Maldição! — Ele bateu com as mãos na mesa, frustrado. A avó sorriu e deu-lhe um tapinha no queixo.

— Eu sabia que acabaria por concordar.

— Nada disso.

— Mas ficará com ela aqui.

— Da maneira mais ridícula, imponderada, inconveniente e ultrajante que já ouvi falar!

— Ótimo, então estamos conversados. Ele agarrou os próprios cabelos.

— Está bem. A senhora não me deixa alternativa. Mas acabarei em um asilo de loucos por causa disso!

— Não seja bobo, menino. — Lady Cahill apressou-se, de repente. — Mande aquele homem até a aldeia. Ele tem de Pedir ao meu cocheiro que venha buscar-me e pegar a bagagem. Ah, antes traga a jovem Kate até aqui. Preciso explicar a ela o que o senhor quer que ela faça.

— O que *eu* quero? — Jack ia recomeçar a discussão, mas desistiu. — Está bem, vovó.

Ele saiu do quarto e bateu a porta.

— Minha querida Kate, já deu para perceber que a situação doméstica do meu neto é inaceitável e Jack não tem a menor] idéia de como administrar uma casa.

Kate ficou pensativa. Lady Cahill não retomara os argumentos de levá-la a Londres e apresentá-la à sociedade. Isso a deixava aliviada, mas com um certo desapontamento. Uma pequena parte dela, a rebelde e frívola que o pai tentara destruir, desejava a temporada em Londres. Já era tarde demais.

Um idéia ocorreu-lhe. Poderia ser a sua chance. Suas prendas domésticas mais uma vez a salvariam. Com o beneplácito de lady Cahill, poderia conseguir uma boa colocação naquela casa e ganhar um lar, uma vida e alguma segurança.

— Madame — ela hesitou. — Se quiser... quero dizer, se achar que sirvo para o cargo... eu poderia... tornar-me governanta desta casa.

— Não seja ridícula, criança! — A aranha apanhava a mosca. — Não pode fazer isso!

— Posso sim, senhora. Apesar de jovem, tenho muita experiência. Fui governanta de meu pai por muitos anos. E não poderia encontrar melhor colocação do que essa. — Kate procurou esconder a ansiedade da voz. — Tomarei conta de seu neto e a senhora pode ficar sossegada, pois estarei segura.

Pensativa, Lady Cahill tamborilou os dedos na pequena mesa à sua frente e fez uma careta pela poeira que se erguia.

— Ora! — ela exclamou, desgostosa. — Este lugar é uma vergonha! E ainda acha que pode melhorá-lo? Não sei, não.

— Madame? — Kate fitou-a, com um vinco entre as sobrancelhas.

— Ah, eu não duvido que possa desempenhar a tarefa. Mas seria inaceitável eu

pagar um salário para a filha de Maria Delacombe!

Kate desanimou. Como poderia sobreviver sem dinheiro?

— Contudo, devo confessar que eu me preocuparia menos com meu neto, se soubesse que haverá uma pessoa sensata para cuidar dele. É tão triste ele não poder cavalgar... Mas devo aceitar, e ele também.

Kate refletiu sobre a claudicação de Jack. Não lhe parecia pior que a de Jemmy... Talvez...

— Mas não quero vê-lo mergulhado na indolência e na desgraça. — Lady Cahill interrompeu os pensamentos de Kate e observou-a com atenção.

Kate segurou a respiração.

— Muito bem, Kate Farleigh. Proponho uma troca. Trabalhará aqui como governanta de meu neto pelos próximos seis meses, sem salário. Ao final desse período, virá morar comigo em Londres e eu a apresentarei à sociedade.

Kate ficou surpresa. Era uma oferta magnífica, porém impraticável.

— Então, minha filha, o que me diz? Posso ou não descansar esta noite, sabendo que meu neto estará em boas mãos? Minha querida, sei que morar em Londres com uma velha como eu não é o que uma jovem gostaria de fazer. Mas eu me divirto com um pouco de juventude a meu lado. Estará fazendo um grande favor a uma viúva acabada.

Kate sentiu um nó na garganta.

Nunca pensara em reencontrar a bondade. Era demais. Mas ela não poderia abusar da velha senhora.

Lady Cahill fizera a proposta sem saber dos motivos reais por que ela não poderia entrar na sociedade e nem casar-se, e por que nenhum homem decente haveria de desposá-la. Teria de explicar tudo, de uma vez por todas. Depois, iria embora e voltaria à vida que planejava para si, antes da intromissão bem-intencionada de lady Cahill.

CAPÍTULO V

— Lady Cahill — Kate explicou —, eu agradeço muito, mas não posso aceitar. Se eu o fizesse, a senhora viria a desprezar-me, quando soubesse da verdade. E a sociedade a condenaria ou a chamaria de tola.

— Mas por quê, minha filha?

— Não posso casar-me — Kate desabafou, muito nervosa. |

— E pode-me dizer por que, criança?

— E uma longa história. — Kate suspirou. — Quando meus irmãos, Jemmy e Ben, foram para a guerra na Península, meu pai e eu fomos com eles. Passei os últimos três anos com o Exército.

— Deve ter sido terrível!

— Não, senhora, não foi. Foram os melhores anos de minha vida, pois meu pai e os meninos estavam vivos. Sempre fui uma menina agitada e o vicariato era muito estreito para mim. Na Península eu nunca ficava sozinha, e meu pai me valorizava como nunca fizera antes. Sabe... papai sempre me culpou por mamãe ter morrido quando eu nasci.

— Mas filha, isso não foi sua...

— Eu sei, mas papai nunca viu isso. A senhora disse que eu tenho os olhos de minha mãe... Papai era um homem bom, mas quando olhava para mim, acho que via a esposa morta... Então, ele nunca me fitava. Nunca.

— Ah, minha querida...

— Mas na Península, as coisas mudaram. Talvez com tantas mortes e perigos ao redor, tudo o mais perdia o significado.

Só importava a solidariedade. Tornei-me uma boa governanta. Comida pronta a qualquer hora, roupa limpa, um lugar quente e seco para dormir significavam muito para os soldados... Kate suspirou.

— Eles precisavam de mim e eu fui feliz como nunca havia sido, até Ben ser morto em Ciudad Rodrigo... E então em Salamanca tudo se desintegrou.

Lady Cahill lembrou-se de que Jack fora ferido em Salamanca. A medida que falava, Kate amassava a saia do vestido.

— Em julho passado, nossa armada retirava-se do rio Douro, de volta a Salamanca, a senhora deve saber disso. Os jornais condenaram a retirada. Os franceses seguiam-nos de perto. Às vezes tão próximos que podíamos enxergá-los através da nuvem de poeira.

Kate engoliu em seco.

— Jemmy foi atingido no peito... Nós o colocamos na carroça, e com isso ficamos para trás, em meio à poeira e à confusão.

Ela desamassou e tornou a amassar o tecido.

— Então papai foi ferido. No estômago... Consegui levar os dois para uma construção abandonada. Serviria de abrigo, apesar de semi destruída... Jemmy morreu na primeira noite... Papai, dali a dois dias... Eu tinha um pouco de láudano e por fim... eu consegui aliviar-lhe o sofrimento...

— Minha pobre criança...

— Não me lembro de mais nada... até um mês depois. — Ela esticou as dobras feitas com mãos trêmulas. — Acordei em uma manhã... no acampamento francês. Um oficial, Henri Du Croix, interrogava prisioneiros ingleses recém-capturados. Eu não tinha a mínima idéia de como tinha ido parar ali.

Kate estremeceu.

— Foi uma sensação terrível. Mais tarde eu soube que o oficial Henri me encontrara vagando depois de Salamanca. Eu fora ferida... na cabeça. — Ela levou a

mão à cicatriz escondida no contorno do couro cabeludo. — Mesmo sem conseguir lembrar-me de meu nome, ele sabia que eu era inglesa. Tornei-me sua prisioneira e... amante.

Kate corou, sem fitar lady Cahill, e tornou a dobrar e desdobrar a saia.

— Eu descobri que naquele mês eu havia vivido... e dormido com ele na tenda — Kate esforçou-se para sussurrar —, como se fôssemos um casal... Depois eu me lembrei disso. Acho até que ele gostava um pouco de mim... mas eu juro. Não sabia o que estava acontecendo até aquela data... mas já era tarde demais.

Kate inspirou fundo, determinada a continuar a história.

— Depois, em Lisboa, chamaram-me de prostituta dos franceses... e de traidora. Traidora, porque tratei dos franceses feridos. E mesmo sendo inimigos, não achei errado o que eu fiz. Eram apenas homens como os nossos. Cansados, famintos, sofredores e que desejavam voltar para casa, para longe daquela guerra monstruosa. Essa parte, eu não lamento...

Kate estremeceu, cabisbaixa.

— Bem, agora a senhora já sabe. Eu não fui amante de Henri por vontade própria. Ele disse-me que era meu marido e devo ter acreditado, pois na época, nem do meu nome eu me lembrava. Achei um anel em meu dedo, mas não me lembro de como foi parar ali. Ele dizia que eu era a esposa inglesa dele. Se eu soubesse, nunca...

— Psiu, minha filha! Não se angustie mais. Não duvido de sua palavra.

Kate fitou-a com os olhos arregalados.

— Ora! — Lady Cahill bateu carinhosamente no joelho de Kate. — Como se eu não soubesse que é uma alma honrada.

— Então a senhora é uma pessoa muito especial — Kate declarou, com lágrimas nos olhos —, porque poucos acreditaram em mim. Pensaram que eu fosse uma libertina, uma mentirosa e uma traidora.

— Calma, filha. Qualquer pessoa sensata pode ver que você não é nada disso. No meu entender, não houve intenção de errar. Eu a respeito por ter medicado os feridos. Diga-me, como voltou à Inglaterra?

— Recuperei a memória quando Henri interrogava os prisioneiros ingleses. Talvez pelo som do idioma, não sei. Levou um dia ou dois para eu dar-me conta do que acontecia e fazer planos para fugir. Roubei um cavalo e fui até o território aliado. Não foi difícil passar por trás das linhas francesas. Uma mulher não parece tão suspeita quanto um homem. Agora milady já sabe por que não posso entrar para a sociedade e casar-me.

— Não sei, não. Ninguém precisa saber...

— Esse foi um assunto de domínio público. Voltei para as forças inglesas seis meses depois da morte de meu pai. Fui interrogada. Temiam que eu fosse uma espiã. Alguns oficiais não acreditaram que eu houvesse perdido a memória. Outros estavam mais interessados em saber o que se passava do lado francês. Pensei que o segredo fosse mantido, mas quando cheguei a Lisboa, todos já sabiam do pior.

A amargura era um traço presente na voz de Kate.

— Não se trata de teimosia ou falso orgulho que me impedem de procurar um marido. Desde criança sonhei com o dia do meu casamento, com o homem que eu poderia amar para sempre... e com filhos. Já não tenho ilusões...

Kate alisou o vestido amassado.

— Em Lisboa recebi uma amostra do que aconteceria se eu pretendesse frequentar a sociedade. Senhora, as mulheres inglesas, algumas das quais eu considerava amigas, fugiam de mim, insultavam-me e até me agrediam. E homens que eu conhecia como cavalheiros cristãos, tentavam tocar-me e fazer sugestões obscenas.

A prostituta dos franceses.

— Até, Harry, meu noivo... — Kate lembrou-se do olhar dele, que a cortara como uma faca. — Foi terrível... Eu não suportaria isso outra vez. Não posso aceitar sua

proposta. Não posso arriscar-me a encontrar alguém que saiba o que aconteceu.

Kate tentou sorrir, apesar da amargura.

— Sabe, afinal não é tão ruim. Não posso lamentar o que não conheci. Não tive a mesma educação das outras meninas. Sou jovem, saudável e... — ela enxugou os olhos — e em geral não choro. Se eu pudesse encontrar um emprego de babá ou de dama de companhia... A senhora poderia ajudar-me, não é?

Lady Cahill comoveu-se ao extremo.

Kate sofrerá demais e não havia como forçá-la no momento a aceitar qualquer plano. A jovem precisava de tempo para recuperar-se. Muito vulnerável, ela não arriscaria novamente o coração e as esperanças.

No entanto, se a vontade de uma velha senhora ainda valesse, ela a ajudaria, mas não para ser uma empregada. A filha de Maria Delacombe haveria de concretizar seus sonhos. Ela segurou as mãos de Kate com firmeza.

— Claro que eu a ajudarei, minha filha. Tente esquecer todo esse episódio horrendo. Apesar da situação difícil, comportou-se como uma dama cristã. Tenho certeza de que sua mãe e seu pai teriam se orgulhado de suas atitudes. Como eu.

As lágrimas vieram aos borbotões. A bondade que Kate encontrava era tão dolorida quanto a crueldade.

Lady Cahill abraçou-a com força por alguns momentos.

— Lady Cahill, veja...

— Agora eu não vejo nada — lady Cahill interrompeu-a enxugando-lhe os olhos. — Estou descomposta e recuso-me fazer qualquer coisa antes de retocar meu rosto. Peça à minha camareira que venha até aqui. Enquanto isso vá lavar o rosto e arrumar os cabelos. Volte aqui em vinte minutos.

Kate encarou-a, atônita. Nisso, começou a rir e não parou, até começar a chorar novamente.

O rosto manchado da velha senhora irradiava uma simpatia calorosa.

— Isso mesmo, criança. Nada melhor que um bom choro e uma boa risada. Agora — ela continuou, animada —, ache Smithers e vá lavar o rosto.

A tarde, Kate ajudou lady Cahill a subir no coche e acenou em despedida. A velha senhora prometera "fazer o que pudesse pela filha de Maria" e Kate teve certeza de que ela encontraria um emprego de babá em uma casa tranqüila e agradável.

Em troca, a tarefa de Kate seria fácil. Deixar em ordem a casa do sr. Jack Carstairs. Embora não gostasse muito do serviço caseiro, seria uma satisfação transformar Sevenoakes, um pardieiro, em uma residência encantadora.

E sua velha babá, Martha, viria morar com eles. Kate a adorava e assim não sentiria solidão. Martha também conhecera e amara Ben e Jemmy.

E mais, ela procurava vantagens, ficaria no campo que adorava e poderia dar longos passeios quando quisesse. Seria senhora de seus atos e trataria de desfrutar dessa liberdade, enquanto pudesse.

Ainda mais que ela seria útil.

Kate sabia que o neto de madame agradeceria, ao ver como sua vida seria facilitada com sua ajuda como governanta. Talvez ela até pudesse usar suas habilidades de enfermagem e melhorar a perna entevada.

Otimista, ela achou que poderiam até tornar-se amigos. Apesar de ele ter-se mostrado autoritário e de convivência difícil, teve de reconhecer sua parte de culpa, por provocá-lo.

Kate também tinha certeza de que Jack Carstairs seria como seu pai, seus irmãos e os homens que conhecera. Não se incomodaria com o que ela fizesse, desde que estivesse com o estômago cheio e visse a casa limpa.

Carlos sorriu ao ouvir a voz alta de seu patrão, vindo da sala do café da manhã. Espiou pela janela aberta.

— Já lhe disse antes! Não a quero esfregando este chão!

— Ah, sim, esqueci de sua preferência por sujeira. — A voz de Kate era seca.

— Não seja ridícula!

— Então, para que estou aqui? O piso precisa ser limpo e Martha é muito velha para esse serviço. Sou jovem, forte e não me importo com o que diga. Se alguma coisa precisar ser limpa, eu o farei.

— Isso não é correto!

— O senhor é que está sendo ridículo! — Kate estava exasperada. — O que é certo para uma governanta? Se eu tiro as cortinas para lavar, o senhor fica bravo e proíbe-me de fazer isso. Se eu limpo as janelas imundas, o senhor surge de repente e diz para eu largar tudo. Sua interferência é insuportável! Por favor, Sr. Carstairs, vá embora e deixe-me terminar meu serviço!

— Já disse, não quero! Olhe para si mesma. Um horror. Tem sujeira no queixo, no nariz e os cabelos caem por todos os lados!

— Ah, sim. Pode zombar de mim por fazer um trabalho honesto! — Furiosa, Kate esfregou o rosto com uma das mãos e empurrou os cachos com a outra.

— A senhora esqueceu isto.

Ele aproximou-se e limpou-lhe a ponta do nariz, com um brilho divertido no olhar.

Kate resmungou e voltou ao trabalho, indiferente ao homem em pé à sua frente.

— Eu já falei para largar isso!

Carlos sorriu. Conhecia aquele tom de voz. O mundo pegaria fogo se a *senorita* fizesse o que lhe proibiam. Aproximou-se para ver melhor e teve de abaixar-se, quando um balde saiu voando pela janela.

— Ah, pelo amor de Deus! — Kate exclamou. — Que infantilidade!

Responder ao major Jack! E nesse tom! E chamando-o de criança! Carlos esbugalhou os olhos e ergueu a cabeça devagar, mas tornou a abaixar-se. O major caminhava em direção à janela. Para não ser pego bisbilhotando, escondeu-se atrás de uma moita próxima.

— Carlos! — Jack gritou, com a cabeça para fora da janela.

— Carlos!

— É... *si*, major Jack — Carlos murmurou, saindo de trás dos arbustos.

— Mas o que o senhor está fazendo aí?

— É... eu...

— Oh, não importa. Ache um balde que está aí, não sei onde, e encha-o com água quente. Venha até aqui e limpe o piso. E depressa!

— *Si, si*, major, imediatamente — ele murmurou. Esfregar! De novo!

Carlos apanhou o balde e foi para a cozinha. Aquela não era tarefa de homem! A *senorita* queria fazer, por que o major não deixava?

— Rápido, eu disse!

Carlos apressou-se em cumprir as ordens do major.

Kate levantou-se. Não podia fazer nada sem água e com Jack de guarda ao lado da escova. Deu graças a Deus de passar a incumbência para Carlos. Não gostava mesmo de fazer aquilo.

Mas ele não tinha de intrometer-se no trabalho dela.

Pensativa, ela fitou o perfil atraente de Jack. Mas por outro lado, ele a livrava das tarefas que ela não gostava. Uma confusão. O pai e os irmãos nunca se incomodaram com o que ela fazia. Jack era quase um estranho e parecia quase protetor. Aquilo lembrou-a de algo.

— Sr. Carstairs...

— O que é?

— Eu... eu queria agradecer-lhe. Jack virou-se, admirado.

— Ontem encontrei Carlos no meu quarto.

Ele franziu o cenho.

— Ele disse que eram ordens suas.

— Ah, sei, aquilo — ele resmungou e virou-se de novo para a janela.

Kate o deteve com a mão em seu braço.

— Ele estava lá para tirar as teias e as matar as aranhas. Acho que o senhor lhe disse para fazer o mesmo nos outros recintos. Foi muita bondade e consideração e eu lhe agradeço muito, de verdade.

Jack sentiu uma onda de calor e a pressão no braço. Mirou o rosto suave e os olhos claros. Sentiu a fragrância indefinível que emanava dela, diferente dos perfumes femininos que conhecia. Porém familiar.

— Qual é o nome do perfume que a senhorita usa? — ele perguntou, de repente.

Ela tirou a mão e afastou-se, cautelosa.

— Não posso permitir-me usar perfume.

— Mas eu sinto um aroma leve...

— É... — ela corou — ...rosmaninho.

— Quem?

— O odor que o senhor sentiu. E rosmaninho, uma erva. Faço uma água de enxágüe para meus cabelos e ponho galhos na minha roupa. Ele cresce à vontade, e gosto do cheiro. Por certo eu exagerei.

— Não, não exagerou. E muito agradável.

— Carlos... Aquele fazendeiro... — Jack comentou mais tarde.

— Qual?

— Aquele que o senhor visita sempre. — Jack estava impaciente. — O que tem uma porção de filhas. Quero que vá até lá.

— *Si*, major Jack — Carlos animou-se.

— E traga duas das moças. Carlos perdeu a animação.

— E não fique com essa cara de bobo! Quero que elas venham trabalhar aqui.

— Para esfregar?

— E para o que mais for preciso.

— *Si*, major — Carlos tomou a alegrar-se. — Já estou indo!

— Carlos... — Jack deteve-o. — E não quero amizades com criadas, enquanto elas estiverem empregadas aqui. Entendeu?

— *Si*, major Jack — Carlos concordou, desanimado.

Carlos foi até uma cabana das proximidades, onde um fazendeiro pobre tinha sete filhos para alimentar, vestir e quem sabe, casar as moças. O homem convenceu-se facilmente a deixar duas das meninas trabalharem para um cavalheiro como o major Jack.

Na volta, andando pelos campos barrentos, Carlos voltou a animar-se. Apesar de não poder ficar íntimo das moças, pelo menos não teria mais de limpar o chão. E se a *senõrita* tivesse ajuda delas, não deixaria o major tão irritado.

— Mas o que a senhorita quer dizer com "não vou usar"?

— Sr. Carstairs, precisa entender que não posso aceitar roupas do senhor — Kate falou com voz suave, mas com o queixo erguido.

— E por que não?

— Não é correto. Por outro lado, tenho o suficiente para vestir aqui. Martha trouxe a mala grande com as minhas coisas.

— Asneira! — Jack explodiu. — A senhorita é a mulher mais teimosa que já conheci! Sabe muito bem que estes trapos que veste só servem para o fogo!

Kate mordeu a língua. Ele tinha razão. O baú contendo todas as roupas que usara na Espanha, mais os papéis e pertences do pai, foram perdidos, quando de sua captura pelos franceses.

De volta à Inglaterra, vendera os vestidos melhores, que não havia levado para a Península. Os restantes, velhos e gastos, haviam sido tingidos de preto, por causa do

luto.

— O senhor pode não aprovar minhas vestimentas, mas elas são muito apropriadas para o meu cargo.

— Não são, não. A senhorita está sob a guarda de minha avó!

— Nada disso, sr. Carstairs, sou a governanta aqui! Jack passou a mão nos cabelos, frustrado. Aquela moça desafiava-o a todo momento!

— Acha que vou permitir que digam que ganha tão pouco, que não pode vestir-se decentemente?

— O senhor não tem visitas e nem contato com ninguém. Portanto, não tem com que se preocupar. E, por outro lado, o senhor não me paga mesmo.

— Não por falta de tentativa!

— Sr. Carstairs, foi sua avó quem me empregou. Isso nada tem a ver com o senhor. Por isso, não posso aceitar dinheiro, em hipótese nenhuma. Sua avó e eu temos um trato, e o assunto está encerrado.

Kate virou-se para sair, mas Jack puxou-a pelo braço.

— Muito bem, srta. Katherine Farleigh. Então esta é a minha última palavra! Se não aceitar um salário e recusar a oferta de roupas novas, não terei outra alternativa, a não ser demiti-la!

O aperto no braço, o calor daquele corpo próximo e a intensidade do olhar azul, brilhante, tiveram um efeito perturbador em Kate. E ela entendeu que teria de lutar contra isso. Soltou-se de Jack e alisou o vestido, para ganhar tempo, consciente dos olhos que não a desfitavam.

— O senhor não pode despedir-me.

— Não queira ter certeza disso!

Ele adiantou-se e Kate recuou até a porta.

— Meu trato é com lady Cahill, não com o senhor. Só ela pode despedir-me. — Ela mostrou-lhe a ponta da língua e desceu a escada o mais depressa que pôde.

Era muita bondade dele, Kate refletiu. Mas ambos sabiam que não seria apropriado. Um homem só comprava roupas para a esposa ou... para a amante.

Kate mordeu o lábio.

Sensibilizar-se por isso era uma grande ironia para a ex-amante de um oficial francês. Mas era exatamente por esse fato que ela fazia questão de manter o decoro.

E essa *decência* era a sua proteção. A que permitia sentir-se como a filha do reverendo Farleigh e não como uma decaída. Sem isso, jamais conseguiria enfrentar o trabalho diário com o coração leve. Não teria liberdade para provocar Jack Carstairs, desafiá-lo ou enfrentá-lo quando discordasse dele.

Nos últimos dias, pensava demais em Jack Carstairs, ela admoestou-se. De manhã ao levantar... e antes de dormir. Achava até animadoras as discussões freqüentes. Mesmo quando ele a enfurecia com as interferências, Kate ficava enternecida pela preocupação demonstrada. E aquela ternura... era perigosa.

Para eles, nada seria possível. Se fraquejasse, sairia machucada. Quando Jack soubesse do passado dela, agiria como todos os outros homens.

Jack fitou a porta fechada e apertou os punhos.

Maldição! Ela o desafiara novamente! Mas dessa vez não levaria a melhor. Kate podia pensar que vencera a batalha, mas o major Carstairs sabia que se tratava apenas das disputas preliminares. Ele servira sob as ordens do marquês de Wellington, o chefe maior, que transformava uma retirada em vitória.

Sorrindo, ele mancou até a escrivaninha, sentou-se e escreveu uma carta para a avó.

CAPÍTULO VI

— *Senorita* Kate! — Carlos chamou do saguão. — Chegaram algumas coisas!

Kate deixou o que estava fazendo e olhou ao redor, satisfeita. Com a ajuda de Millie e Florence, as filhas do fazendeiro, ela conseguira melhorar muito o ambiente.

A mobília velha e em desarmonia tinha um aspecto muito melhor e brilhava por causa das aplicações de cera de abelha.

As cortinas velhas haviam sido retiradas para lavar, e o sol de fim de outono brilhava pelas vidraças limpas. O piso de carvalho fora encerado. O velho tapete persa havia sido batido e escovado até as cores voltarem a aparecer.

As tarefas domésticas podiam não ser as preferidas de Kate, mas afinal demonstravam resultados que a orgulhavam. A sala parecia aconchegante e convidativa. Só faltava um vaso com flores ou folhagens. Talvez ela as encontrasse no emaranhado do jardim.

Kate juntou os panos de limpeza e foi até o hall.

— O que é, Carlos?

— Chegou isto. E para a *senorita*. — Ele apontou para uma porção de caixas volumosas sobre a mesa comprida.

— Para mim?

— Quer que eu leve lá para cima, *senorita*?

Carlos a tratava com respeito. Quem a via enfrentando o patrão não podia deixar de admirá-la. E ele ainda não esquecera o bule de café.

— Muito obrigada, Carlos.

Intrigada, Kate seguiu-o escada acima, carregando alguns pacotes menores, enquanto ele levava os mais pesados.

Depois que ele saiu, Kate abriu os volumes, devagar a princípio e a seguir com aflição. Meu Deus, era demais! Uma pelica maravilhosa de merino. Não passaria mais nenhum inverno tiritando. Vestidos de tecidos grossos e cores escuras que não agrediriam seu luto. Roupas de baixo muito finas, debruadas com renda, algumas de seda e cetim, como ela nunca vira na vida. Seria pecaminoso sentir tudo isso de encontro à pele? As camisas longas e as camisolas nem de longe lembravam aquelas rústicas que ela usava.

Atônita, ela fitou as peças adoráveis que espalhara na cama. Certamente fora Jack quem as comprara. Ele não escutara uma só palavra do que ela havia dito... Mas elas eram tão lindas. Havia muito tempo que não vestia nada novo e essas eram da melhor qualidade. Não faria mal se visse como ficariam nela.

Levantou um vestido cinza-chumbo e segurou-o contra o corpo, em frente ao espelho. Muito elegante. De cintura alta e com folhas bordadas na barra. Simples e com um corte perfeito. O tecido era leve e quente. Esfregou a face nas dobras suaves e inalou o cheiro delicioso de coisa nova.

Fez o mesmo com os outros, tentando imaginar como ficaria, se os vestisse. O que certamente, ela não faria.

Apanhou uma camisola. A seda fina deslizou por seus dedos como água. Segurou-a perto de si, imaginou-se dentro dela e corou. Era quase... impúdico. A filha do reverendo Farleigh nunca tivera e nem conhecera um traje desses. Era quase transparente. Ela suspirou, largou a peça e tornou a pegar o vestido cinza.

— Essa cor combina com a *senhorita*. — A voz grave veio da entrada.

Kate levou um susto e virou-se, segurando a roupa de encontro ao corpo, como se estivesse nua.

— Há... quan... quanto tempo o senhor está aí? — Kate gaguejou.

Um leve sorriso foi a resposta e ela ficou ainda mais vermelha.

— Eu lhe trouxe uma carta.

Ele viu a confusão sobre a cama e achou graça, fitando as roupas de baixo e as camisolas. Com o rosto em fogo, Kate apressou-se a escondê-las debaixo dos vestidos.

— O que... foi que disse? — murmurou, sem fitá-lo.

— Chegou uma carta para a senhorita. É... e parece que não foi só isso.

Jack não resistia à vontade de provocá-la. A visão da camisola insinuante encostada em Kate deixou-o tenso. O rosto corado dela devia ter um reflexo em outra parte do corpo. A hesitação dela demonstrava que estava ciente do que ele poderia pensar. Como aquela era uma atitude inusitada da governanta, ele estava disposto a aproveitar a ocasião. A jovem briguenta ficava adorável corada, envergonhada e indecisa.

— Por favor, dê-me a carta.

Jack estendeu-a e ela fez menção de pegar a missiva, mas ele recolheu a mão.

— Primeiro diga, *por favor* — ele instigou, rindo.

— Dê-me isso, por favor! — Kate insistiu, aborrecida.

O grande palerma! Pensava que ela lutaria por causa daquilo? Ela aprendera com os irmãos, experts em provocá-la. Não era tola e sabia até onde poderia ir. De qualquer maneira, Kate jurara não deixar que ele encostasse mais um dedo nela. Os encontros com Carstairs eram diferentes das disputas que tinha com os irmãos. O toque dele não era nada fraternal. Ele a fazia sentir-se indefesa e ansiosa. Precisava de toda a sua força de vontade para manter-se longe dele.

— Vim até aqui para trazer-lhe isto. Não mereço alguma coisa? — ele divertia-se com o embaraço dela.

— Me... merece — murmurou.

— Gata selvagem! — Riu e atirou a carta na cama. — Tome. É sua.

— Obrigada. Agora, saia, por favor. — Kate foi até a porta. — E pode levar todas as suas coisas.

— Minhas? — ele zombou. — O que quer dizer com isso, srta. Farleigh?

Kate apontou para a pilha de roupas.

— Eu já lhe disse antes. Não posso aceitar tais presentes do senhor.

Ele exagerou na surpresa.

— E quem disse que são *minhas coisas*? Minha querida srta. Farleigh... — Ele curvou-se, puxou a camisola escondida, encostou-a na cintura e fitou-a com malícia. — A senhorita pensa que isto é meu?

— Oh, não seja ridículo! — Sem jeito, ela tentou não rir. A seda só aumentava a masculinidade do major. — O senhor sabe muito bem o que eu quero dizer.

Ele largou o traje de dormir.

— Mas não fui eu quem mandou isto...

— Mas...

— Acho que a carta de minha avó explicará tudo. Nada disso foi do meu gosto, mas pela primeira vez na vida, estou em acordo total com ela.

— Sua avó?

— Sim. Ela escreveu-me, dizendo que lhe mandara algumas roupas mais decentes.

— Quer dizer que não foi o senhor...

— Claro que não! — Jack assumiu um ar respeitoso. — Como cavalheiro, jamais sonharia em insultá-la. Uma dama não poderia aceitar tais presentes de um homem. Estou até chocado com a sua sugestão.

Kate sentiu-se uma idiota. Mas sabia muito bem que ele se encontrava por trás da caridade de lady Cahill.

— Mas eu não posso...

— Será indignidade uma velha senhora comprar umas coisinhas para a filha de

uma protegida? Foi a costureira dela que fez tudo, pelas medidas que Smithers tirou de suas roupas velhas.

Kate estava desconcertada, mas não queria dar o braço a torcer.

— Não... mas... é muita... generosidade...

— Entenda uma coisa, srta. Farleigh. Isto tudo veio de minha avó. A senhorita deve e vai aceitar.

— O senhor não tem o direito de dizer-me o que devo ou não devo aceitar.

— Sei! Daqui a meia hora quero vê-la vestida com um desses.

— Não vou fazer nada disso — Kate desafiou. — Não gosto de sua arrogância, sir, e sou obrigada a dizer-lhe que não vestirei estes trajes.

Jack aproximou-se, ameaçador, e ela esquivou-se.

— Entenda-me, senhorita! Vai usar as roupas novas e queimar as velhas!

— Será mesmo? — Ela fez uma careta. Jack tirou o relógio do bolso e marcou a hora.

— Ou a senhora veste uma roupa dessas em meia hora ou...

— Ou o quê?

— Ou, srta. Kate Farleigh, virei eu mesmo vesti-la. — O tom dele não lembrava brincadeira.

Ela franziu o nariz.

— O senhor não ousaria!

— Não? A senhorita tem meia hora! Dito isso, ele saiu do quarto.

Kate trancou a porta e sentou-se na cama. Apanhou a camisola que ele deixara no chão. Estava na hora de Jack Carstairs aprender de uma vez por todas que ele não era o patrão. Como também não tinha autoridade sobre ela. Se ela não quisesse vestir as roupas, não o faria. E nenhum homem alto e prepotente poderia fazê-la mudar de idéia.

Um pouco depois de meia hora, ela escutou uma batida.

— Quem... quem é? — Kate não gostou do tremor da própria voz.

— Sou eu, senhorita, Millie. Kate destrancou a porta.

— Entre, Mil...

Millie torcia nervosamente o avental. Jack com ar sombrio, estava atrás dela. Kate endireitou-se e fitou-o, desafiadora. Ele estalou os dedos para a criada.

Millie engasgou.

— Senhorita, vim até aqui para buscar suas roupas velhas.

— Não será necessário — Kate respondeu.

— Mas o sr. Carstairs...

— O sr. Carstairs nada tem a ver com isso, Millie. As roupas são minhas e não dele.

— Com licença, Millie.

Ele passou pela moça e aproximou-se de Kate, determinado. Sem deixar de olhá-lo, ela deu a volta na cama. Ele abriu o armário, tirou as roupas de dentro e jogou-as para Millie.

— Pare! — Kate gritou, ultrajada. Ele ignorou-a, foi até a cômoda e esvaziou-a, dando tudo para a criada.

— Como ousa? — Kate gritou e correu para detê-lo. Ele virou-se e agarrou-lhe os pulsos.

— Solte-me, seu brutamontes!

— Pensei que houvesse sido bem claro. Kate estava com a boca seca. Com certeza, Jack não pensava em cumprir a ameaça de despi-la. Ela lutou para escapar, sem sucesso. Ele era um homem muito forte.

— Isso é tudo, Millie — ele dispensou a moça.

— Não vá, Millie — Kate implorou.

— Eu já disse, Millie, pode ir. Leve esses trapos e queime-os. Carlos já acendeu o

fogo.

— Queimar? — Kate apavorou-se. — Mas é um desperdício...

Jack bufou.

— Mas é — ela persistiu na idéia. — Tenho certeza de que a esposa do vigário ficará muito contente de poder doá-las a alguma paroquiana. O senhor não tem idéia de como é difícil vestir esse povo.

— Acredite, srta. Farleigh, conseguiu convencer-me. — Jack foi irônico.

Kate bateu o pé, frustrada.

— Millie, leve tudo para a mulher do pároco, com meus... com os cumprimentos da srta. Farleigh.

— Pelo menos deixe um dos velhos — Kate gritou. — Não poderei desempenhar alguns de meus deveres com roupas tão elegantes.

— Por exemplo? — Jack perguntou, melífluo.

— Bem, esfregar o... — Kate percebeu que caíra na armadilha.

— Isso mesmo — Jack saboreou a vitória. — Leve-os. Millie.

— Sinto muito, senhorita — Millie murmurou, compungida, sem ousar desobedecer.

A criada saiu, levando as roupas velhas de Kate. Ela lutou mais um pouco para escapar e decidiu mudar de tática. Retesou-se e encarou os olhos azuis e raivosos.

— Solte-me, sir — ela pediu, indignada.

— Eu avisei. Meia hora. O tempo esgotou-se.

— Como o senhor se atreve a roubar todas as minhas roupas?

— Não todas. — Ele mirou o vestido que ela usava. Kate recomeçou a luta. Com uma mão só, Jack segurou-lhe os dois braços para trás e ela foi pressionada de encontro ao peito dele. Kate ouviu-lhe o coração bater, talvez um pouco mais rápido do que o normal.

— E agora, srta. Katherine Farleigh — sussurrou ao ouvido dela —, vai aceitar os presentes de minha avó ou não?

— Não, e o senhor não pode forçar-me!

— Ah, não?

Horrorizada, percebeu-o soltar, com a mão livre, um botão da gola. E acariciar a pele suave com um dedo, sem deixar de fitá-la.

Kate fez um esforço supremo para não perder a compostura diante de uma sensação tão deliciosa.

Jack desabotoou mais um e esperou, continuando a carícia. Os olhos dele escureceram e Kate precisou de todo o autocontrole para não ceder.

E o miserável percebia isso, Kate disse para si mesma, desesperada.

Os métodos dele eram desonestos, desprezíveis, e ela tentou chutá-lo.

Jack segurou-lhe as pernas com as coxas poderosas e alcançou o terceiro botão.

— Está bem, chega. Eu aceito... seu monstro!

— Desta vez, srta. Farleigh, acredito que a força venceu. — Ele soltou-a e afastou-se triunfante. — Será melhor lembrar-se disso, pois se me desafiar novamente...

— Não se preocupe — murmurou irritada. — Dou-lhe minha palavra.

— Ótimo. Kate faria qualquer coisa para arrancar o sorriso irritante daquele rosto perverso.

— Saia do meu quarto!

— Sinto muito deixá-la — Jack falou baixo e saiu. Furiosa, Kate arrancou o traje velho e cobriu-se com tudo novo. A roupa de baixo, o vestido cinza-chumbo que a agradara e um *spencer* cinza entrelaçado com galões pretos e dourados.

O prazer sensual da vestimenta nova não aliviou a irritação contra Jack Carstairs. Ele não tinha o direito fazer isso. Afinal, ela não era escrava dele, era? Mas se era verdade que lady Cahill enviara tudo, poderia aceitar sem escrúpulos. Porém a escolha

era dela, e não dele!

Como aquele homem era irritante! Sempre se metendo onde não era chamado. Chutou o monte de tecido rústico para um canto.

Dali a pouco, mais uma batida.

— O que o senhor quer agora? — ela explodiu.

— Com sua licença, senhorita. — Era a voz de Millie. — O sr. Carstairs pediu para eu pegar o resto das coisas e levar ao pároco.

Kate entregou a trouxa para Millie e observou-a carregar as lembranças associadas com recordações nada agradáveis. Naquela altura, ela deixava tudo para trás e construía uma vida nova. Podia considerar as vestes novas como um símbolo.

Alisou a manga comprida de lã do *spencer* cinza. Nunca vestira roupas tão bonitas, modernas e caras. Percebeu o olhar de Millie e sorriu, pesarosa.

— É triste perder coisas velhas — Millie compreendeu. — Algumas parecem como amigas, não é mesmo, senhorita? Mas esta jaqueta é muito linda. Como também as outras. Eu ouvi dizer que foi a velha senhora quem mandou tudo.

— Sim, foi muita bondade de lady Cahill.

— Ah, então está tudo bem... Quer uma xícara de chá, senhorita?

Kate hesitou.

— Está tudo bem — Millie repetiu. — O sr. Carstairs foi para a taverna Buli and Boar. Não voltará tão cedo.

— Ah, nesse caso, eu aceito.

Naquela noite, Kate vestiu uma das camisolas novas, a de algodão, e foi para a cama, tremendo. As noites começavam a ficar muito frias e logo ela teria de trazer consigo um tijolo quente. Ou poderia usar a caçarola com carvão que encontrara. Enfiou-se embaixo dos cobertores. Engraçado. Não podia imaginar-se usando uma camisola de seda. Aquilo não esquentava uma jovem... mas sim um homem.

Há meses não pensava em Henri. Não desgostara dele... mas qualquer recordação agradável era afastada ao pensar que não fora casada com ele. Fora um estranho que dormira com ela, usando de meios ilícitos. Com raiva, sentira-se usada e... culpada.

Imaginou como seria partilhar desses prazeres com Jack. A seda de cor creme deslizando por seu corpo e tocando no dele. Os dedos bronzeados a tocariam, fariam carícias e a explorariam...

Sentiu calor, no escuro. Que absurdo! Por isso as jovens eram mantidas na ignorância até o casamento. Tudo era muito inquietante. Escondeu o rosto no travesseiro, refrescando a face no linho frio.

Reconheceu que provocara Jack. Sabia muito bem qual seria a reação dele, mas fora uma desculpa para desafiá-lo.

Mortificada, lembrou-se que tocara nele primeiro, o que desencadeara aquele rebuliço físico. Pior. Ela gostara de estar nos braços dele e de sentir que ele lhe acariciava a pele.

Afinal, aquelas mulheres em Lisboa não estavam tão erradas a seu respeito. Era mesmo uma mulher libertina. Acabava de provar a si mesma. Cobriu a cabeça e procurou por pensamentos mais castos. Não adiantou. Só lembrava de como se sentira nos braços de Jack Carstairs.

Kate encolheu-se. O único remédio era recitar todos os salmos, orações e passagens da Bíblia que conhecia. E rezar para esquecer as demais reflexões. Era uma punição demorada e sempre a intimavam a fazer isso. Fora uma criança muito travessa...

Na taverna Buli and Boar, Jack bebericava um conhaque e fitava o fogo, distraído.

Sorriu ao lembrar-se da coragem com que ela o enfrentara. Uma maltrapilha teimosa que recusava as roupas que almejava tanto. Não tinha dúvidas quanto a isso. Vira a maneira como ela tocava nos tecidos macios, na seda sensual. Dava a impressão

de que ela nunca imaginara que tais coisas existissem.

E ele era incapaz de deixar de provocá-la, de flertar com ela e de deixá-la alvoroçada.

Bebeu o último gole e acenou, pedindo outro conhaque ao taverneiro. Quem trouxe foi uma criada rechonchuda, que encostou-se nele, convidativa. A moça era atraente, tinha o busto farto e aparentava estar desejosa.

Jack olhou para cima e sacudiu a cabeça sorrindo, para atenuar a rejeição. Não. Algumas horas com ela não resolveriam seu problema.

Lembrou-se de Kate segurando a camisola ondulante e seu corpo enrijeceu-se.

Impossível...

Talvez devesse aceitar a oferta da moça da taverna. Observou-a novamente. Era saudável, ardente e... entendeu que isso não o atraía.

Maldição! Por que o episódio no quarto de Kate o afetara tanto? A camisola de seda... Por que fora tão longe, a ponto de desabotoar-lhe a gola? Lembrou-se da nuca macia e sedosa, da fragrância de seu corpo e praguejou.

Se não tomasse cuidado, o relacionamento com Kate Farleigh poderia ficar sem controle. Quase acontecera. As provocações inteligentes de Kate, a maneira entusiasmada como se atirava em uma disputa e os desafios estimulantes.

Aliás, só a presença dela o instigava. Se ela fosse um tipo diferente de mulher, ele não hesitaria em torná-la sua amante. E que amante! Fogo. Paixão. Pele e cabelos sedosos. Só em pensar nisso, sentiu-se excitado.

Mas Kate era uma dama respeitável. E depois de Júlia Davenport, ele jurara jamais ter nenhum tipo de relacionamento com mulheres *respeitáveis*.

Droga, droga e droga!

Perguntou-se como andariam as investigações sobre a situação de Kate. Esperava que as respostas fossem as melhores possíveis. Quanto antes se visse livre dela, melhor. Para ambos.

Ele pediu outro drinque.

CAPÍTULO VII

Kate acordou muito cedo naquele dia. Saiu da cama e espiou pela janela. Os primeiros raios de sol ocultavam o brilho das últimas estrelas. O inverno começava. Apesar do frio, a paisagem era convidativa. Na semana anterior, ela trabalhara muito dentro da residência. Sentia falta de uma boa caminhada.

Atravessou a casa deserta e saiu pela porta dos fundos. A grama gelada rangia sob suas botas. Kate animou-se com o ar frio que penetrava em seus pulmões. O cheiro das folhas decompostas e dos pinheiros era um convite à vida. Era como estar liberta da pobreza, do passado, das preocupações com o futuro e dos problemas com Jack Carstairs.

Era terrível trabalhar perto dele, envolta no conflito de sentimentos que a atormentava todas as noites e, muitas vezes, durante o dia. Lutava contra isso, rezando passagens da Bíblia, sem resultado. Era triste descobrir a que ponto chegara da depravação. Dizia a si mesma que tais sonhos eram absurdos e indignos. Era uma mulher desonrada. Jamais teria acesso ao mundo de Jack. Ele sentiria repulsa se viesse a descobrir os fatos sobre Henri.

Seria impossível viver com ele, mesmo que fosse uma jovem casta. Jack precisava de uma herdeira rica para compensar a fortuna que perdera, quando o pai o deserdera.

A única coisa que lhe restava fazer era cozinhar para ele. Apesar de seus sentimentos, tentaria cumprir à risca as regras de comportamento inerentes à sua posição.

Mantinha-se longe dele e erguera uma barreira formal entre ambos. Seguia as instruções de lady Cahill e esforçava-se para ser uma governanta perfeita e invisível.

Porém Jack encarregava-se de arruinar-lhe os propósitos. Ele parecia sempre estar a observá-la. Surgia de repente, abria portas e chamava-a para sentar-se à mesa, como se ela fosse uma dama. Olhava-a com severidade se a encontrava fazendo uma tarefa "inadequada" e enfurecia-se quando ela discutia sobre o assunto.

Ela pensava em ressentir-se. O que um homem sabia sobre administrar um lar? Ele não passava de um autoritário, intrometido e arrogante.

Mas não podia deixar de imaginar que ele fazia tudo isso por preocupar-se com o bem-estar dela. E isso a abalava.

O que, junto com suas tendências devassas, tornava sua vida muito difícil ao lado de Jack.

Ah, era melhor pensar nele como um homem cheio de defeitos! Caminhou pelo jardim e inspirou fundo o ar álgido. As gotas de orvalho brilhavam por onde ela passava.

Ele era muito autoritário, mesmo para um major dos Coldstream Guards de Sua Majestade. E arrogante. E mais teimoso de que uma mula. E irritante, quando a pegava em alguma armadilha e ria com aqueles olhos azuis e maliciosos. E instável. Às vezes mostrava-se simpático e de repente ficava mal-humorado. Ou fitava-a com uma intensidade desconcertante e, sem mais nem menos, virava-se e ia embora.

As manhãs eram piores. Ele surgia na cozinha, sorumbático, sentava-se à mesa e tomava inúmeras xícaras de café. Algumas vezes recusava-se a comer o desjejum que ela preparara e mancava pela cozinha, de um lado a outro. Nesses dias, ele se trancava no escritório onde, Kate deduzia, ele bebia para esquecer seus tormentos, em vez de enfrentá-los.

Era quando ela mais sofria por ele. Gostaria de ser não só uma governanta... de poder ajudá-lo... Ansiava ter o direito de abraçá-lo, confortá-lo e agradá-lo, para que ele pudesse sair daquela maldita depressão.

Então ela se atirava nas tarefas que mais detestava. Clarificar gordura de carneiro,

grafitar as grelhas, peneirar cinza e fervê-la, para fazer lixívia. Ferver as roupas brancas de cama e mesa em uma caldeira grande de cobre, o que inundava a lavanderia de fumaça. Atirar as outras roupas na farinha de flor e batê-las até elevar nuvens de poeira branca. As roupas ficavam limpas e cheirosas, mas os cabelos e as narinas, pegajosos.

Apesar de tudo isso, não parava de pensar nele. Nem ao fazer sabão, quando o mau cheiro da gordura e da lixívia a faziam chorar. Ele era muito atraente, principalmente se a fitava com o olhar malicioso. E a voz grave a fazia estremecer e deixava-a sem forças...

Kate chegou à floresta. Era pura magia. A aurora derramava-se sobre a mata silenciosa e iluminava a pureza dos ramos desfolhados. Ao longe, ouviu um galo cantar e um cachorro latir. Parecia que só ela se movia no mundo. Era uma sensação deliciosa.

De repente, ouviu o som de patas de cavalo, muito perto. Sem hesitar, jogou-se para fora da trilha estreita, no exato momento em que um cavalo passou, com as rédeas soltas e os estribos balançando.

Trêmula, saiu do emaranhado da vegetação rasteira. Alisou as saias e tirou a terra das mãos. Alguém se acidentara e fora atirado da sela. Deveria voltar para ver o que acontecera ou tentar apanhar o cavalo primeiro? Se as rédeas se enrolassem ou ficassem presas, o animal poderia machucar-se.

Correu atrás dele e encontrou-o parado perto de uma elevação do terreno. O grande garanhão ruano resfolegava e sacudia a cabeça, incapaz de prosseguir. Kate aproximou-se e falou com calma e persuasão. O animal fitou-a com suspeita, pronto para fugir.

Era um dos cavalos de Jack. Ela não entendia por que ele queria tantos, se não podia montar. Era o mesmo animal que vira no primeiro dia em Sevenoakes. Pelo jeito, era arisco e manhoso, e precisava de mais exercícios além dos que fazia. Já o vira galopando sozinho várias vezes, com Carlos em seu encalço.

Ladrões teriam tentado roubá-lo? Por certo não conseguiram. Segundo Carlos, o garanhão só aceitava ser montado por Jack.

Ele mesmo criara e treinara o animal. Até o levava para a guerra. E ninguém mais o cavalgara.

— Venha... aqui... bom menino... aqui, aqui... — Kate murmurou, desejando ter uma maçã.

Ela estendeu a mão, como se oferecesse algo, e continuou a aproximar-se, devagar. Curioso, ele esticou o pescoço para ver o que ela estava segurando. Com jeito e calma, ela apanhou as rédeas.

O garanhão tentou soltar-se, mas ela segurou-o com firmeza, sussurrando palavras carinhosas, enquanto procurava tranquilizá-lo com afagos. Ela amava cavalos e eles pareciam saber disso. O ruão de Jack não seria uma exceção.

Sob a influência serena de Kate, o nervosismo dele diminuiu. Não demorou muito e ele começou a fungar com afeição na frente do vestido de Kate. Ela passou as mãos nas patas dele e não viu sinal de ferimento.

Apesar da inquietação parcial do cavalo e das saias longas, Kate tentou montar, usando a elevação como apoio. O ruão empinou-se e resfolegou, mas Kate conseguiu mantê-lo sob controle. Afinal, ele saiu de lado, estranhando o pouco peso de Kate. Voltou pelo caminho estreito em um trote animado e assustou-se com as folhas que caíam ou as sombras que mudavam de posição.

No começo, Kate preocupou-se em controlar o animal. Depois de ele aceitar o comando, ela entregou-se ao prazer. Fazia muito tempo que não montava. E aquele era um cavalo de primeira. Entendia por que Jack se recusava a vendê-lo. Talvez ela pudesse exercitá-lo. O coitado precisava disso.

A picada alargou-se e ela viu rastros de pegadas de cascos na campina perto da residência.

Meu Deus!, ela lembrou-se. Alguém poderia estar ferido!

Admoestou-se pelo prazer da cavalgada e conduziu o animal a meio galope. Deu a volta no estábulo e viu um homem de braços no chão gelado.

Deteve o animal, desmontou e rapidamente amarrou-o em um arbusto. O corpo estava inerte.

Ofegante, ela ajoelhou-se, indiferente ao frio e à sujeira, e virou-o devagar.

Oh, não! Deus do céu, permita que ele não esteja muito ferido!

— Jack... o senhor está bem?

Não houve resposta. Ela encostou o ouvido no peito dele. O coração batia compassadamente. Graças a Deus! Ela passou as mãos nos braços e pernas dele. Nada quebrado. Não viu galos ou cortes na cabeça. Ele estava pálido como um defunto e quase frio.

Kate tirou a peliça e cobriu-o. Deitou a cabeça e os ombros dele em seu colo e, sem pudor, envolveu-lhe o corpo com suas pernas. Teria de aquecê-lo. Se ele não recuperasse a consciência, procuraria ajuda. Mas por enquanto, trataria de esquentá-lo.

Agasalhou-o contra si e rezou para que nada de grave houvesse ocorrido e que aparecesse alguém para ajudá-los. Segurou-o pelo queixo não barbeado e aconchegou-lhe a cabeça no busto. Com a outra mão, afastou-lhe os cabelos da testa e murmurou-lhe palavras suaves ao ouvido. A respiração de ambos misturou-se no ar gelado.

Ainda sem decidir qual a atitude a ser tomada, ela viu-o pestanejar. Jack abriu os olhos e fitou-a por um momento, confuso.

— A senhorita... — ele murmurou e cerrou as pálpebras.

— Como está?

— Ensangüentado...

— Não há sangue nenhum. Ele abriu um olho, já irônico.

— Ótimo.

Jack ficou quieto mais um instante e então sentou-se, gemendo. Blasfemou pela dor na perna e tentou examiná-la mais de perto.

— O senhor não quebrou nada — Kate assegurou-lhe.

— A senhorita é entendida?

— Eu deveria imaginar que o senhor não acreditaria em mim. Bem, este chão está muito frio e é melhor mover-se, se puder.

Jack percebeu que ela tremia e que o enrolara com a peliça. Ele tornou a praguejar e jogou nela a peça de roupa.

— Vista isso, sua tola! Quer apanhar uma gripe?

— Acha que pode ficar em pé? — Ela não respondeu à pergunta dele.

Jack moveu a perna ferida e gemeu.

— Acho que conseguirei andar, mas será que seus ouvidos delicados poderão agüentar os impropérios que direi?

Kate teve de rir. Como se ele não entremeasse com imprecisões cada frase que dizia!

— Ponha a mão no meu ombro e veja se consegue ficar em pé.

Jack sentou-se e ela usou o ombro como muleta. Apoiado nela e na perna boa, levantou-se devagar. O esforço deixou-o exausto. As linhas brancas ao redor da boca mostravam seu sofrimento.

— Acha mesmo que deve forçar a perna mais fraca? Posso pedir ajuda e uma padiola para levá-lo.

— Diabos me carreguem, se eu deixar esta maldita fazer de mim um aleijado — ele reagiu, com amargura.

— Ah, que alívio... — Kate provocou-o. — Temia que o esforço fosse demasiado para o senhor.

— Não entendo como é que a senhorita pode divertir-se em uma situação como

esta.

— Não é isso. Não tenho de preocupar-me, pois vejo que sua língua está em forma.

Ele praguejou em silêncio e começou a mover-se em direção à casa, apoiando todo o seu peso em Kate.

— A senhorita é uma jovem singular.

— O que o faz achar isso?

— A maioria das mulheres faria um grande drama, com direito a soluços e ataques histéricos. E a senhorita ainda tem a audácia de criticar-me por causa de meu linguajar.

— O senhor gostaria que eu fosse histérica? — Kate fingiu considerar o caso com seriedade. — Se preferir, posso comprometer-me a ter alguns ataques.

Ela falava com ar malicioso, mas sem deixar de levá-lo para a frente. Esperava que aquelas tolices o fizessem esquecer da dor.

Jack gargalhou com vontade.

— Não, pelo amor de Deus! Quero distância de mulheres desse tipo!

Eles prosseguiram por mais alguns minutos e depois fizeram uma breve pausa.

— Não pode imaginar como é bom lidar com uma mulher sensata.

Kate abaixou a cabeça para disfarçar o riso, mas ele percebeu.

— O que foi agora? O que foi que eu disse de engraçado?

— Durante semanas o senhor disse que eu era "a mais teimosa e irritante das mulheres" — ela imitou-lhe a voz. — E agora, quando diz que sou sensata, não há testemunhas.

— Bem, na maior parte do tempo...

Kate começou a rir e ele imitou-a. Eles se entreolharam e ela gostou da onda de bom humor que o envolvia. A uma certa altura, ele parou e fitou-a intensamente. Kate deu-se conta da proximidade em que se encontravam e de que ele iria beijá-la. Com o coração disparado e a boca seca, ela virou a cabeça depressa.

— É melhor prosseguirmos. Está muito frio e sua perna precisa ser examinada por um médico.

— Não quero mais saber daquelas drogas de ventosas e nem de cirurgiões. Eu me fartei deles na Península.

— Mas o senhor não pode comparar os médicos que temos na Inglaterra com os açougueiros que passavam por médicos durante a guerra.

Jack parou e fitou-a, surpreso.

— A senhorita é a primeira pessoa na Inglaterra que tem a noção exata de quem eram alguns daqueles diabos sanguinários. Não todos, é claro.

— Eu sei. Meu pai e meus dois irmãos morreram lá. Bem, podemos continuar? — Eles deram alguns passos. — Conheci um médico, descendente de mouros, que tratava de ferimentos terríveis, sem deixar quase nenhuma seqüela.

— Hum?

— Por exemplo, uma perna como a sua. O ferimento sarou, mas os músculos perderam a força. Ele recomendava massagear três vezes ao dia com óleos quentes a perna inteira e comprimir toda a extensão da musculatura com o punho fechado.

— Ah, um torturador. Ouvi falar desses tipos orientais que adotavam esses métodos sutis e demoníacos de tratamento.

— Mas eram muito eficazes, embora doloridos a princípio.

— Kate lembrou-se do sofrimento de Jemmy no início e como ela tivera de usar de toda a coragem para continuar.

— Depois de algumas semanas, o membro começa a estender-se. Com exercícios adicionais, creio que, em alguns casos, pode-se chegar à quase normalidade.

— Absurdo! Inescrupulosos abusando dos tolos.

— Pode ser, mas suponho que dependa do tipo de ferimento. Meu irmão voltou a

andar, apesar dos nossos médicos afirmarem que ele jamais voltaria a fazê-lo sem muletas. Eles haviam até planejado amputar-lhe a perna.

Kate jamais esqueceria de como ela e seu pai agarraram-se no médico para impedi-lo de realizar o intento.

— Talvez o processo possa ajudar sua perna.

— Duvido!

— Não custa tentar, não é?

— Maldição! A senhorita não sabe nada sobre isso! Os incompetentes já acabaram comigo e não quero mais saber de curandeiros.

— Não seja tão obtuso. O senhor não pode simplesmente ignorar os danos causados aos músculos e tendões, e sair cavalgando por aí. O senhor é apenas um homem, com um corpo de homem. Foi gravemente ferido e eu sinto muito por isso. Mas tem de encarar o fato, em vez de fingir que ele não existe.

— Com mil demônios! Eu não vou consentir nisso! — Jack resmungou, tentando afastá-la.

— E quem disse que precisa? Eu apenas declarei que *é preciso encarar os fatos*.

— Olhe aqui, minha jovem, já foi longe demais! Isso não é de sua conta!

— Se pretende montar naquele cavalo, em vez de cair dele, o senhor terá de tomar outra atitude! — Kate estava furiosa.

— O senhor poderia andar com essa perna, mas ela está muito rígida e fraca. Se continuar a fazer o que vem fazendo até agora, só poderá piorar a situação. Os músculos têm de ser condicionados e exercitados. O tratamento do qual lhe falei é específico para restaurar a flexibilidade e a força muscular... Jack a encarava com uma mistura de fúria, humilhação e orgulho ferido. Kate pensou que ele fosse bater-lhe.

— Vá para o inferno! Ocupe-se com as suas malditas tarefas! — ele explodiu. — Não preciso dessa porcaria de conselhos, nem dessa droga de cura milagrosa e nem de sua assistência abominável. Posso voltar sozinho!

Kate resolveu fazer uma última tentativa.

— O que o senhor pensaria de um treinador que, depois de ver um cavalo cair e machucar-se, pretendesse fazê-lo pular o obstáculo mais alto, à espera do sucesso? Um tolo, não é verdade?

Ele não respondeu.

— Se ele quiser que o animal pule novamente, deverá recomeçar o treino do ponto mais baixo, até que o cavalo se sinta confiante para pular qualquer coisa. Pense nisso, sr. Carstairs.

Jack fitou-a e Kate pensou que talvez o houvesse sensibilizado. Mas ele cerrou os dentes, empurrou-a e tentou voltar, apesar da dor.

— Homem estúpido e teimoso — Kate murmurou, adiantou-se e sustentou-o de novo com o ombro. — O senhor tem direito de não me escutar... mas não precisa mandar-me embora! Que masculinidade ridícula... rejeitar a minha assistência prática, sendo que precisa dela.

Irado, Jack parou, encarou-a e apertou-lhe o ombro até machucar.

— Está bem. — Kate foi ríspida. — Já fiz a minha parte e prometo não tocar mais no assunto.

Ela continuou o avanço, forçando-o a fazer o mesmo. E criticou-se pela língua solta. Pela primeira vez eles pareciam divertir-se juntos e ela estragara tudo. Mesmo tendo descoberto tudo.

Ela entendera, enquanto segurava a cabeça de Jack no colo, que ele vinha fazendo aquilo havia semanas. Saía antes do amanhecer, em segredo, antevendo as quedas.

A angústia e o desespero faziam-no tentar reaprender a cavalgar. Com coragem, orgulho e obstinação. Mas sem tratamento, jamais conseguiria isso. Mais cedo ou mais

tarde, ele poderia piorar a situação.

E fora por isso que ela falara... demais. Jack não a escutaria novamente e nem a perdoaria. Ela era apenas uma governanta e por benevolência da família dele. Quando é que aprenderia isso?

Entraram na casa e Kate ajudou-o a sentar-se em uma cadeira da cozinha.

— Vou procurar Carlos — ela murmurou e saiu.

Ele ficou sentado, o rosto coberto por uma máscara branca e amarga.

CAPÍTULO VIII

— O que é isso? Parece delicioso.

Jack passou o dedo na mistura cremosa e lambeu-o. Kate tapou a boca para não rir. Ele saiu correndo e ela ouviu-o cuspir, para limpar a garganta do gosto da última descoberta de Kate.

Kate deixou-se cair em uma cadeira e riu até chorar. Bem feito! Sorrateiro, ele entrara e saíra da cozinha o dia inteiro, sem motivo aparente. Várias vezes ela lhe perguntara se queria alguma coisa e ele não respondera. Afinal a cozinha era dele, não era? Como se ela não soubesse. Homem tolo!

E naquele dia, tudo acontecera. Um ninho de passarinhos caíra da chaminé direto na sopa do caldeirão. A massa dos pães não crescera. E ela não conseguira tirar o cheiro de umidade da cozinha que a incomodava fazia dias.

Desde o acidente, ela não vinha dormindo bem. E tudo por culpa dele.

Encontrava-o somente na hora do desjejum. E só ficava aliviada quando o via entrar na cozinha engolindo a dor. Kate temia que Jack se machucasse mais seriamente nas tentativas diárias de montar.

Na última noite, dormira ainda menos, atormentada por preocupações e pesadelos. Sempre relativos a Jack. Acordara irritada. E aquele infeliz sempre no caminho, espiando. Observando cada desastre! O dia inteiro!

Justiça fora feita. A expectoração dele parecia música aos ouvidos de Kate. Ela limpou as lágrimas com a ponta do avental. Jack voltou para a cozinha, esfregando o rosto.

— Está tentando envenenar-me? — Ele fez uma careta e limpou os lábios com o lenço. — Mas o que diabo é isso aí?

— Espermacete, cera branca e óleo de amêndoas — ela explicou, entre risos. — Ainda não acrescentei o óleo e o suco de limão.

— O quê? Está planejando dar-me óleo de baleia para beber? Isso é para queimar nas lamparinas!

Kate tornou a rir. Era a sua nova receita para remover sardas.

— Isto é um creme!

— O quê?

— Isso mesmo, creme de limpeza.

— Hum.

Jack virou-se, com a ponta das orelhas rubras. Andou de um lado para o outro e parou.

— Sirva-se de café, srta. Farleigh, e sente-se. Preciso falar-lhe. Ela pegou duas xícaras e deixou-as sobre a mesa. Fitou-o de relance e já não teve mais vontade de rir. Ele estava muito sério.

— O seu irmão... — ele estava hesitante — voltou a andar?

— Sim.

— Por causa do tratamento que me descreveu?

— Foi. — Kate tentou esconder o júbilo.

— Acha que o mesmo método pode servir para a minha perna?

— Não sou médica, mas eu gostaria de ajudar. Eu.. não posso dizer que ela voltará ao normal, mas acredito que a melhora será significativa.

Embora cético, ele parecia esperançoso.

Era tempo de contar-lhe a verdade. Poderia custar-lhe o respeito dele, mas precisava convencê-lo a tentar a cura, mesmo que parcial. Não havia outra chance, a não ser arriscar-se.

— Não digo isso só por meu irmão. Havia muitos outros...

— Como assim?

— Eu vi o procedimento ser feito em muitos outros soldados. E houve melhora, em quase todos os casos.

— E havia tantos soldados feridos na aldeia... Onde é mesmo que a minha avó a encontrou? Bedfordshire?

— Claro que não. Foi na Espanha e em Portugal.

— Esteve na Espanha e Portugal?

Ela anuiu.

— Durante a guerra?

— Sim.

— Quando?

— Nos últimos três anos.

— Sozinha? Ela corou.

— Com meu pai e meus irmãos.

— O que seu pai fazia lá? Ele era muito velho para servir o Exército.

— Ele achou que seria mais útil lá do que na sua paróquia.

— Ele simplesmente empacotou a Bíblia e partiu?

— Sim. Se conhecesse meu pai, entenderia. Uma vez resolvido, não havia nada que o fizesse desistir.

— Mas, e a senhorita?

— Fui com ele, é claro. Era um erudito brilhante, mas uma negação no campo doméstico. Não tinha noção de como procurar alojamentos, comida ou qualquer outra coisa necessária em um país assolado pela guerra.

— E a senhorita tinha?

— Por certo. Bem... não a princípio, mas depois aprendi. Quando comecei a entender o idioma, tornou-se mais fácil.

— E não se importou? Ela arregalou os olhos. Não, nem um pouco. Foi uma das melhores épocas de minha vida... Vejo que o senhor está chocado por isso.

— Não, de jeito nenhum. Mas o trabalho não foi muito pesado? Durante a guerra, Jack conhecera muitas esposas de oficiais.

Mas todas tinham criados e a proteção dos maridos.

— Por certo houve ocasiões que eu desejava não ter de dormir em uma aldeia suja e infestada de vermes. Ou cavalgar horas a fio sob uma chuva torrencial ou um calor escaldante. Afinal, também sou humana. Mas pelo menos, nunca era monótono. Sempre havia alguma coisa para fazer e alguém com quem conversar.

Não podia dizer a ele que fora a primeira vez na vida que seu pai a valorizara.

— Mas seu pai não levou em consideração o perigo?

— Ah, sim! Por exemplo, em Badajoz, ele me manteve confinada na tenda por mais de uma semana.

— Esteve em Badajoz? — Jack engasgou.

Aquele cerco sangrento, com conseqüências ainda piores! E o pai a protegera da violência e do fogo cruzado com um pedaço de lona!

— Sim, como também em Ciudad Rodrigo e em outras batalhas. Mas eu sempre ficava na retaguarda durante as lutas. Vários oficiais advertiram meu pai e ele insistia nesse ponto.

— Ainda bem... — murmurou, arrepiado, ao lembrar-se das atrocidades da guerra.

— Mas isso era quase impraticável. Como é que eu podia tratar dos feridos, estando tão longe o tempo inteiro?

— *Tratar dos feridos?* — Ele espantou-se.

Kate corou, lembrando-se de que Henri também ficara incrédulo e até a proibira de

continuar o trabalho.

— Bem, de alguma forma eu tinha de ajudar. E havia tantos necessitados... Foi como eu conheci o médico mouro. E por isso eu tenho tanta fé nesses métodos de tratamento.

Por cima da mesa, Jack segurou-lhe a mão pequena e acariciou com o polegar a pele grosseira da palma. Fitou as feições delicadas, o nariz pequeno e arrebitado, os olhos grandes e inocentes que já haviam testemunhado tanta miséria e sofrimento.

— A senhorita é a mais surpreendente das mulheres, Kate tomou consciência do calor daquela mão grande e forte que acariciava a sua e tirou-a.

— Bobagem — ela murmurou.

Teria de arriscar aquela admiração em prol da recuperação dele, Kate conformou-se.

— O senhor quer que eu prepare os óleos? O tratamento não é difícil. Só é preciso persistência.

— A senhorita poderia dizer ao Carlos como se faz? — Jack foi cauteloso.

— Seria melhor que eu mesma fizesse no início. Posso explicar-lhe. Não é difícil, mas há algumas peculiaridades que são mais fáceis de demonstrar do que ensinar.

Kate percebeu que ele estava chocado com aquele despudor. Embora não fosse uma jovem casta, era muito difícil ter de desiludi-lo.

— Bem... eu... Sr. Carstairs, não sou tão ingênua quanto o senhor pensa. Já tratei de muitos homens feridos e não somente de meus irmãos. Não tem com o que preocupar-se. — Evitou olhá-lo, corada. — Posso preparar os óleos?

— Não, não, eu estava apenas perguntando — ele irritou-se com a pressa dela em começar.

— Mas prometa pensar nisso.

— Prometo, mas tenho muito o que fazer hoje.

Jack se levantou e saiu da cozinha. Kate fitou-o, preocupada. Ele provavelmente passaria o resto do dia meditando. Bebendo. Não ousava ter esperanças. Bem, mas as dela eram suficientes para ambos.

Naquela noite, Jack não ficou sozinho como de costume. Convidou Kate e Martha para irem com ele ao escritório, onde Carlos acendeu o fogo. Sóbrio, apesar da garrafa de vinho do porto a seu lado, Jack serviu xerez para Kate e Martha. Sentaram-se ao redor do fogo e conversaram. Era evidente que ele fazia um esforço para mostrar-se bom anfitrião.

Jack voltou ao assunto que o deixara abismado.

— Diga-me, por que seu pai resolveu levá-la junto para viajar com a retaguarda do Exército?

Procurou não demonstrar a irritação que sentia contra um homem que não conhecera e que levava uma jovem inocente para vivenciar os horrores de uma guerra.

— E o senhor acha que eu seria tão covarde a ponto de ficar na retaguarda com toda a bagagem e as mulheres chorosas? Que enfadonho! Jemmy conseguiu uma égua espanhola, muito esperta e eu podia cavalgar para onde quisesse.

Será que ninguém naquela família se lembrara que ela era apenas uma menina?

— Meu bom Deus!

— Ah, isso foi muito conveniente. Eu estava livre para ir para a frente e para trás. Dava uma olhada em meu pai, pois ele era muito distraído, e também na bagagem, que viajava com Luís, nosso criado português. Assim eu também podia encontrar um bom lugar, quando parávamos para dormir. Eu preparava comida quente e encarregava-me do conforto para o descanso.

Kate bebericou um gole do xerez.

— Nós tivemos sorte. Jemmy caçava bastante. Lembro-me de quando voltamos para Portugal, depois de Talavera. O alimento era escasso e todos estavam esfomeados. Jemmy conseguia aproveitar uma retirada para caçar. Ele sempre arrumava um jeito de

trazer uma lebre ou coisa assim, justo quando meu estômago já estava nas costas.

Irriquieto, Jack mal continha a raiva e o impulso de abraçá-la. Ele também havia lutado em Talavera. Lembrava-se muito bem dos horrores da retirada e da fome terrível que os atingira.

Por quantas vezes a frágil criatura enfrentara uma situação dessas? Isso era inaceitável! Ainda se lembrava de sua magreza ao erguê-la no colo, quando a conhecera! Gostaria de tê-la conhecido antes. Jamais a deixaria passar por episódios tão terríveis.

— Desculpe-me. Eu não deveria mencionar tais coisas. Kate corava por não ser de bom-tom referir-se ao estômago e falava dos horrores da guerra sem se alterar. Ela era mesmo especial.

— Estive em Talavera — ele falou em voz baixa.

— Então o senhor deve lembrar-se da volta horrível a Portugal. Os Coldstream estiveram em Busaco? Jemmy foi ferido lá. Onde o senhor ganhou a cicatriz?

Ele passou a mão no rosto.

— Isto foi lembrança de Badajoz.

Ambos ficaram em silêncio, recordando-se de Badajoz. O fogo crepitou. Uma acha deslocou-se e faíscas incandescentes subiram pela chaminé. Martha mexeu-se na cadeira de balanço e voltou a dormir. A velha ama não deixava Kate por nada. Era sua acompanhante e achava-se no dever de proteger a reputação de Kate, mesmo sendo conhecedora dos fatos.

— A senhorita relata os acontecimentos com muita calma. Não ficava apavorada, antes de uma batalha?

— Meu Deus, era terrível! Antes de cada combate eu não conseguia comer, estremecia ao menor ruído e ficava mal humorada. Pensava em meus irmãos. Kate fitou as chamas.

— Ben, sempre sereno, era o mais velho. Jemmy costumava ridicularizar Bem por sua lerdeza e Ben nos dizia que a nossa pressa o deixava tonto. Os dois tinham temperamentos diferentes mas ambos eram maravilhosos.

Kate emocionou-se e seus lábios tremeram. Jack gostaria de tomá-la nos braços e fazê-la esquecer o desgosto. Pobre menina valente e desamparada.

— Ben não conheceu Badajoz. Ele foi morto em Ciudad. O senhor esteve lá? .

— Lembro-me do primeiro dia ali. Estava muito frio e a neve estalava sob os pés. O amanhecer era muito bonito, daqueles que convidam para um bom galope. Depois voltar para casa e tomar um desjejum quente... Kate suspirou.

— Aí...os tiros de canhão sacudiram a manhã. Cheguei a pensar que meus tímpanos se romperiam. E eu estava longe! Enchi os ouvidos com trapos para diminuir o barulho... Ben foi morto no dia seguinte. Uma bala atravessou-lhe as têmporas e ele nem teve tempo de ver o que o atingira. Talvez seja frieza dizer que ele teve sorte, mas há tantas maneiras terríveis de... Jack não se conteve. Afagou-lhe as mãos pequenas e frias.

— Tem razão, Kate. Não existe maneira melhor de morrer do que no auge da ação.

Eles permaneceram em silêncio. Os únicos sons que se ouviam eram o estalar da lenha no fogo e o ressonar lento e rítmico do sono de Martha. Jack continuava a acariciar-lhe as mãos.

— Como foi que seu pai e Jemmy morreram?

Kate piscou para afastar as lágrimas.

— Ambos foram apanhados por atiradores de tocaia no trajeto para Salamanca. Lembra-se de quando nosso Exército e os franceses viajavam em linhas paralelas, e trocavam tiros de vez em quando para aliviar o tédio?

Jack anuiu e refletiu que, apesar de estarem muitas vezes nos mesmos lugares, os caminhos nunca haviam se cruzado.

— Jemmy foi ferido no peito e pouco depois papai, no estômago. Eles não poderiam agüentar os solavancos da carroça. Encontrei uma fazenda abandonada e

fiquei com eles até o fim.

Jack não suportou mais escutar tanta tristeza.

— Acho que já é hora de ir para a cama.

Ele levantou-se e estendeu a mão para ajudá-la. Comovido, abraçou-a, aconchegando-a em seu peito largo e quente.

Proteção, calor, conforto e segurança fizeram com que Kate se abandonasse naqueles braços e desejasse nunca mais sair dali.

Ele ergueu-lhe o queixo e eles se entreolharam. Jack curvou a cabeça e beijou-a, com infinita ternura.

Martha mexeu-se e acordou. No mesmo instante, eles estavam separados. Kate curvou-se para a velha ama e ajudou-a a erguer-se. Jack encostou-se em uma parede, com o rosto na sombra.

Devia ser o vinho do porto, Kate disse para si mesma, enquanto separava o coalho do soro para fazer queijo *cottage*. Eles mal se falaram, desde aquela noite, na verdade, Jack a evitava.

Kate supôs que ele se arrependera do impulso de tê-la beijado. Mas ela gostara.

Ela resolveu esquecer tudo. Não era uma decisão fácil, mas teve de ser tomada.

— *Senorita* Kate, major Jack disse que está pronto para a tortura começar. Esta manhã — Carlos avisou. — Ele também não tentou montar hoje.

Kate ficou pasma. Afinal, Jack a escutara e se prontificava para acreditar nela. Sorriu para Carlos e apressou-se em preparar tudo, antes de que Jack se arrependesse.

Pouco tempo depois, ela subiu a escada, carregando um pequeno pote com óleos aromáticos. Devagar, seguiu Carlos até os aposentos de Jack.

Já fizera aquilo uma dezena de vezes e não havia motivo para tanto nervosismo, refletiu. Só por que estava em uma casa de campo inglesa e não em uma cabana portuguesa ou uma tenda espanhola?

Não tratava-se de Jack...

Ela abriu a porta. Jack estava na cama, vestido com um camisão, coberto por um lençol. Olhou para Kate, para o lençol, cobriu-se melhor e corou, envergonhado.

— Essa é uma coisa idiota — anunciou. — Mudei de idéia. Deixe essa droga com Carlos. Tenho certeza de que daremos conta do recado.

— Não diga bobagens. Eu já lhe expliquei. Não se trata simplesmente de esfregar alguns óleos. Há uma técnica especial para o seu uso. Não se preocupe comigo. Já enfrentei tarefas muito mais difíceis. Tente imaginar que sou um dos que tratava de suas feridas na Espanha.

Jack bufou. A imaginação dele não dava para tanto. Kate era pequena, esguia e tinha lábios rosados. A última pessoa que tocara nele na Espanha havia sido um soldado musculoso, careca, desdentado, tatuado e dono do maior vocabulário de obscenidades que Jack já ouvira.

Ele agarrou-se no lençol, quando Kate tocou no tecido.

— Não seja bobo. Preciso ver a perna, para aplicar os óleos decentemente. Eu já lhe disse, um corpo de homem não é novidade para mim. Não ficarei envergonhada por ver a sua perna.

A preocupação de Jack não era com a timidez da donzela. Ele não queria que Kate visse o estado em que sua perna se encontrava.

Animada, ela afastou o lençol.

Jack cerrou os dentes, à espera da reação de repulsa. Ela curvou-se sobre a perna, em silêncio. Era muito branca e tinha cicatrizes horríveis vermelhas e púrpuras em xadrez. Os músculos estavam retraídos e torcidos em alguns lugares, como que desalinhados por causa da cicatrização franzida.

Kate fez um exame cuidadoso, sem demonstrar emoção.

Haviam mesmo feito estragos nele, mas fora as cicatrizes, não estava tão mal

assim.

Ela passou a mão, para sentir a musculatura. Sentiu que ele se encolhia e fitou-o.

— Estou machucando?

Jack a encarou de modo estranho.

Kate não demonstrava nenhum sinal de horror, repugnância, simpatia ou piedade.

— Está doendo, sir?

— Não... E que suas mãos estão frias. Só isso.

— Ah. — Ela continuou o exame.

— Carlos... vou trabalhar primeiro estes músculos. — Carlos curvou-se para ver.

— Veja como eles estão repuxados pela cicatrização. Por isso é que fica tão difícil curvar-se. Agora, um pouco deste óleo e então...

Ela começou a massagem. Jack gemeu um pouco e mexeu-se, desajeitado.

— O óleo está muito quente, sir?

— Não... não é isso. — Ele desviou o olhar.

Kate continuou o tratamento, explicando cada detalhe para Carlos. Os dedos finos e fortes esfregavam, batiam com o punho fechado e empurravam os músculos atrofiados. Jack permaneceu impassível.

Kate alternou movimentos intensivos e localizados, com golpes longos e suaves na perna inteira. Puxava e empurrava com uma massagem forte, macia e rítmica. A uma certa altura, Jack disfarçou um gemido forte.

— Está doendo, sir?

— Não... eu... A senhora não acha que Carlos já sabe o que fazer?

— Ainda não, sir. Acho melhor eu fazer uma sessão completa primeiro. Não serão necessários mais do que quinze ou vinte minutos.

— Oh, Deus! — Jack tornou a gemer e ajeitou-se debaixo do lençol.

— Perdoe-me se eu o estiver machucando. Esta parte do tratamento não deveria doer. Talvez eu tenha esquecido de alguma coisa. Pode dizer-me onde exatamente a dor está localizada?

Jack olhou-a, procurando algum indício de malícia, e só encontrou inocência. Kate não tinha idéia do efeito provocado pela massagem.

— Não, droga! A senhorita não está fazendo nada errado! Apenas termine o mais rápido que puder!

Kate admirou-se do olhar fulminante com que ele procurou Carlos, por cima do ombro dela.

Kate mordeu o lábio. Claro que estava doendo. Senão por que ele gemeria? Os homens eram mesmo teimosos. Não se importava que ele praguejasse ou gemesse. Mas ela precisava saber se doía ou não, e onde. Jack continuou, em silêncio.

Kate sentia, sob seus dedos, que ele ficava cada vez mais tenso. Que estranho... Ele devia estar relaxado. Redobrou os esforços. Massageou o óleo quente e aromático por toda extensão da perna. Ele gemeu novamente, puxou o lençol e virou-se de bruços, derrubando Kate na cama.

Ela sentou-se, corada e atônita.

— Mas o que pensa que está fazendo? Vire-se! Ainda não terminei.

— Ah, já, sim, srta. Farleigh. — A voz foi abafada pelo travesseiro. — Chega.

Kate encolheu os ombros.

— Muito bem, posso trabalhar no dorso da perna. — E ela recomeçou a esfregar.

— Mas que diabos, mulher! — O travesseiro continuou a abafar a explosão. Jack afastou a perna e tentou cobri-la com o lençol. — Fora, srta. Farleigh, já!

— Mas... — Kate não entendeu.

— Carlos!

Kate sentiu a mão de Carlos em seu ombro.

— Por favor, *senorita* Kate.

— Mas ainda preciso mostrar-lhe algumas coisas.

— Ah, *senorita*, já entendi tudo.

— Carlos!

— Imediatamente, major Jack!

— Major Jack não pode suportar mais nenhum tratamento hoje — Carlos declarou, sem esconder que se divertia. — Talvez uma outra hora!

— Carlos!

— *Si, si*, major Jack. Agora, *senorita*, por favor.

Ele apressou-se a sair com Kate do quarto e fechou a porta. Eu não entendo — Kate afirmou, preocupada. — Ele devia estar com muita dor. O sr. Jack não é homem que se queixa por pouco. A perna dele deve estar pior do que eu pensava.

— Não era a perna que o incomodava, *senorita*.

— O que quer dizer?

Carlos deu de ombros. Os ingleses eram muito pudicos nesses assuntos. Se ela entrara no quarto do major e lhe descobrira a perna sem nem corar, não era tão inocente assim.

— *Senorita* Kate, já faz muito tempo que o major não tem contato com uma mulher. Quando a *senorita* tocou-o... Bem, ele é homem, sabe como é...

Kate fitou-o e entendeu. Corou violentamente e saiu correndo.

CAPÍTULO IX

Naquela noite, Carlos observou Kate andar de um lado para o outro e olhar para cima, perturbada por causa do major Jack.

Carlos suspirou. Se ela estava melindrada e de mau humor, o major não tinha culpa. Ele apenas não conseguira disfarçar a reação de seu corpo aos toques dela.

Aquela inglesa revolucionara tudo!, Carlos concluiu.

Então o major estava mesmo atraído por ela! Seria para se admirar, se não estivesse. *Senorita* Kate mudara bastante e estava muito bonita. Apesar disso, major Jack evitava a *senorita* o quanto podia e submetia-se às massagens de Carlos em segredo. Quanta bobagem!

Kate chutou um pedaço de madeira no fogo e uma chuva de faíscas subiu pela chaminé.

Como é que ele desistira depois de apenas uma sessão? Ela não se conformava. Tinha certeza de que as massagens possibilitariam até que ele cavalgasse!

Era óbvio que ele não acreditava. Mas desistir depois da primeira, só por que tivera uma reação incontrollável?

Em parte fora culpa dela. Assegurar-lhe que não se envergonhava de ver a perna nua! Dizer-lhe que não era inocente! Que já vira muitos corpos de homens! Por isso aquela resposta.

Depois disso, ele voltara a subir todas as noites ao escritório, para beber. Ele nem mais fizera as tentativas matinais de montar.

Não podia mais tolerar aquilo, ela decidiu, já com raiva.

Carlos percebeu-lhe a determinação no olhar e levantou-se. Kate fitou-o, resoluta.

— Carlos, venha comigo, por favor. E traga um balde grande.

Desconsolado, ele obedeceu. Deveria ter-se escondido, até a tempestade passar. Ela subiu até o escritório, seguida por Carlos, que estava com as mãos úmidas.

Será que ela não tinha mais nada para fazer?, Carlos perguntou-se. Perturbar o major Jack àquela hora da noite, quando ele já devia ter consumido pelo menos duas garrafas, com humor para lá de péssimo! *Ay de mi!* Que loucura.

Jack estava escarrapachado em uma cadeira em frente à lareira, com um copo de conhaque na mão. Com as pálpebras semicerradas, fitava as chamas.

Praga de mulher! Antes de ela entrar em sua vida, tudo era tão fácil... mas também apático. Ele deveria ter insistido para ela ir embora com sua avó. Assim, não estaria ali para aborrecê-lo, provocá-lo e insinuar-se. E nem esfregaria o chão ou cozinaria. Sem ninguém para conversar a não ser uma velha idiota, um empregado espanhol malandro, duas camponesas analfabetas e um aleijado. Ela deveria estar em um salão de baile, vestida de seda e cetim, flutuando pela pista de dança e sendo cortejada por vários cavalheiros.

Seis meses! Como poderia agüentar? Antes, já era difícil não agarrá-la. Ela era diferente de todas as que já conhecera. Era inacreditável. Ver seu rosto suave e sincero e saber que ela passara três anos na guerra, vira morte, destruição e perdera a família inteira!

Mas que pai era aquele? Levar uma filha para aquele inferno? E ainda por cima morrer e deixá-la sem ninguém?

Jack acendeu um charuto e soltou algumas baforadas, pensando nas iniquidades do reverendo Farleigh. Idiota de cabeça dura! Até mesmo recusara dinheiro da família da mãe de Kate. Orgulho era uma coisa. Mas deixar a filha naquela situação! Ainda bem que ele estava morto, senão ficaria tentado a estrangulá-lo...

Maldição! Por que a avó deixara Kate para trás? A jovem deveria estar em

Londres, à procura de um marido rico. Um camarada de boa posição social que a mimasse e protegesse para o resto da vida. Que pudesse dar-lhe todas as coisas boas que ela merecia. Qualquer homem ficaria feliz com isso.

Ela era muito ingênua. Não tinha a menor idéia do que suas mãos provocaram, ao massageá-lo. Era dona de uma sensualidade inconsciente.

Provavelmente cairia pelo primeiro rosto bonito que encontrasse. O mundo estava infestado de canalhas. Precisava alertar a avó sobre isso. Lady Cahill deveria fazer a escolha certa para Kate.

Ele esvaziou o copo e tornou a enchê-lo, derramando conhaque na mesa lateral.

Era muito difícil manter-se afastado dela. Teria de mandá-la para Londres o mais depressa possível e Deus seria testemunha do quanto lhe custaria fazer isso. Mas não poderia permitir que ela ficasse amarrada a um camarada estropiado e amargurado. E que esfregasse o chão até o fim da vida.

Pensou nas mãos pequenas e ásperas. Não, nem que isso o matasse, teria de mandá-la para a avó.

Ele tornou a beber e seu humor piorou ainda mais, se é que isso era possível. Lembrou-se de todas as vezes em que a tocara. Sua boca ficou seca e seu corpo respondeu de imediato às lembranças.

Tinha de tirá-la de seus pensamentos e de sua vida. Não queria mais saber de mulheres. Nem mesmo daquelas que limpavam o chão e tinham olhos ternos, divertidos, doces e sinceros. Elas constituíam uma armadilha.

Mulheres! Até a melhor delas poderia não ser muito exigente.

O que uma órfã sem casa e sem um vintém poderia querer com um aleijado horrível como ele? Um lar? Até uma casa deteriorada como aquela seria interessante para quem não tinha nada. Mesmo ele sendo considerado pobre, sua pobreza era relativa. Ele nunca passara fome, e ela a experimentara várias vezes. Como também nunca ficaria sem ter para onde ir, o que também já acontecera com ela.

Ele tinha um lar, uma família e era herdeiro da avó. Era bom demais para quem não tinha nada. E se o preço fosse viver com um homem destruído...

Bem, Kate tinha capacidade para isso. Era provida de virtudes cristãs como caridade, altruísmo e piedade. Não era difícil entender o que Kate via nele. Uma jovem poderia tolerar muito, para ter um lar, segurança e uma família...

— *Senorita* — Carlos sussurrou. — Não acho que seja uma boa idéia.

— Sei que não. O senhor é quem compra aquelas garrafas de veneno que ele consome todas as noites!

— Mas ele é meu patrão...

— Mas se o senhor se preocupasse com seu *patrão*, deveria recusar-se a fazer isso. Não percebe que ele está destruindo a si mesmo? — Kate bateu o pé. — Eu não aceitarei tal coisa! Fui contratada pela avó dele para cuidar de seu bem-estar e vou tratar disso agora!

— *Senorita*, eu lhe imploro. Agora não é momento adequado. — Carlos agarrou-lhe a manga. — Por favor, espere até de manhã.

— Até lá, ele já terá consumido muito mais daquela porcaria. Largue-me, Carlos.

— *Senorita*, é muito perigoso enfrentá-lo quando ele está assim.

— Covarde! — Kate desvencilhhou-se, abriu a porta e entrou no escritório.

Ela acendeu um candelabro nas chamas da lareira e deixou-o sobre o console de madeira entalhada.

Jack permaneceu imóvel e fitou-a em silêncio. Ela notou o copo entre os dedos longos, as garrafas vazias sobre a mesa lateral de mogno, o líquido derramado, os charutos pela metade que ele apagara na preciosa tigela chinesa.

— Carlos, por favor, traga o balde.

Relutante, Carlos aproximou-se e Kate irritou-se com o sorriso de desculpas que

ele dirigia a Jack.

— Segure — ela ordenou.

Antes de que os homens tivessem tempo de imaginar o que ela faria, Kate jogou as garrafas no balde. O som do vidro que se espatifava quebrou o silêncio. Despejou junto os charutos e as cinzas e finalmente tirou o copo da mão de Jack e também o atirou no balde.

— Assim está melhor — ela afirmou, esfregando as mãos.

— Pronto, Carlos!

— *Madre de Diós!* — ele murmurou e abandonou o campo de luta.

Kate afastou-se. Jack começara a recuperar-se do assombro e exibia os sinais de uma ira que ameaçava explodir.

— Mas o que diabos pensa que está fazendo, mulher? — gritou, levantando-se da cadeira e avançando na direção dela.

— O que eu já deveria ter feito há muito tempo — ela respondeu calma, mas saltou para trás de uma *chaise longue*.

O coração de Kate disparou. Temia a reação dele por estar bêbado, mas achou que não chegaria a matá-la, apesar da fúria no olhar. Além do quê, não deixava de ser estimulante enfrentá-lo a sós, na penumbra do recinto.

— O senhor deveria saber que é muito ruim ficar aqui noite após noite, pensando, achando-se infeliz e bebendo até não poder mais.

Kate saiu de detrás da *chaise longue* e foi até uma mesa.

— Está na hora de o senhor parar de beber.

— É mesmo — Jack resmungou e tentou agarrá-la. Ela correu até uma cadeira de balanço. — E posso saber o que a madame tem a ver com isso?

— Sua avó empregou-me para tomar conta do senhor...

— A velha intrometida contratou-a para levar-me à loucura! — ele gritou e tentou alcançá-la de novo, mas ela esquivou-se a tempo.

— Absurdo! Posso até entender que tenha seus motivos para sentir-se um bagaço. Mas deve ficar muito pior, depois de afogar-se em xerez, vinho do porto e sei lá mais o quê!

— Já lhe mostro quem é um bagaço! — ele rugiu. — Vou dar-lhe uma lição, minha jovem. Uma que o infeliz de seu pai deveria ter-lhe dado há muito tempo! De como não interferir nos prazeres de um homem!

— Deixe meu pai em paz!

— Eu faço o que eu quero, dentro desta minha maldita casa. E isso inclui dar-lhe a surra que seu pai deveria ter-lhe dado da primeira vez que a senhorita mostrou atrevimento.

— Nunca fui atrevida com meu pai! — Kate gritou, indignada, esquecendo todos os castigos que recebera por coisas bem piores. — Como ousa ameaçar-me, seu monstro? Se encostar um dedo em mim eu... eu... gritarei!

— E quem virá salvá-la? Se bem conheço Carlos, ele já estará bem longe a uma hora dessas. Millie e Florence já foram para casa. Quanto a Martha... ela não acha nada errado naquilo que eu faço.

Kate cerrou os dentes. Era verdade. Martha caíra de amores por Jack e ele usava isso como arma! Ela viu o arranjo com folhagens que arrumara pela manhã.

— Não preciso gritar. Sei proteger-me.

Ela atirou o vaso, que passou por ele e espatifou-se na parede oposta. Mas os ramos folhosos e a água atingiram o objetivo. Kate sorriu, triunfante.

Jack tirou as folhas da cabeça e limpou a água do rosto.

— Ah! Errou o alvo, sua espertinha! Para quem joga críquete...

— Errei de propósito. Mas eu lhe prometo, acertarei da próxima vez!

— A senhora gosta de atirar coisas, não é mesmo? Suponho que tenho de

agradecer por não estar com óleo quente nas mãos, não é?

— Bem pensado.

— E exatamente por isso, vou lhe dar a maior sova que já recebeu na vida! — ele falou com uma certa diversão no olhar, apesar da raiva.

— Bom, pelo menos agora o senhor tem uma ambição na vida...

— E posso saber o que quer dizer com isso?

Bem, ela não pretendia ser tão grosseira. Escapara. Mas não voltaria atrás.

— Fora, é claro, a vontade de beber até morrer. Não que a ameaça de bater em uma mulher seja uma ambição para orgulhar-se...

Jack empalideceu de raiva.

— O que a senhora está pensando? Nunca bati em mulher nenhuma! Agora saia de minha casa, antes que eu quebre seu pescoço e a atire escada abaixo! — Jack ameaçou, sem perceber a própria incoerência.

Ele agarrou a cadeira Queen Anne que estava entre eles. Kate escutou o ruído do brocado velho que se rasgava pela pressão.

Trêmula e com a pulsação acelerada, Kate não tinha certeza se estava excitada ou apavorada. Ele parecia querer matá-la. Mas tinha a intuição, contra todas as aparências, que ele não lhe faria nenhum mal.

— O que seria ótimo para o senhor, não é verdade? — ela continuou a provocá-lo, pulando de um lado para outro, sempre atrás de um móvel.

— Eu irei embora e ninguém mais o tirará dessa situação lamentável! Bem, Sr. Carstairs, se quiser se ver livre de mim, terá mesmo de atirar-me para fora! Eu não sairei daqui a não ser por minha livre e espontânea vontade. E não pretendo fazer isso agora.

Ele tentou agarrá-la e Kate tentou escapar, mas prendeu o pé na borda do tapete. Sem hesitar, ele estendeu o braço e impediu-a de cair.

— Agora eu a peguei — ele resmungou e puxou-a mais para perto.

Kate lutou, mas não conseguiu soltar-se. Sem muito esforço, ele prendeu-a de costas junto a uma mesa próxima. Prendeu-lhe as pernas com sua coxa musculosa e os pulsos com uma só mão. Puxou-a de encontro a ele. Só se ouvia a respiração ofegante de ambos e os sons da madeira que ardia.

— Eu deveria dar-lhe uma surra de verdade — murmurou e fitou-a com intensidade.

Kate entendeu que não corria perigo de apanhar. O perigo era outro. Enfrentou o olhar dele e depois fitou-lhe a boca. Não poderia encorajá-lo e nem permitir avanços. Mesmo que ela ansiasse por aquilo, com todo seu coração.

— Por favor... — ela sussurrou e recomeçou a luta.

— Se continuar a fitar-me com esses olhos... — Jack abaixou lentamente a cabeça e beijou-a.

Kate não abandonou as tentativas de libertar-se, mas os lábios dele, exigentes a princípio, suaves e provocantes depois, fizeram com que entreabrisse os seus.

O fogo interior atingiu-a com tanta força que ela gemeu. Jack afrouxou o aperto, ergueu-lhe o queixo e mirou-a dentro dos olhos. Kate estava indefesa. Presa entre seus braços, com a cabeça para trás e os lábios úmidos e entreabertos.

— O que têm meus olhos?

— Toda a vez que enxergo dentro deles, tenho vontade de fazer isso.

Jack tornou a abaixar a cabeça e beijou-a apaixonadamente.

Apesar da vertigem, ela não acreditava no que ele dissera. Os olhos dela deixavam-no com vontade de beijá-la?

Ele endireitou-se e sorriu diante do rosto aturdido de Kate.

— Viu? Está fazendo isso outra vez... — Jack beijou-a com infinita ternura.

Ele acariciou-lhe os seios e Kate arqueou as costas. Os mamilos ficaram sensíveis, mesmo sob a túnica e a camisa, bob o efeito de estremecimentos incontrolláveis, ela

encostou-se em Jack, que provocava nela as sensações mais surpreendentes com a língua e os lábios. Ela só queria senti-lo mais perto, mais agarrado e... acolhê-lo.

Apesar do cheiro de álcool e tabaco, Kate estava consciente de um odor indefinível e individual de masculinidade. Ela acariciou-lhe os cabelos escuros e o queixo não barbeado. Ele soltou-lhe a boca por um momento e ela gemeu, em protesto.

Encostados um no outro, eles se moviam em uma dança lenta e rítmica. Segurando, experimentando e querendo. Ele abraçou-a com força e Kate esfregou os seios no peito rijo. Ele se afastou um pouco e ela sentiu uma ligeira corrente de ar nas costas.

Kate percebeu que ele abria seu vestido e tentava tirá-lo pelos ombros. Ela recuou e agarrou o vestido.

Ele fitou-a, praguejou e afastou-se. Passou a mão nos cabelos e foi até a mesa onde antes estava o conhaque. Empurrou a peça de madeira e tornou a blasfemar, lembrando-se do que acontecera. Enfiou as mãos nos bolsos e, de cenho franzido, ficou de frente para o fogo.

Chutou um ramo seco com a perna machucada e as faíscas dançaram para todos os lados, enquanto a dor fez com que recobrasse o juízo.

Kate arrumou o vestido como pôde. E assim ficaram por um longo tempo. Jack fitando as labaredas e suspirando ocasionalmente. Kate, nervosa, com os olhos arregalados e o rosto corado à luz do candelabro.

Jack travou o queixo. Se dissesse uma palavra terna, ela viria para seus braços novamente. E então nada o deteria. Jamais desejara tanto uma mulher em toda a sua vida.

Mas Kate era uma lady. Se a tocasse, teriam de casar-se. E ele não tinha esse direito. Era um aleijado. Com a ajuda de lady Cahill, Kate poderia escolher quem quisesse para ter uma vida fácil e prazerosa. Ele podia não ser um cavalheiro exemplar, mas tinha orgulho suficiente para não forçá-la a aceitar uma situação apenas por bondade.

— Saia daqui, antes de que eu lhe dê uma sova — ele resmungou. — Deus do céu, seu pai não lhe ensinou que não deve se atirar dessa maneira para um homem? Se eu não soubesse que a senhorita é inocente... Isso é uma provocação da pior espécie. Entendeu? E é usada pelas mulheres mais vulgares! Kate empalideceu.

Ela a acusava de devassidão!, ela refletiu, desesperada. Acusava, como todos os outros. E o que ele pensaria, se a conhecesse de verdade? Que ela também fizera o mesmo com Henri? Que pedira para ser a prostituta de um francês?

Ela morreria se Jack a olhasse como os homens de Lisboa haviam feito.

Mas era verdade. Ela o provocara... Desafiara a raiva dele. Mas ele a agarrara primeiro! E a beijara, quando ela nem pensava nisso... Bem, não muito. Não podia negar que retribuía o beijo dele, mas fora ele quem começara. Como também lhe desabotoara o vestido! Porém, como o povo de Lisboa, ele a achava responsável...

Ora, se ela era uma libertina, ele também era! O ódio avolumou-se dentro de Kate. Não pelo que Jack dissera. Mas por todos aqueles que a censuraram em Portugal e na Espanha.

Hipócritas!

Mas naquela altura ela não aceitaria documento a reprovação pelo que não fizera. Dar-lhe-ia a resposta merecida!

Ela encarou-o, branca como cera. E sem muito refletir, deu-lhe um tapa no rosto. Ele permaneceu estático e perplexo, enquanto ela saía do escritório.

Jack continuou fitando a porta, por um longo tempo. Depois passou a mão no rosto, divertido. A pequena Kate tinha a mão pesada. Ele voltou à sua poltrona e fixou-se no fogo, sem tirar a mão da face, embora já não doesse.

Perdera o controle. Maldição. Ela o deixava maluco e provocara a sua ira, ao arrancar-lhe o copo da mão. A raiva aumentou por ela esconder-se atrás dos móveis e

atirar o vaso nele. Nisso a cólera transformou-se em instinto de caça. Ao agarrá-la e sentir o corpo miúdo e ofegante de encontro ao seu, toda a sua frustração tomou a forma de...

Era certo que Kate precisava de uma lição, mas ele jamais a ensinaria daquele jeito. Não podia esquecer seu olhar, antes de ele ofendê-la. O brilho mais doce e tímido refletiu-se nas íris verde-acinzentadas. Para depois dar lugar à angustia e à dor...

Kate não merecia aquilo. Jack bateu com o punho fechado no braço da cadeira. Por que ela o enfrentava, estando ele bêbado? Porém em seus braços, ela se mostrava doce, quente e confiante. E ele cedeu, mesmo sabendo que era uma situação impossível. Por isso, teve de afastá-la, antes que fosse tarde demais.

Jack gemeu de novo. Socou o braço da poltrona e a própria perna. A dor deixou-o com uma satisfação amarga.

Kate continuou deitada sobre a colcha da cama, agarrada a um lenço ensopado. Fitava o papel de parede desbotado e estremecia ocasionalmente. Depois do terrível acesso de choro, ela foi envolvida por uma calma estranha.

Fizera o possível para evitar tudo o que fosse além das emoções diárias superficiais. Essa decisão originara-se do medo de sofrer novamente e de ser rejeitada.

E tinha todo o direito de temer.

Mas o que Jack dissera sobre os olhos dela... Os beijos com que ela sempre sonhara...

Meu Deus, estava apaixonada por Jack Carstairs.

Todas as suas resoluções, as leituras bíblicas e as negações nada mais eram do que tentativas desesperadas para negar a verdade a si mesma. O dano havia sido feito muito antes dela reconhecer isso.

Kate não percebera o perigo, apesar de ele ser um homem atraente. Ficara feliz porque sua experiência se fazia necessária em Sevenoakes. A interferência de Jack a deixara perturbada. As brigas a animaram e enfureceram.

Mas havia algo além da atração física. As desavenças eram conseqüência da superproteção dele. O que se mostrava uma qualidade encantadora para uma jovem que raramente convivera com essa atitude. Ao perceber o sofrimento dele, Kate resolvera ajudar, a despeito de sua resolução de não se envolver. Quando entendera a que profundidade suas emoções haviam chegado, já era tarde demais.

Ela bem que tentara... mas ele a beijara. E seu coração abriu-se e ela foi tomada por sentimentos nunca antes experimentados.

Ela o amava.

Toda vez que olho dentro deles, tenho certeza disso Jack não imaginava o significado daquelas palavras. Todas as vezes em que fitavam seus olhos, lembravam-se apenas de sua mãe morta. Seu pai, seus irmãos, Martha. Até mesmo lady Cahill.

Jack só via Kate. Viva e palpitante. E somente com Jack, seu olhar trazia beijos. Nos braços dele, enquanto era beijada, Kate lhe oferecera o passado e o futuro...

E ele a recriara por isso.

Doía demais, ela admitiu, sentindo-se arrasada.

CAPÍTULO X

Na manhã seguinte, Kate acordou cedo e preparou o café na cozinha, como de costume. Durante a noite, tomara várias decisões. Era apenas a governanta da casa. Não deveria ter tantas liberdades com Jack e nem interferir na sua vida, apesar de estar bem-intencionada. Era inevitável que saísse machucada, ao envolver os próprios sentimentos. Não podia mais viver em um mundo de sonhos. Nunca mais deixaria ninguém, nem mesmo Jack Carstairs, afetá-la emocionalmente. No futuro, trataria de reconstruir o muro de gelo que erguera a seu redor em Lisboa. Permitira que Jack o derretesse. Dessa vez, a muralha seria bem grossa. Poderia sentir frio, mas era um processo indolor.

Kate pôs o café no fogo e inquietou-se, ao escutar os passos irregulares. A porta foi aberta e houve um longo silêncio, em que ela sentiu-se observada. Depois suspirou e virou-se.

— Devo-lhe desculpas, srta. Farleigh, pelo que lhe disse — Jack iniciou. — Eu não penso nada daquilo e estou muito arrependido. Como também é imperdoável a maneira como eu me portei.

Droga de homem! E ele parecia sincero!, Kate afligiu-se e sentiu o gelo começar a fundir-se.

— Não lhe peço para perdoar-me, mas espero que, ao menos, a senhorita aceite minhas humildes desculpas. Asseguro-lhe que nada disso voltará a acontecer.

— Sr. Carstairs — Kate tossiu para aliviar o nó na garganta. — Não foi sua culpa. Não é de minha conta a maneira como o senhor passa as noites. A minha intervenção foi injustificável. Tudo o que o senhor disse ou fez foi por causa de meu ato impensado.

Oh, Deus! Por que se desculpava?

— Eu também disse coisas terríveis para o senhor, que também não expressaram o meu pensamento... e eu também não...

O café ferveu.

— Oh, Senhor, o café! — Kate exclamou e correu para salvá-lo. — Ai! — Ela soprou e levou à boca a mão que havia queimado na alça de ferro.

— Deixe-me ver.

— Não foi nada — disfarçou e escondeu mão.

— Deixe-me ver — Jack repetiu, autoritário.

Jack pegou na mão dela com delicadeza e examinou-a. Trêmula, ela observou a cabeça morena curvada à sua frente. Teve vontade de passar a mão nos cabelos escuros.

Gelo, pense era gelo!, Kate advertiu-se.

— Não é nada sério — afirmou. — Já sofri queimaduras bem piores do que essa.

— Mas isso não é correto. A senhorita não deveria fazer coisas que possam queimá-la.

O senso de proteção novamente. Kate tentou tirar a mão e Jack fitou-a com ardor.

— Que vá tudo para o inferno! — ele murmurou e tomou-a nos braços.

Jack beijou-a e ela pôde sentir toda a paixão que ele ocultava. O gelo quebrou-se em volta e ferveu em instantes.

O beijo foi rápido. Jack afastou-a e foi para o jardim. Kate inclinou-se sobre a mesa, esquecida da dor na mão. Dali a pouco, ele entrou, carregando uma tigela com água, gelo e neve.

— Ponha a mão aí dentro — ele comandou. — O frio é ótimo para queimaduras. Quanto mais frio, melhor.

A mão queimada era irrelevante. Ela mirou-o. Era tarde demais. Nenhum *iceberg* resistiria àquele homem. Ela o amava. O único gelo era o da tigela. Ao redor dela, tudo

estava quente, muito quente. Ela corou. -

— Pelo amor de Deus, não me olhe dessa maneira — ele gemeu. — Ponha a mão nessa maldita tigela e esqueça o que aconteceu. Acho... que ainda estou bêbado.

Kate observou-o passar os dedos nos cabelos.

— Cometi um erro, Kate. Não acontecerá novamente. Tem a minha palavra. Apenas pare de olhar-me desse jeito, está bem?

— Não acontecerá... — Kate sussurrou.

— Não...

— Então eu sinto muito.

— Oh, Senhor! — Jack cerrou os punhos, sem acreditar no que ouvia. — Não agüento mais. — Virou-se e saiu da cozinha, sem dizer mais nada.

Não deveria ter dito aquilo, Kate repreendeu-se. Mas os beijos dele a deixavam tão viva, exultante, vulnerável e... gloriosamente invadida! E queria mais.

— Vou escrever para a minha avó. Pedirei que a leve para a casa dela imediatamente — Jack anunciou, ao entrar na biblioteca onde Kate tirava o pó dos livros.

Ela virou-se.

— Por quê? — murmurou, aborrecida.

Jack notou que ela trabalhava sempre com muito empenho. Mechas de cabelos caíam no rosto, havia uma mancha de pó no queixo e um borrão de cera de abelha no supercílio direito.

Por Deus, o serviço doméstico realmente não combinava com ela. Kate precisava casar-se com um homem rico, pelo menos para ficar com o rosto limpo.

— Não podemos continuar desse jeito.

— Que jeito?

— Como ontem à noite e hoje pela manhã — ele foi ríspido. Ela corou e abraçou-se ao livro que estivera limpando.

— Mas eu não quero ir para Londres e ficar com sua avó.

— Aí é que está o ponto. Se ficar aqui, a situação ficará incontrolável.

— Será?

Jack praguejou e virou-se de costas. Aqueles olhos grandes e verde-acinzentados faziam-no esquecer as resoluções. Tinha de fazê-la entender isso, de uma vez por todas.

— Deus me livre de virgens ingênuas! — ele gemeu, frustrado, sem perceber a reação de Kate. — A senhorita não entende o perigo que representa.

Oh, não?

— Srta. Farleigh, os homens têm necessidades carnis. Não são como as mulheres. E quando não conseguem frear seus ímpetos, usam uma mulher para satisfazê-los. Entendeu? Eu disse *uma* mulher. Qualquer uma será viável para preencher essas finalidades.

Kate mordeu o lábio.

Jack praguejou novamente. Maldição, não havia escolha. Teria de ser o mais duro possível para apagar aquele brilho no olhar de Kate que o derrotava. Ele não tinha nenhum futuro para oferecer a ela. Nem mesmo dançar ele podia. Não podia permitir que ela se escondesse na obscuridade, por que não sabia o que estava perdendo.

Kate nunca estivera em Londres, nunca dançara até altas horas em um baile brilhante, nos braços de uma sucessão de belos cavalheiros. Nunca fora à ópera, ao Convent Garden, ao Drury Lane, ao Almack's.

Ela só conhecera a guerra e a morte. Nunca experimentara o tipo de vida que a avó podia oferecer-lhe. Ela poderia ter um futuro esplêndido. Se palavras grosseiras a levassem para Londres, ele as diria.

— Eu não sou uma exceção. Posso ser um coxo desfigurado, mas sou um homem e com as necessidades de um homem!

Kate estremeceu com a violência presente na voz de Jack.

— Já faz muito tempo que não estou com uma mulher. E por isso... Só por isso. Entendeu? Eu nunca teria lhe tocado e nem beijado. Mas eu estava bêbado, sem mulher e fiquei empolgado — Jack terminou de falar, já de costas.

Kate amassou o pano que tinha nas mãos, guardou o livro e começou a lustrar a estante. Não estava aborrecida como deveria, porque, no íntimo, ela não lhe dava crédito.

Por que então ele não incomodara Milhe ou Florence? Ou qualquer outra? Não. Jack não pensava nela como uma mulher qualquer e disponível. E também não era culpa da bebida, embora devesse concordar que isso exacerbava o problema.

— A senhorita fará os preparativos necessários e irá para Londres no final da semana.

Kate parou a limpeza.

— Eu não irei — disse, por sobre o ombro.

Ela não tinha a menor intenção de enfrentar a sociedade londrina. Não, enquanto tivesse outra escolha. Além disso, fizera uma promessa a lady Cahill.

— Eu a ouvi recusar?

— Ouviu — Kate respondeu, calma. — Não tenho intenção de partir.

— A senhorita não tem juízo? Depois de tudo o que eu lhe disse, ainda pretende ficar? E arriscar-se a ficar desonrada?

Alguém poderia perder a honra duas vezes?, ela pensou, irônica, amassando o pano de pó.

— Não ouviu o que eu disse? — Jack agarrou-a pelos ombros e forçou-a a fitá-lo. — Ficando aqui, estará se arriscando a perder sua virtude! Mas ò que diabos há com a senhorita?

Kate soltou-se e alisou o vestido, sem responder.

— Talvez esse seja mesmo seu plano — ele deduziu, com voz dura.

— O que quer dizer com isso?

— Seduzir-me e forçar-me a casar.

— Seduzir o senhor? — ela indignou-se.

— E não é o que vem acontecendo aqui? E sem dúvida, aí tem a mão de minha avó metida nisso. — Ele deu uma risada maldosa. — E, com certeza... As duas planejaram muito bem!

— Como ousa...

— Oh, Deus, como tenho sido tolo! Simples, não é? Sabedora de que meu noivado com Júlia terminou, minha avó, temendo que eu não me case, aparece do nada, trazendo a tiracolo a pobrezinha da Kate! Se alguma coisa acontecer entre nós, ela resolve dois problemas. O seu e o meu. Ah! Só que não funcionou, por que também sou esperto. Não cairei na sua armadilha, srta. Farleigh. Não tenho intenção de casar-me com a senhorita.

— Muito menos eu, sr. Carstairs! Eu jamais me submeteria a um plano tão indigno, e o senhor é um... insolente de sugerir tal coisa. Isso é ridículo e eu exijo uma retratação imediata. Por mim e por sua avó. Tenho certeza de que ela jamais arquitetou esquema tão sórdido.

— Ininterrupto, melhor dizendo.

— E como ousa dizer que tentei seduzi-lo? O senhor é que me persegue o tempo inteiro, e com o uso da força, quando só penso em deixar a sua casa em ordem?

— E quem foi que entrou sorrateiramente em meu quarto no meio da noite?

Kate bateu o pé.

— Eu não fiz nada disso!

— Então digamos que foi no escritório. A senhorita sabia que eu havia bebido um pouco e deu início ao processo de sedução.

— Mentira! E o senhor não havia bebido *um pouco*. Estava bêbado! E se pensa que, ao jogar fora aquele veneno, eu pretendia seduzi-lo, apenas mostra que sabe muito pouco sobre sedução. Não me admira que essa tal de Júlia o tenha abandonado!

— Deixe-a fora disso.

— Com prazer.

— E quanto à minha *perseguição*, não percebi nenhuma tentativa sua de resistir. E, pelo que me lembro, fui sempre eu quem pôs um fim nos episódios, não a senhorita.

Era um fato inegável, Kate refletiu, mas Jack era um obsceno de censurá-la por isso.

— Para o seu conhecimento, não tenho intenção de casar-me com ninguém e muito menos com o senhor!

— Bobagem!

— É a mais pura verdade!

Ele fitou-a, ameaçador. Não era a primeira vez que a escutava dizer isso. Não podia imaginar Kate Farleigh terminando a vida como uma solteirona.

— Pois eu acho que não é! A senhorita nunca me apresentou uma razão convincente para o caso. Eu sei o que as mulheres querem... Riqueza, posição, uma bela casa, admiração e um idiota para manejar. Não há mulher no mundo que não ande atrás disso.

Mas que visão cínica do casamento! Seria Júlia a responsável por isso? Kate não podia falar por todas as mulheres, mas para ela, só o amor contava. E Henri roubara-lhe o direito de ser respeitada. Sem respeito, não haveria amor. Não poderia casar-se. Lisboa e Harry, seu noivo, haviam lhe ensinado isso.

— O senhor se engana com a maioria das mulheres, mas isso não vem ao caso. Só posso assegurar-lhe que não tenho intenção de casar-me. E meus motivos são muito pessoais. Sua avó está a par dos fatos e não insistiu para que eu a acompanhasse a Londres. Por isso concedeu-me este cargo temporário de governanta.

— Tolice! Minha avó somente lhe ofereceu esse trabalho porque a senhorita é muito teimosa para saber o que é melhor para si. Ela pretende apresentá-la à sociedade. Não há nenhuma razão para que não possa casar-se com algum idiota rico e respeitável.

Jack a fitava com ódio.

— A senhorita tem apenas de levantar vôo, pousar em Londres e bater as longas pestanas para agarrar algum cavalheiro que preencha os requisitos. Em seguida murmurar algumas palavras em seu ouvido com voz doce, sorrir e balançar esse pequeno corpo delicioso na frente dele. Antes que o coitado perceba, a senhorita estará de braço dado com ele. E dali a um ano ou dois, a senhorita estará embalando um herdeiro.

Ele a segurava pelos ombros e a sacudia enquanto falava. Kate estremeceu com a crueldade inconsciente dele. Era angustiante escutar o impossível narrado de forma que jamais seria alcançada...

Jack notou o arfar de Kate, sentiu o odor de rosmaninho de seus cabelos e sentiu-a estremeecer.

— E se ele se mostrar um pouco relutante, então terá apenas de olhá-lo desse jeito e o pobre idiota não terá escapatória.

Com um gemido, ele curvou-se e beijou-a. E Kate foi envolvida mais uma vez pelo redemoinho de emoções que se tornavam maravilhosamente familiares. Agarrou-se nele e encostou-se no peito largo e cálido.

Jack soltou-lhe a boca e continuou a fitá-la, com a respiração entrecortada. Trêmula, procurou juntar o pouco que lhe restava de seu autocontrole e empurrou-o.

Ele soltou-a de imediato e afastou-se. A sensação de isolamento foi grande e Kate teve vontade de voltar aos braços dele. Mas andou até o outro lado e ficou ali, parada.

Kate falhara na manutenção do decoro, tão importante para ela. Mas se era isso que o aborrecia, ela daria um jeito para que os beijos não se repetissem. Ainda mais que a consequência poderia ser mandá-la para Londres. Para longe dele.

— Sr. Carstairs, o senhor pode estar enganado sobre uma porção de coisas, mas tem razão em uma. Esse comportamento tem de ter um fim. Assumo minha parte da

culpa e peço perdão por isso. Pode ter certeza de que isso não se repetirá. Eu me empenharei nisso. Mas não irei para Londres.

Jack continuou a encará-la, sombrio. Ele anuiu e saiu, fechando a porta sem ruído.

Com os olhos marejados de lágrimas, Kate apanhou o pano de pó que havia caído no chão.

Nos dias que se seguiram, eles mal se falaram.

O Natal chegou e transcorreu como um dia qualquer. Mas não para Kate. Depois da igreja, ela fez um jantar especial. Jack não compareceu e a refeição foi feita só com Martha e Carlos. As duas criadas tiveram seu dia de folga e, por causa do frio, não restava muita coisa a fazer, exceto aquecer-se ao lado do fogo.

A solidão lembrou-lhe os Natais passados com os irmãos, quando eles inventavam todo tipo de brincadeiras...

Ela tentou consolar-se. Afinal, não estava tão mal assim. Tinha comida e um teto, e estava melhor do que muitos. Mas era a primeira vez na vida que passava um Natal tão solitário. E o frio atingiu-lhe os ossos, apesar das chamas que rugiam.

Depois de um dia longo e miserável, acabou indo para a cama, onde pôde chorar à vontade.

Ao voltar da taverna onde passara o dia quase sozinho, Jack subiu para dormir e ouviu os soluços vindos de dentro do quarto de Kate. Teve uma vontade imensa de entrar. Tomá-la nos braços e silenciar o pranto com beijos.

Mas não podia. Mesmo bêbado como estava, não queria arruinar-lhe a vida. Angustiado, encostou-se na porta até não escutar mais nenhum ruído. Ela dormia.

Uma manhã, já no novo ano, Kate estava de pé, ao lado da janela, e fitava a paisagem coberta de neve. Nisso, ela escutou o ruído de patas de cavalo. Oh, Deus! Será que ele cairia de novo? Ela abriu a vidraça e inclinou-se para ver melhor.

O garanhão ruano passou por ela, com a cauda agitada pela brisa. No dorso, Jack Carstairs. Cavalgava bem melhor do que o esperado. Kate levou a mão ao rosto, com os olhos cheios de lágrimas. Ele conseguira.

Era o fim da humilhação para ele. Jack Carstairs podia montar Quorn e caçar. Observou-o galopar na subida leve. Ela lavou-se e vestiu-se. Era um grande dia. Ele certamente não mencionaria o fato, mas ela celebraria o evento com um belo desjejum.

Kate recolhia ovos, quando escutou o barulho dos cascos nas pedras arredondadas atrás dela. Virou-se e quase deixou cair a cesta. O ruído parou à sua frente, seguro por mãos firmes. Eufórico, Jack sorriu para ela, desmontou e agarrou-a com mãos ansiosas.

— A senhorita viu? Posso montar novamente! E graças a Kate Farleigh!

Ele levantou-a nos braços e girou-a, rindo a não mais poder. Kate também ria, mas gostaria de não estar com as mãos ocupadas, para poder abraçá-lo. Finalmente ele parou de girar, mas não a soltou.

— Bem, Kate. Podemos celebrar a paz? Estou muito contente para continuar com a nossa trégua armada.

As lágrimas rolaram pelas faces de Kate.

— O que é isso? Chorando por quê? — Ele ficou sério e deixou-a no solo, sem soltá-la.

— Ah, é que... — ela deixou de lado a cesta com ovos e pegou um lenço — ...eu também choro de felicidade, embora isso seja ridículo demais.

— É verdade — ele concordou, com suavidade. — Mas se fosse o contrário, não seria Kate, não é mesmo? A que é diferente de todas.

Ela olhou para cima, espantada com o calor da voz de Jack. Ele tirou-lhe o lenço da mão e secou-lhe os olhos e o rosto, segurando-lhe a cabeça por trás.

Kate não podia mover-se. Ele estava colado nela, com a respiração quente em seu rosto e a voz profunda murmurando em seu ouvido.

Embora soubesse que teria de afastar-se, não conseguia fazê-lo. Ambos ficaram parados e em silêncio. Kate olhava para a frente, direto para os botões da camisa dele, cônica do calor e da força daquele abraço. Dali a instantes, ele ergueu-lhe o queixo e eles se entreolharam.

— Obrigado, Kate — ele murmurou e abaixou a cabeça.

A ternura do beijo solapou as resoluções de Kate de manter-se afastada de Jack.

O beijo tornou-se mais intenso e Kate entregou-se à sensação deliciosa e perturbadora da língua dele que procurava, acariciava e enrolava-se na dela. Ela se pressionou contra ele e passou as mãos nos cabelos escuros, agarrando-se neles com deleite.

Com um gemido, ele ergueu a cabeça e fitou-a com os olhos quase negros de paixão, e ela ficou aturdida pelo prazer.

— Oh, Deus — Jack sussurrou e beijou-a novamente. Foi um beijo enérgico, longo e apaixonado, que a deixou arrepiada.

De repente, ele soltou-a. Tonta, Kate percebeu aos poucos o som de vozes e passos nas pedras. Quando Milhe e Florence se aproximaram, Jack já segurava as rédeas do cavalo. Kate permaneceu onde ele a deixara, tentando recompor-se.

— Bom dia, srta. Kate, sr. Carstairs — elas cumprimentaram em coro. — O pai disse que vai nevar logo, logo.

Jack conversou com as duas e Kate admirou-se de sua tranqüilidade.

O desejo era diferente para os homens, ela concluiu. Ou talvez, da parte dela, também envolvesse o amor. E aí é que estava a diferença.

Sorriu, sem muita vontade, saudou as duas moças e foi para a cozinha, com as pernas trêmulas. Sentou-se na primeira cadeira que encontrou e tentou ordenar os pensamentos.

Ela tentara, com toda força de vontade, tirar Jack Carstairs de seu coração. Mas ele estava incrustado lá para sempre.

Ela passara semanas tentando endurecer seus sentimentos. Quando imaginara que estavam sob controle, ele a fitara com aqueles olhos azuis muito brilhantes. E as resoluções foram abandonadas.

Qualquer coisa que ele dissesse com sua voz grave ia direto para os ossos de Kate. Se ele a tocava de passagem, a mão leve no ombro ou o esfregar da coxa na saia, o contato ingênuo trazia inúmeras sensações inquietantes.

E daquela vez, mais um beijo...

A alegria de poder montar deixara-o irresistível. Em momentos como esse, que ocorriam com muita freqüência, Kate gostaria de atirar fora toda a precaução e a decência.

A única solução seria Londres, mas ela rejeitava o recurso com determinação. Afinal, de qualquer forma iriam separar-se em pouco tempo. Ficaria perto dele o quanto pudesse.

As moças entraram na cozinha, trazendo leite fresco da fazenda, e encontraram Kate já totalmente refeita.

Naquela manhã, procurou ficar afastada de Jack e achou desculpas para evitá-lo, durante o resto do dia.

A noite, ele continuava exuberante e não comeu sozinho. Insistiu para fazer do jantar uma celebração. Serviu vinho para todos, inclusive para Millie e Florence. Falou muitas bobagens inocentes, o que levou todos às gargalhadas.

Kate estava fascinada. Nunca o vira naquele bom humor. Carlos também fez muitas brincadeiras e arrancou risadas da platéia. Martha também mostrava-se contente.

Pelo jeito, Carlos esquentara óleos e continuara o tratamento de Kate em segredo. Histórias de fugas breves e que tinham de passar despercebidas de Kate fizeram todos dar muitas risadas, quando Jack imitou Carlos, Kate, Martha e o boticário irritadiço da

aldeia.

Ele ficava muito atraente com esse bom humor, Kate refletiu, enxugando as lágrimas de riso. Aquela devia ser a personalidade de Jack, antes da guerra.

Era o Jack noivo de Júlia, ela remoeu-se. Espirituoso, bonito e vivaz. Um homem que se destacava. Que poderia atrair qualquer mulher. Das mais simples como Millie, Florence e Martha, até as mais refinadas como Júlia e a avó.

Kate entendeu que eleja estava bem de corpo e alma para retornar ao mundo a que renunciara. Um mundo onde ficaria entre seus pares, em seu próprio elemento. Kate imaginou se ele não cogitaria até mesmo de voltar para Júlia.

Deveria ficar contente por ele, Kate disse para si mesma. E estava, *por ele*.

CAPÍTULO XI

Uma carruagem leve de duas rodas parou na entrada de Sevenoakes. Era um final de tarde dos últimos dias de fevereiro. O tempo claro anunciava a despedida do inverno.

Dali a pouco chegou outra, ainda mais rápida do que a primeira. A seguir vieram um faetonte e vários cavaleiros, à frente de belos cavalos.

O estilo esportivo dos veículos deixava claro que eram conduzidos por homens jovens, modernos e ricos. Três cavaleiros desceram dos veículos e subiram os degraus, gritando "Jack!" e trocando insultos bem-humorados sobre a intrepidez de cada um, ou sobre a falta dela.

Kate abriu a porta, curiosa. Não esperava visitantes e muito menos tão elegantes como aqueles. Um homem baixo e de cara redonda passou rápido por ela, atirou-lhe o casaco pesado de viagem e um chapéu de copa alta.

— Olá, Jack! Jack Carstairs, venha cá e dê-nos um gole! Um camarada alto e magro passou jogando o manto e a cartola de feltro. Rindo, seguiu o amigo. O último arremessou, por cima dos outros dois, um sobretudo de corte militar.

— Sir Toby Fenwick — ele apresentou-se e apontou os outros dois —, sr. Lennox e coronel Masterson, para ver o sr. Carstairs.

Um soldado de patente? Da Península?, Kate tentou não entrar em pânico. Na verdade, ele não poderia vê-la direito, escondida sob três casacos grandes e pesados.

— Por favor, esperem na sala de visitas à esquerda, sir. Vou procurar o sr. Carstairs.

O homem olhou-a com curiosidade e ela ocultou-se ainda mais atrás dos tecidos grossos. Ele dirigiu-se à sala indicada por Kate e ela saiu do hall de entrada. Deixou as roupas sobre uma cadeira e largou-se por cima delas, com o pulso acelerado.

Que exagero!, recriminou-se. Nem todos os coronéis que haviam passado pela Península conheceram Kate Farleigh. Era ridículo pensar que ele a reconheceria, se ela nem tinha idéia de quem se tratava.

Kate tratou de controlar a ansiedade e mandou Milhe à procura de Jack, enquanto ela preparava vinho, conhaque, pão e manteiga. Ordenou a Florence para acender a lareira da sala de estar.

Não era covarde. Enfrentaria os visitantes de Jack.

De repente, teve uma idéia. Subiu correndo ao seu quarto, abriu uma arca de carvalho e procurou a touca branca usada por solteironas que vira algumas semanas antes. Vestiu-a, enfiou todos os cachos para dentro e amarrou-a sob o queixo. Olhou-se no espelho. Perfeito.

A touca era muito feia e grande para a cabeça dela. Tinha adornos de renda, laços de fita e um babado que quase lhe cobria os cílios. Com essa, não seria identificada! Fitou o reflexo no espelho e deu umas risadinhas.

Quem era aquela?

Desceu a escada rapidamente. Ignorou o espanto de Millie e Florence e o olhar horrorizado de Martha. Apanhou a travessa com os petiscos e as bebidas e entrou na sala de cabeça erguida.

— Gosto mais de conhaque. — O homem mais alto saiu de perto da lareira, onde aquecia as mãos. Tirou a garrafa e um copo da bandeja.

— Ei, seu pilantra! — O de cara redonda censurou-o. — Não pense que vai acabar com tudo. Venha cá, encha o meu. — Ele pegou outro copo e perseguiu o amigo.

Dois brincalhões, como os irmãos dela. O terceiro aproximou-se.

— Permita-me — Ele tirou a bandeja das mãos de Kate e deixou-a sobre uma mesa próxima.

Depois ele fitou a touca e seguiu-lhe o olhar. Kate observava os outros se servirem entre risadas e derramarem o líquido na superfície que ela limpava cuidadosamente naquela manhã.

— Desculpe-os, madame. Acho que meus amigos estão entusiasmados demais.

— É, eu percebi.

— Ainda não tivemos o prazer de ser apresentados. Coronel Francis Masterson, antigo membro do 95^o Pelotão de Fuzileiros, às suas ordens. — Ele fez uma reverência. — E a senhora...

— Eu... sou Kate Farleigh — ela murmurou.

Ele *estivera* da Península. Oh, céus! Por que lhe dissera o nome verdadeiro?

Kate estendeu a mão e recolheu-a de imediato. Servos não cumprimentavam dessa maneira.

— Sou a governanta.

— É mesmo? — Ele surpreendeu Kate ao tomar-lhe a mão para beijá-la.

Ela corou e soltou-se.

— Vou ver se o sr. Carstairs está...

Oh, Senhor, o que representava aquele beija-mão? Ele caçoava dela? Ou a conhecia? Era certo que não a tomara por criada. Imaginaria ser ela amante de Jack?

— O sr. Carstairs já chegou — ele mesmo anunciou-se à entrada.

Pelo olhar dele, Kate deduziu que ele vira o coronel beijar-lhe a mão. Ela virou-se para sair, mas Jack segurou-a pelo braço.

— Não vá, srta. Farleigh. — Ele franziu o cenho, fitando a touca. — Gostaria de apresentar-lhe meus visitantes. Eles acabam de chegar e lutaram contra as forças de Boney na Península.

Todos? Meu Deus!

— Sir Toby Fenwick e sr. Andrew Lennox. Ambos pertenciam à 14^a Cavalaria Ligeira da duquesa de York. O coronel Masterson a senhora já conhece...

Os dois mais jovens o encararam com surpresa.

— Ora bolas, Jack! — disse sir Toby, o rechonchudo. — Para que toda essa formalidade? Apresentações formais para criados, hein? — Ele riu e levantou o copo aos lábios. — Apresente-me àquelas loiras...

Kate, mortificada, tentou soltar-se da mão de Jack.

— A srta. Katherine Farleigh é protegida de minha avó materna, lady Cahül. Ela e sua dama de companhia, a sra. Betts, ficariam com minha avó em Londres. Mas tiveram pena de um pobre solteirão e bondosamente ofereceram-se para ajudar-me a deixar esta casa em ordem. O senhor não tem idéia do débito de gratidão que devo a esta dama e à sua acompanhante.

O coronel Masterson apenas arqueou uma sobrancelha. Os outros dois, envergonhados, adiantaram-se para cumprimentá-la e estenderam a mão.

— Desculpe-me, madame — o magricela Andrew Lennox lastimou. — Um seu criado.

— Eu... eu sinto muito — sir Toby murmurou. — A senhora tem de perdoar-nos... fomos um tanto.... Bem, prazer em conhecê-la, madame. — Vermelho de vergonha, ele sacudiu a mão de Kate com energia.

Kate irritou-se. Era uma maneira deliberada de forçá-la ao papel de *protegida* que não queria. E Jack confundia os convidados de propósito.

Sem saber, ele brincava com fogo. Se algum deles viesse a reconhecê-la mais tarde, ficaria furioso por terem se desculpado com uma mulher desonrada. E culpariam Jack. Tinha de esclarecer a situação.

— Não se preocupem. O sr. Carstairs exagera. Sou de fato a governanta, trazida até aqui por lady Cahill. Ela foi apenas madrinha de minha falecida mãe.

— Droga, mulher, não me contradiga! A senhorita é minha convidada! — Jack

gritou, furioso por ouvi-la desmerecer-se.

Lennox e sir Toby recuaram com o tom de voz de Jack. Eles conheciam bem o seu temperamento. O coronel tornou a arquear uma sobrancelha.

— Calma, meu amigo... — Lennox segurou-o pelo pulso. Jack não lhe deu atenção. Sacudiu o braço de Kate e fitou a touca.

— Maldição, a senhorita não é nenhuma criada! É *minha convidada*! — repetiu.

Eles não tiravam os olhos de Kate, talvez à espera de que ela rompesse em prantos. Mas Kate soltou-se com um grito curto e agudo e ajeitou a saia.

— O senhor falou alto comigo e blasfemou contra mim, sr. Carstairs. Nenhum cavalheiro poderia fazer isso com uma convidada, principalmente na frente de visitas. Tal comportamento é destinado aos servos, que não estão em posição de responder.

Kate saiu da sala, deixando uma audiência sem fôlego atrás dela.

— *Não estão em posição de responder!* Essa é boa! Ela sempre tem de ter a última palavra! — Jack resmungou.

O coronel divertia-se muito, sem nada dizer. Lennox fitava a porta, com admiração. Sir Toby ficou em pé, boquiaberto.

— Lennox, o senhor viu o que eu vi? — sir Toby perguntou.

— Eu vi uma mulher pequenina dar uma lição para Jack Carstairs!

Sir Toby anuiu.

— Pois é o que eu vi também. Nunca pensei! Essa jovem é surpreendente! E o senhor diz que ela é sua governanta?

— Não, seu idiota! Eu expliquei que... Ah! Vá para o inferno — Jack aborreceu-se. — E posso saber o que estão fazendo aqui, Toby?

— Bem... ouvimos um rumor... que o senhor não estava bem.

— Então o senhor decidiu vir aqui e ver se eu havia morrido ou não.

Os outros dois pareceram preocupados.

— Estou feliz que tenham vindo. — Pela primeira vez em meses, a idéia de ter visitas não o repugnava. — Mas tenho de avisá-los de que as condições aqui em Sevenoakes são quase espartanas. Bem diferentes das que já desfrutaram em minha companhia. Não sei se três jovens elegantes agüentarão a falta de conforto desta casa.

— Puxa vida, homem! Nós acampamos naqueles buracos imundos da Península e o senhor acha que não agüentaremos isso! — sir Toby comentou e relanceou um olhar pela sala. Reparou na limpeza, na mobília lustrada e no fogo da lareira.

— Além do mais, este lugar é muito acolhedor. Muito mais confortável de que as barracas levantadas por meus ancestrais no passado. — Sir Toby afundou em uma cadeira e, satisfeito, tomou um gole grande de sua bebida.

Kate foi para a cozinha, tremendo. Não pretendia chamar a atenção sobre si mesma e muito menos discutir com Jack em frente aos amigos.

Gênio miserável!

A discrição dos servos e a touca eram as suas únicas defesas contra uma descoberta. E ela deixara seu temperamento arruinar tudo. Nenhum criado ousaria responder para o patrão daquela maneira. Ela fizera de si mesma um centro de interesse.

Era mesmo uma tola descuidada! Isso não poderia ter acontecido.

Teria de mostrar-se complacente, amável e segura.

Em Sevenoakes não temia estranhos, por que eles simplesmente não existiam. O afastamento social imposto por Jack a si mesmo e o inverno mais rigoroso do que o normal asseguravam essa situação. Eles viviam em um casulo. Ou seria uma ilha? Mas ali Kate sentia-se segura.

Com a recuperação de Jack e o degelo da primavera que se aproximava, o isolamento que servia de proteção fora destruído. O homem que ela ouvia rir com os amigos tinha pouca semelhança com o recluso amargurado dos primeiros dias.

Jack estava em paz com o mundo. Ela, contudo, ficava exposta aos olhos de

estranhos e dependente dos caprichos da memória dos outros...

Não adiantaria preocupar-se. Teria de preparar o jantar. Mandou Carlos matar mais duas galinhas e fez uma torta com o rosbife da véspera. Seria uma refeição leve, mas substancial. E Carlos serviria o jantar.

Depois de comer, os homens foram saborear o vinho do porto.

Kate sentou-se na sala contígua, com a cadeira perto da porta de comunicação. Tinha uma costura no colo, mas as mãos estavam inertes. Escutava as conversas, sem ser vista. Precisava saber se fora reconhecida.

— Muito aconchegante a sua casa, Jack — sir Toby declarou.

— Bom jantar, bom vinho, lareira acesa, bons companheiros. Tudo o que um homem pode querer. E bem no meio de uma das melhores regiões de caça do mundo. O senhor é um homem de sorte, Jack Carstairs.

Todos se calaram.

— Oh, Deus, Jack. Sou um imbecil! Perdão. Não foi o que eu quis dizer...

— Feche a boca, Toby! — Lennox interveio. — O senhor já falou demais!

— Eu não queria... — Toby continuou a lamentar-se. Novo silêncio.

— Não é preciso tratar-me com luvas de pelica — Jack assegurou-lhes. — Não é preciso ter pena de mim.

O coronel inclinou-se para a frente na luz e fitou o amigo.

— Então...

— Um bom entendedor como sempre, Francis! Eles: apertaram as mãos.

— Mas do que é que estão falando? — Lennox perguntou.

— Só se for... — Ele leu a verdade nos olhos de Jack e adiantou-se para cumprimentá-lo.

— Será que alguém pode me contar o que está acontecendo? — sir Toby quis saber. Os demais riram.

— Bem, eu planejei deixar a surpresa para amanhã, mas não importa. Eu já posso montar, Toby. Ainda não posso caçar, mas em breve poderei fazê-lo.

Sir Toby deu um pulo da cadeira, derramou bebida e apertou a mão de Jack, sacudindo-a até não poder mais.

— É maravilhoso, homem. Estupendo! — Ele fitou os amigos sentados. — Jack pode montar! Isso merece uma comemoração!

Todos deram boas gargalhadas. O tumulto cessou e uma nova dose de drinques foi servida.

— Não entendo — Francis admitiu. — O cirurgião jurou que o meu amigo nunca mais poderia montar!

— É verdade. Mas a srta. Farleigh discordou.

— Srta. Farleigh? — Lennox ficou surpreso.

Oh, não! Por favor, não conte! Kate implorou, sentada na sala vizinha.

— É verdade — Jack confirmou. — O irmão dela curou-se de um ferimento semelhante, tratado por um médico oriental. Ela me disse que o rapaz recuperou quase todo o vigor... embora tenha sido inútil.

— Como assim?

— A srta. Farleigh perdeu o pai e os dois irmãos na guerra. Acho que os irmãos dela estavam na 83^a. Ela agora está sozinha no mundo, exceto por minha avó, que tornou-se sua protetora.

Oh, céus! Kate afligiu-se. Seja houvessem ouvido falar nela, eles poderiam identificá-la só pela menção à 83^a.

— É, devo confessar que estou intrigado — o coronel afirmou.

— Explique melhor, meu caro. Eu conheço alguma coisa sobre a história da srta. Farleigh...

Kate deu um pulo na cadeira e encostou-se na porta, atenta e sem fôlego.

— Conheci os irmãos e o pai dela na Espanha — o coronel contou. — E também vi a srta. Farleigh, embora ela parecesse diferente na ocasião... Mas, protegida de sua avó? Não sabia que os Farleigh eram seus parentes.

— De fato, não há parentesco. Minha avó era madrinha da mãe da srta. Farleigh.

— Ah, então são relações estreitas com a família... — Francis ironizou.

A tensão de Kate era insuportável.

— Bem, o senhor conhece minha avó. Quando ela decide que os laços são íntimos, ninguém pode removê-la.

— Não sei o que sua avó pretende com isso, Jack — sir Toby interveio. — Ela é terrível! Toda vez que encontro com ela, insiste em tratar-me como um menino insignificante. Quanto mais longe ela ficar de tudo, melhor. Ela não está por aqui, está?

— Ah, cale a boca, Toby! — Andrew advertiu, de bom humor.

— Deixe Jack terminar a história. O tal médico oriental...

— Bem, a srta. Farleigh contou-me que seu irmão recuperou o uso da perna, mas como sou um tolo, não a quis escutar e ainda fiquei furioso com ela.

— Posso imaginar — sir Toby atalhou. — Nós conhecemos seu mau humor. Para ser franco, eu nem viria sem convite, se não fosse por Francis. Esperava encontrá-lo rosnando por aqui como um lobo bravio. Como é que ela conseguiu domá-lo? Sussurrando palavras doces, hein? Kate cerrou os punhos.

— Pelo contrário. — Jack deu uma risada. — Ele enfrentou-me, dizendo que eu passaria o resto da vida sendo um aleijado caindo do cavalo!

— Não! — sir Toby admirou-se.

— Mas é verdade. Também disse que eu estava mergulhado na autocomiseração.

— Bom Deus! — Francis exclamou.

— O senhor não lhe bateu, bateu? — sir Toby ousou perguntar.

— Não seja estúpido, Toby — Andrew ralhou.

— Não, mas não deixei de amaldiçoá-la pelo esforço. Mas as palavras dela calaram fundo e atingiram o que restava de minha sanidade. Assim, acabei engolindo meu orgulho e para encurtar a história, já posso montar. Ainda não posso caçar a cavalo com cães, mas não vai demorar e poderei fazê-lo. Tem razão, Toby. Sou um homem de sorte, graças à srta. Farleigh.

Kate acalmou-se um pouco. Lágrimas vieram-lhe aos olhos, comovida pelo reconhecimento. Quando ele soubesse da verdade, talvez a lembrança de sua ajuda aliviasse um pouco a condenação.

— Francis, conheceu mesmo a srta. Farleigh? — Lennox indagou, depois de alguns momentos de silêncio.

— Conheci, mas só agora lembrei-me onde a encontrei — Francis respondeu.

— E onde foi?

Kate mordeu o lábio e segurou o fôlego.

— Ao final do cerco de Badajoz. Kate torceu as mãos.

— Badajoz? Não pode estar falando sério! Explique-se, Francis — Andrew pediu.

— O senhor quer dizer que ela esteve lá? — sir Toby admirou-se. — Não é possível! Não havia mulheres lá... bem, quero dizer, não damas... o senhor sabe o que eu quero dizer...

— Mas havia, Toby, pelo menos uma, a quem minha tia Charlotte será eternamente grata — Francis afirmou.

— Sua tia Charlotte? Em Badajoz? Mentira! — sir Toby admirou-se. — Não acredito. A mulher mais formal do mundo! Nunca saiu do país e raramente deixava Londres. Aposto meu melhor cavalo nisso.

— Claro que minha tia não estava lá! Mas quem é mais importante para ela no mundo?

— Bem... seu primo Arnold? — Andrew interveio.

— Exatamente. Meu primo Arnold.

— Com os diabos! Sobre o que está falando? — sir Toby intrigou-se. — Não entendo por que estamos lembrando desses seus malditos parentes. Já chega a avó de Jack, agora o senhor tem de referir-se à sua tia e ao Arnold. Fiquei contente de despedir-me dele depois de Badajoz. Eu já não o agüentava mais.

— Por quê, Toby? — Francis perguntou.

— Depois de ferido, perdeu o uso da razão. Não parava de falar sobre um anjo que o estava salvando e outras bobagens. Quase nos deixava loucos com essa história do anjo!

— Toby, meu caro — Francis assegurou. — Não havia nenhum ser celestial. Tratava-se da srta. Farleigh.

Kate sentiu-se desfalecer.

— O quê? — os outros três perguntaram, em uníssono.

— Isso mesmo. A srta. Farleigh estava em Badajoz com o pai, que arriscava-se a ficar próximo aos campos de batalha, para cuidar dos feridos. Arnold recebeu um grande corte no braço e a hemorragia foi violenta. Ela fez nele uma espécie de torniquete. O cirurgião que o tratou afirmou que ela salvou a vida de Arnold. Ele teria sangrado até morrer.

Kate encostou-se na parede, de olhos cerrados. Então o pobre rapaz era primo de Francis?

No outro lado, os quatro ficaram em silêncio.

— Ela me disse que o pai a confinou em uma barraca por uma semana, depois de Badajoz — Jack resmungou. — Meu Deus, quando penso em todas aquelas atrocidades...

— Acredito que ele fez isso depois de descobrir que, para livrar Arnold da morte, teria se aproximado demais dos combates — Francis deduziu.

— Mas a jovem é uma heroína — Toby alegou.

— É verdade — Francis concordou. — E, pelo que sei, Arnold foi apenas um dos muitos que ela salvou.

Kate sentou-se, aliviada. Francis não conhecia o resto da história. Considerou-se fora de perigo por um tempo. Até pensavam que ela era uma heroína! Não diriam isso, se soubessem de Henri...

Estava exausta. Sem fazer ruído, ela saiu da sala, subiu a escada e foi para a cama.

— O anjo de Arnold! Bom Deus! — sir Toby murmurou. — Não é o tipo de atitude que se espera de uma dama...

— Tem razão — Andrew opinou. — A maioria delas desmaiaria se lhes contassem um décimo das coisas que podem acontecer na guerra, sem falar em...

Os quatro permaneceram pensativos, olhando o fogo. Recordavam-se da loucura que tomara conta das tropas arrasadas, depois do longo cerco e assalto a Badajoz. Os roubos e as pilhagens.

Era horrível imaginar Kate no meio de tudo aquilo.

— E por que cultivarmos essa melancolia? — Andrew interveio. — Estamos reunidos aqui, vivos e bem, bebendo este vinho excelente, e Jack surpreende-nos com a melhor das notícias!

— Por Deus, é verdade! — sir Toby concordou e ergueu o copo. — A Jack e aos caçadores! Finalmente juntos!

— Saúde! — Foi a vez de Francis brindar.

— E à srta. Farleigh. — Jack levantou o copo. Todos ficaram em pé e brindaram.

— A srta. Farleigh!

— Ao anjo de Arnold.

CAPÍTULO XII

Na manhã seguinte, Kate sentou-se na sala de almoço e bocejou. Havia dormido mal, preocupada com o futuro. O mais sensato, embora muito doloroso, seria deixar Sevenoakes... e Jack.

A chegada dos três cavalheiros demonstrara como era frágil a concha dentro da qual se escondia. Os amigos de Jack eram militares em sua maioria, o que poderia aumentar a chance de uma descoberta, de uma denúncia. Seria apenas uma questão de tempo.

Sem a sua presença, ninguém se lembraria dela e não haveria razão para comentários. Gostaria de permanecer ao lado de Jack para o resto da vida. Mas o preço era alto demais.

Levantou-se, olhou a mesa posta e deu um piparote no babado irritante sobre a testa. Mesmo sem achar necessário, vestira a touca. Um atavio usado por governantas solteironas talvez tirasse dúvidas sobre a sua posição naquela casa.

Ao ouvir passos e vozes masculinas, apressou-se nos últimos preparativos para servir um café da manhã quente. Ovos e pedaços grossos de presunto defumado em casa chiavam na frigideira grande. Na grelha, havia fatias de pão sendo tostadas. Sobre a mesa uma jarra de cerveja, e no ar, o cheiro delicioso de café.

— Mas por que não tirou isso ainda? — Jack entrou na cozinha.

— Não sei do que o senhor está falando e nem posso conversar agora, senão estragarei o desjejum. Não consigo fazer mil coisas ao mesmo tempo. Por favor, espere na sala de almoço. Seus amigos já desceram?

— O que diabos a senhora está fazendo metida nesta coisa horrível?

Kate bateu o pé.

— Não me amole. Quero saber se já posso servir o café da manhã.

— Já. E por que está fazendo tudo sozinha? Onde estão as moças e aquele homem que não serve para nada? Carlos!

— Por favor, não me deixe surda com seus gritos. — Ela tirou rapidamente um pedaço de torrada da grelha, a tempo de não queimar. — Carlos e as meninas foram até a aldeia, comprar mais alimento para as visitas.

— Precisavam ir todos juntos? Um seria suficiente.

— Sr. Carstairs! — Kate virou-se e encarou-o. — Se o senhor vem aqui discutir comigo a essa hora, não espere uma refeição decente!

Seria uma retirada tática, Jack pensou. Os aromas do café, do presunto com ovos e das torradas eram deliciosos.

Além disso, seu estômago roncava, e tinha responsabilidade com os hóspedes. Falaria com ela depois.

O café da manhã transcorreu sem incidentes. Os amigos de Jack chamaram-na de "anjo de Arnold" e ela mais uma vez sentiu-se aliviada. Eles a viam como heroína e não como traidora. Kate teve vontade de rir quando eles insistiram para que tomasse a refeição com eles.

Jack não tirava os olhos da touca e Kate notou que os amigos se entreolhavam, mas nada diziam, quando ela tirava o babado dos olhos. Ela empinou o queixo e ignorou os olhares sombrios de Jack.

Francis divertia-se. Notara o mau humor de Jack, assim que o amigo retornara da cozinha, e percebeu que ali era travada uma batalha silenciosa de vontades.

Kate não era nenhum anjo, mas uma mulher vibrante que sabia impor sua vontade. Um par perfeito para Jack.

Todos terminaram de comer e Kate recolheu os pratos, enquanto os homens

faziam planos para o dia. Jack desculpou-se e seguiu-a.

Francis observou-o sair. A menos que estivesse muito enganado, haveria um novo confronto entre a srta. Farleigh e Jack. Não teve dúvidas em ir atrás deles. Seria um duelo interessante. Ouviu vozes discutindo e dirigiu-se para a cozinha.

— Agora me responda, srta. Farleigh, o que é essa porcaria na sua cabeça?

— Que porcaria?

— Essa coisa branca. — Ele apontou a peça com desdém.

— É uma touca.

— Eu sei disso! Mas o que deu na senhora para vesti-la?

— Não é óbvio?

— Para mim, não. Essa peça de museu é usada por mulheres velhas mal vestidas quando fazem suas preces e têm alguma coisa para esconder. A senhorita é jovem e seus cabelos são muito bonitos.

— Muita bondade sua, mas não sou jovem. Sou uma solteirona e portanto posso usá-la.

Jack bufou.

— A senhorita não é nada disso! Arranque essa coisa da cabeça e jogue fora!

— Não tenho a menor intenção de tirar a touca, quer o senhor goste ou não. — Kate encarou-o, com as mãos na cintura.

— Oh, não?

Francis sorriu, parado à porta, e reconheceu os sinais. O amigo estava furioso, mas procurava conter-se. Jack aproximou-se e Kate recuou, apertando o tecido branco e engomado na cabeça. Francis decidiu que era hora de intervir.

— Perdoem a minha interrupção... Não, não, podem continuar. Odiaria atrapalhar a conversa. — Ele sentou-se. — Parece que o sr. Carstairs está tentando dar fim na touca da srta. Farleigh.

Kate olhou de um para o outro e riu. Francis arreganhou os dentes em um sorriso largo. Irado, Jack passou a mão nos cabelos.

— Vá se danar, Francis! — Jack tentou manter o mau humor, mas não conseguiu e acompanhou os dois nas risadas.

— Desculpem-me — Kate alegou, após alguns instantes. — Tenho o que fazer.

— Eu também. — Antes de Kate perceber, Jack arrancou-lhe a touca da cabeça e atirou-a no fogo. — Assim está melhor. — Ele sorriu, vitorioso.

— Seu crápula! — Kate exclamou.

— Aquilo era um terror! Não era, Francis? Francis fez uma mesura.

— Perdoe-me a perfídia, senhorita. Por mais que eu deplore os métodos brutais, aquilo era mesmo uma aberração. Um homem sensível à beleza não poderia agüentar uma coisa dessas. Seus cabelos são muitos lindos e não precisam ficar escondidos.

Kate corou.

— Muito bem, Francis — Jack estreitou o olhar —, já falou o bastante. Mas não é Toby quem está chamando?

— Mas que audição apurada! — Francis sorriu. — Não ouvi coisa alguma.

Jack empurrou o outro em direção à porta. Virou-se para Kate, mas o olhar feroz dela fez com que seguisse o amigo até o hall, onde encontraram Lennox.

— Uma bela manhã para uma cavalgada, não é, Jack?

— Uma ótima idéia — Jack concordou.

Foram procurar sir Toby e os quatro dirigiram-se ao estábulo.

A manhã estava ensolarada. Os restos de neve e gelo acumulados nas depressões sombrias seriam derretidos pelo sol brilhante. Os cavalos empinavam-se e resfolegavam, ansiosos para um passeio.

Os três amigos refreavam os animais com a rédea curta, para impedir que Jack esforçasse demais a perna. Depois de algum tempo de trotar monótono, Jack percebeu a

estratégia.

— Vamos lá, seus preguiçosos! Desafio todos até o alto da colina. — Afoito, ele esporeou o cavalo e saiu a galope.

Os outros o seguiram, gritando e rindo. Foi uma bela disputa e, no final, os quatro estavam afogueados e ofegantes.

— Com a breca, Jack! — sir Toby exclamou, animado. — O senhor está cavalgando tão bem quanto antes! Maravilha!

— Não tanto quanto eu gostaria — Jack contestou, mas rindo de orelha a orelha.

Jack estirou a perna ferida e os amigos notaram-lhe a expressão de dor.

— O senhor exagerou, não foi? — Lennox indagou.

— Não, não... bem, talvez um pouco. Mas também, naquele passo, morreríamos de tédio. — Os outros riram. — Agora podem ir e não se preocupem comigo. Irei mais devagar.

— Vão os dois — Francis apontou Lennox e sir Toby. — Vou fazer companhia a Jack. Estou com um pouco de dor de cabeça e não quero que piore.

Os dois saíram rindo e Jack fitou o amigo, com ar de troça.

— Pensei que agüentasse melhor o vinho, meu pobre Francis.

— É, já não sou tão jovem assim. Estou perto dos trinta e cinco.

Eles prosseguiram a meio galope e conversaram. Depois calaram-se, cada um absorto nos próprios pensamentos.

Francis deu uma risada e Jack virou a cabeça para o lado.

— O que foi?

— Achei engraçado vê-lo irritar-se por causa de um chapéu.

— Mas o que... Ah, aquilo. Bobagem. Mas Francis não encerrou o assunto.

— Era mesmo uma touca horrível e deixava aquela linda jovem com jeito deselegante. Mas o senhor agiu como se ela fizesse de propósito, para aborrecê-lo.

— É isso mesmo.

— Ah... Então é assim?

— Assim o quê? Ela é protegida de minha avó, só isso.

— E naturalmente o senhor deve supervisionar-lhe os adornos de cabeça.

— Ela me foi impingida por aquela velha intrometida. Não tive escolha.

— Ah!

— Ah, nada! Acho que está somando dois mais dois para achar cinco! Ela não representa nada para mim. Ela é irritante, se quer saber!

— Hum.

Jack rangeu os dentes.

— Não seja tonto, Francis!

O amigo deu um sorriso entendido.

— Bem, meu querido amigo, já que não tem nenhum interesse na encantadora srta. Farleigh, acredito que não se importará se eu lhe fizer a corte.

Jack deteve o cavalo, virou-se na sela e encarou o outro.

— O que diabo o senhor quer dizer com isso? Nem pense numa coisa dessas. Ela está sob a proteção de minha avó.

— E eu pretendo fazer-lhe a corte de maneira honrada, isto é, se o senhor não tiver objeções.

Jack tinha, e muitas. Uma coisa era mandá-la para Londres e ela encontrar uma alma gentil, paterna! que a mimasse e a cobrisse com luxo. Mas aquele namorador atraente, mundano e elegante!

— E por que o senhor haveria de querer fazer a corte a alguém como Kate? O senhor é um libertino notório!

— Eu? E o senhor? Um homem que deixava todas as mães casamenteiras aflitas para proteger suas pimpolhas! Ah, agora o senhor está assentado, não é? A

belíssima Júlia. O que aconteceu com ela? Ainda apaixonado? Bem, a encantadora srta. Farleigh, por mais charmosa que possa ser, não se compara com a Júlia.

— Não estou apaixonado e agradeceria muito se não mencionasse o nome dela e o de Kate ao mesmo tempo.

— Ah, então a deusa ainda é venerada em seu coração?

— A deusa não passa de uma mulher superficial, egoísta e interesseira... — Jack estava furioso. — Se ainda não percebeu que Júlia Davenport não vale um dedo mindinho de Kate Farleigh, então... não o conheço.

Francis controlou-se para não rir.

— Não precisa convencer-me, meu camarada. Nunca fui um dos admiradores de Júlia. E não se esqueça de que posso cortejar a encantadora srta. Farleigh com intenções sérias.

Jack tornou a ranger os dentes. Esse "encantadora" já começava a aborrecê-lo.

— Nunca pensei que o senhor tivesse vocação para o casamento. O que houve?

— Chega uma hora na vida de um homem em que ele pensa em sossegar. E não me agradam essas meninotas que estão no mercado matrimonial. Um homem precisa de uma mulher que o faça sentir-se confortável, uma mulher ajuizada.

— Parece que o senhor está procurando uma cadeira velha para casar-se!

— Que nada. Não penso na srta. Farleigh dessa forma. Isso seria até ofensivo. Talvez ainda não tenha percebido, meu caro, mas a encantadora srta. Farleigh é uma coisinha linda, dona de uma boca adorável. Até o nariz dela manchado de farinha, hoje de manhã, parecia adorável.

Jack gemeu.

— Já notou a sua covinha? É difícil de aparecer, mas é muito divina. Junte-se a voz singular e um riso delicioso. Pronto. Temos, em um pequeno pacote, um encanto de mulher a quem se quer abraçar.

Jack ficou apavorado de imaginar Kate aninhada nos braços de Francis.

— O senhor deveria saber que ela não tem um centavo. Francis deu de ombros.

— Não estou à procura de mulher rica.

— O senhor a ama? — Jack esperou a resposta, de boca seca.

— Não, por Deus. — Francis riu, descuidado. — Um homem não precisa amar a esposa para ter um casamento feliz. Contanto que ela o ame.

— E acha que ela o ama? — Jack resmungou.

— Não, ainda não, meu caro. Mas o leito matrimonial é um bom conselheiro, não é verdade? Até o final da lua-de-mel, ela estará conquistada. Sou um ótimo amante. E pretendo ser um marido bondoso e indulgente. Como deve saber, mulheres gostam disso. E acredito que a jovem Kate tenha conhecido muito pouca complacência na vida...

Pela expressão de Jack, Francis achou prudente reunir-se a sir Toby e ao sr. Lennox. Deu um tapa amigável na coxa de Jack.

— Meu caro, tenho a impressão de que sua perna está doendo. Por que não vai para casa e depois no encontraremos lá?

Francis esporeou o cavalo e, assim que a distância permitiu, ele desandou a rir.

Jack ficou para trás, furioso, contrariado e sem esperança. Era verdade. Francis seria um bom marido para Kate. Porque isso o deixava tão angustiado? Tinha de admitir que Francis poderia fazer qualquer mulher feliz. Mas não Kate.

Jack entrou na residência pela porta lateral que ficava ao lado da estrebaria. Parou, ao ouvir vozes na sala da frente. Kate e um homem, cuja voz não reconheceu. Ele entrou no recinto.

Kate estava sentada em um sofá e sorria feliz para um estranho que lhe segurava as mãos.

Ela virou-se, radiante.

— Ah, Ja... Sr. Carstairs, não é maravilhoso? Este é o sr. Jeremiah Cole.

Jack fitou com gelo no olhar o sr. Cole e as mãos dadas. Cole soltou-as imediatamente.

— Perdoe-me, srta. Farleigh — ele falou, com voz cortante e uma sobrelance erguida —, mas não consigo perceber o que é tão maravilhoso. Quem é este homem?

Kate nem pareceu notar a recepção mais do que fria.

— Ah, desculpe. Devo confessar que o aparecimento inesperado do sr. Cole deixou-me atrapalhada. Uma visita muito bem-vinda, mas que me fez esquecer as boas maneiras.

Ela levantou-se e o estranho imitou-a. Jack aborreceu-se ainda mais ao notar que o homem era tão alto quanto ele, musculoso e estava bem vestido.

— Sr. Carstairs, tenho muito prazer em apresentar-lhe um primo distante e que eu não conhecia, sr. Jeremiah Cole. Sr. Cole, sr. Jack Carstairs, meu... — Ela hesitou.

— A srta. Farleigh é protegida de minha avó, lady Cahill — Jack interveio. — Minha avó permitiu que ela e sua dama de companhia, a sra. Betts, ajudassem um pobre solteirão a deixar a casa em ordem.

Cole não pareceu entender.

— Ela logo estará fixando residência com lady Cahill e, sob sua égide, será apresentada à sociedade.

Será que o camarada imaginava por que uma avó pretendia apadrinhar a amante do neto?

— Encantado em conhecê-lo — Cole foi amável. — Devo confessar que fiquei surpreso quando soube que a minha priminha sobrevivera aos horrores da guerra. Quando cheguei aqui e descobri a jovem encantadora em que ela se transformou, fiquei ainda mais admirado. — Ele beijou-lhe a mão.

Jack não gostou de ver Kate corar e nem de ver que ela não retirava a mão.

— Diga-me, Cole, como é que descobriu o paradeiro da srta. Farleigh?

Cole voltou-se, sem soltar a mão de Kate.

— Tive contato com Phillips, administrador dos negócios de lady Cahill. Meu falecido pai foi testamenteiro do espólio dos Delacombe. O patrimônio deles foi para ele, como o parente mais próximo. Há dois meses passou para mim, depois de sua morte.

Ele sorriu para Kate, antes de continuar.

— Pode imaginar minha alegria, senhor, quando descobri que não estava sozinho no mundo. Que minha prima estava viva e bem, que não havia morrido nas mãos dos bastardos franceses, como seu pai e irmãos. — Ele apertou a mão de Kate com simpatia. — Vim o mais depressa que pude, para encontrá-la. E também para apresentar minhas condolências pela perda dos entes queridos.

— Muita bondade sua, sr. Cole — Kate agradeceu.

— Por favor, "senhor" é tão formal. Sou seu único parente vivo, mesmo que distante. Não poderia simplesmente chamar-me de primo Jeremiah e permitir que eu a chame de prima Katherine?

— Prima Kate soa melhor, primo Jeremiah. — Ela sorriu e ele tornou a beijar-lhe a mão.

Jack observou a cena, revoltado.

Será que ela não percebia que o camarada era um cidadão afetado e untuoso? Podia estar bem vestido e ter uma razoável boa aparência, para quem gostava de homens corpulentos de cabelos ruivos e feições regulares.

Cole não agradou nem um pouco a Jack, ainda mais que se derramava em elogios, toques e beija-mãos...

Jack teve vontade de pegar-aquele homem impertinente pelo colarinho elegante e jogá-lo no jardim pelas orelhas. Mas Kate jamais permitiria uma coisa dessas. Ele fitou-a, azedo. Ela continuava enlevada e parecia gostar das patas e da salivação daquele imbecil.

Ela permitia. E sorria.

— Então o senhor é o herdeiro — Jack interveio, antes que o primo beijasse a mão de Kate pela terceira vez.

— Na verdade, sim. Embora seja um sentimento melancólico saber que se ficou rico pela morte de alguém. — Cole assumiu um ar solene e depois animou-se. — Mas isso me lembra que há um legado bem feminino para a prima Kate.

Ele tornou a sorrir para Kate e entregou-lhe um pacote chato e alongado. Ela fitou o embrulho intrigada e abriu-o, demonstrando surpresa e satisfação. Fitou Jack, com os olhos arregalados.

— Jóias. — Ela virou-se para o primo. — São de minha avó?

— Sim, ela deixou-lhe uma ou duas peças como recordação. Jack lembrou-se da crença de lady Cahill de que Kate talvez fosse contemplada com uma herança. Pelo jeito, ela se enganara. Ali não havia quase nada. Apenas um colar de pérolas, um de granadas, alguns brincos, um anel e um ou dois broches.

De repente, Kate abaixou a cabeça e calou-se. Fitou as peças em seu colo, tocou-as com delicadeza e correu as pérolas entre os dedos.

Jack supôs que ela estivesse decepcionada. Encheu-se de ódio e frustração ao ver uma lágrima escorrendo-lhe pela face. Certamente ela esperava objetos iguais aos de outras mulheres e dos quais era muito mais que merecedora. Diamantes, esmeraldas, rubis. Ele disse uma imprecação silenciosa para todos os parentes desmiolados dela.

Kate levantou os olhos cheios de lágrimas, mas mostrou-se radiante.

— Obrigada, primo Jeremiah, obrigada. Não pode imaginar o que significa minha avó ter-se lembrado de mim — ela comentou, com voz rouca e suave.

Jack entendeu que ela estava emocionada e Cole mexeu-se na cadeira. De repente, Kate levantou-se e sorriu com tristeza.

— Se os senhores não se incomodarem, gostaria de olhar o legado de minha avó em meu quarto. Com licença. — Ela estendeu a mão para o primo. — Eu o verei novamente, primo Jeremiah?

— Claro! — Ele curvou-se mais uma vez sobre a mão de Kate. — A senhorita não espera que eu fuja, logo agora que acabo de descobrir uma priminha tão charmosa? Procurarei acomodações na cidade mais próxima e, com sua permissão, prima, voltarei amanhã.

Kate anuiu e deixou a sala, com o pacote de encontro ao peito. Jack fitou-a sair, estupefato.

Quem a visse, poderia pensar que ela herdara as jóias da Coroa e não apenas algumas bagatelas. Ela era mesmo diferente e sempre o surpreendia.

Ele encarou um Cole sorridente, feliz consigo mesmo.

Droga de homem. Não gostava dele nem um pouco.

— A porta da frente é por ali, Cole.

— Prazer em conhecê-lo, sr. Carstairs. — Cole fingiu não notar que o despediam. — Aguardo ansiosamente para estreitarmos nosso conhecimento. Sei que o senhor é um de nossos heróis da Península. Adoraria conversar sobre isso com senhor, no futuro.

O herói galante e nauseado não atirou o primo de Kate pela escada abaixo. Contentou-se em bater a porta.

Jack precisava de um drinque. Entrou na biblioteca e estacou. Kate estava sentada em uma cadeira de balanço.

— Milhe está lavando o chão de meu quarto — ela explicou.

— O camarada já foi embora.

— Foi muita bondade ele vir entregar-me isto. O primo poderia ter mandado pelo correio.

Ela acariciava o pacote que novamente estava em seu colo.

— A senhorita gostou de vê-lo — ele declarou, depois de algum tempo.

— Sim. É maravilhoso descobrir que não se está sozinha no mundo.

— Mas a senhorita não está...

— Estou sim. Ou, pelo menos, estava.

— A senhorita tem minha avó... "E a mim."

— Ah, lady Cahill é muito querida — ela interrompeu-o —, mas na verdade, ela não é minha parente. Sou um projeto caritativo que ela resolveu assumir em memória de minha mãe. Ela tem demonstrado muita bondade e é generosa. Sou-lhe muito grata por isso, mas o senhor deve reconhecer que não tenho nenhum direito. E diferente saber que alguém faz parte de sua família, que se pertence a alguém.

— A senhorita não tem nada a ver com aquele vaidoso gordo, mal vestido e bajulador!

— Sr. Carstairs, eu lhe agradeceria se falasse com respeito do primo Jeremiah na minha presença. Ele é forte, mas longe de ser gordo, e também achei suas roupas impecáveis. — Ela fitou o couro de gamo da calça manchada de Jack. — Além do mais, ele tem um bom coração e veio de Leeds só para conhecer-me e trazer as jóias de minha avó.

— Quinquilharias.

— Podem ser para o senhor, mas são as únicas jóias que possuo e pertenceram à minha avó, a quem nunca vi.

Kate apertou o pacote contra o peito.

— Como também não conheci minha mãe, que morreu quando eu nasci. Tudo o que eu herdei dela foram as pérolas e os olhos. As pérolas eu tive de vender para saldar dívidas.

Os olhos custaram-me o amor de meu pai.

— O senhor não pode entender o que significa para mim saber que minha avó não me esqueceu. Meu pai desentendeu-se com meus avós antes de eu nascer e eles nunca mais tiveram contato. — Os olhos dela brilhavam pelas lágrimas não derramadas.

O legado era muito maior do que seu tamanho e valor. Era algo tangível, de uma avó que pensara nela com amor, sem importar-se com o ressentimento do pai pelo nascimento da filha.

— O senhor diz que são porcarias, mas minha mãe pode tê-las usado quando jovem... — A voz de Kate falhou e ela subiu correndo a escada.

Jack praguejou e passou a mão nos cabelos.

Mas que droga! Será que ele sempre tinha de falar antes de pensar? Não pretendia zombar daquela coleção pequena e patética de jóias.

Primeiro Francis o irritara com os planos absurdos para o futuro de Kate. Depois, ao voltar para casa, encontrara Kate derretida diante de um cidadão presumido. Aquilo fora demais! Ainda por cima, a perna doía e por sua culpa. Quisera exhibir-se perante os amigos. Precisava massageá-la, antes que enrijecesse de novo.

— Carlos! — ele berrou. — Carlos!

CAPÍTULO XIII

— Mas que droga, Francis — Jack explodiu. — Pelo menos Toby e Drew tiveram a sensatez de não prolongar a visita. O senhor não tem nada melhor para fazer do que ficar aqui durante semanas a fio e deixar-me louco?

— Gosto disto aqui, meu caro. O ar fresco, a paisagem... — ele indicou com a cabeça o terraço onde Kate passeava com o primo e tomou mais um gole de vinho do porto — ...e as companhias. Além do mais, Jack, o senhor é um ótimo anfitrião. Faz um camarada sentir-se bem-vindo.

— Não se pode dar um passo sem tropeçar com o senhor ou aquele idiota do Cole. — Ele fitou um vaso com flores. — E o lugar está infestado com essas ervas daninhas fedorentas!

Francis conteve a vontade de rir.

— E para ser franco, não sei o que é pior. Se aquele maldito débil mental derramando vulgaridades sobre Kate e beijando-lhe a mão até deixá-la ensopada, ou o senhor declamando cumprimentos recheados de floreios como um maldito poeta.

— Eu me orgulho de meus talentos poéticos e Kate parece apreciá-los.

— Kate? Eu agradeceria muito se tratasse a tutelada de minha avó com menos familiaridade!

— Foi ela mesma quem pediu para que eu a chamasse pelo apelido. Odeio recusar o pedido de uma dama.

Jack murmurou alguma coisa ininteligível e saiu da biblioteca. Francis ali ficou, rindo. Fazia semanas que Jack vinha agindo como um urso bravio, sem motivo. Ou melhor, sem admitir as razões.

Francis fitou o casal no terraço. Cole visitara Kate diariamente nas últimas três semanas. Trazia flores, livros e guloseimas. Pela escassez de flores naquela época do ano, Francis supôs que o homem tivesse dinheiro sobrando.

Francis não gostava de Cole, embora por motivos diferentes dos de Jack. Via nele um atrevimento que não lhe agradava. Ele perseguia Kate com uma determinação que a Francis parecia muito calculada para ser amor.

A atitude possessiva em relação à "encantadora priminha" aumentava dia a dia e Francis desconfiava que Kate não se sentia à vontade com isso.

Contudo, a hostilidade aberta de Jack contra Cole impedia Kate de repelir a familiaridade excessiva do primo. Não era segredo para ninguém que Jack procurava apenas uma desculpa para escorraçar Cole. Afinal, Kate recebia bem o único parente vivo, embora não gostasse dos excessos dele.

Francis suspirou e serviu-se de outro drinque.

— Minha queridíssima prima — Cole começou.

Kate sentiu o estômago embrulhado. Já esperava por aquilo. As insinuações pegajosas causavam nela um efeito contrário. Era melhor que ele falasse de uma vez e terminasse logo. Ele tomou-lhe as mãos, com suas palmas úmidas.

— A prima deve ter sentido o meu desejo ardente de tornar o nosso relacionamento mais íntimo.

— Primo Jeremiah, fico muito feliz por tê-lo como primo...

— Mas eu não. Kate, veja como me sinto a seu respeito. — Ele pressionou-lhe as mãos contra o peito largo. Kate tentou esquivar-se, mas ele segurou-a com firmeza. — Eu a amo, Kate. Louca e desesperadamente. E a quero para minha esposa.

— Primo Jeremiah — ela foi gentil —, é muita bondade sua...

— Mas não é isso o que eu sinto, minha amada. É amor! Quero que seja minha. A prima está sozinha no mundo. Permita-me tomar conta da senhorita, protegê-la e adorá-la

para o resto da vida. Conceda-me sua mão, doçura.

— Na verdade, primo, o senhor parece não levar em conta a minha vontade. — Ela procurou soltar-se e ele apertou-a ainda mais. — Por favor, largue-me. Está me machucando.

— E a prima machuca a mim, por não me responder. Eu lhe faço uma pergunta, talvez uma das mais importantes com que já se defrontou. Quer ser minha esposa?

— Não, primo Jeremiah — ela respondeu, com suavidade. — Sinto muito.

— Não acredito! — Ele franziu o cenho, soltou-lhe as mãos, agarrou-lhe os ombros e sacudiu-a. — Não acredito! Eu a amo e tenho certeza de que também me ama. Não é mesmo? A prima só está me provocando.

Ele apertou-a contra o peito e Kate não teve forças para afastar-se.

— Menina travessa! Caçoando com o seu Jeremiah... Kate não teve tempo de virar o rosto. O beijo molhado de Cole deixou-a enojada. Ela lutou em vão, enquanto ele lhe acariciava as costas de cima para baixo e procurava invadir-lhe a boca com a língua grossa.

De repente, ela sentiu que a soltavam. Encostou-se na balaustrada, enquanto Jack ficava entre ela e o primo.

— Seu porco imundo, tire as patas de cima dela! — ele rugiu e desferiu um soco que deixou Cole estatelado no chão.

Em pé, Jack enrolou as mangas para cima, com os olhos faiscantes de ódio.

— Como ousa molestar uma jovem decente, seu patife? Primo Jeremiah rastejou de costas, para trás.

— Vamos, sua praga miserável! Uma coisa é maltratar uma mulher indefesa. Outra é enfrentar um homem, não é mesmo? Pretendia sujeitar uma donzela inocente a seu desejo asqueroso? Não em minha casa! Eu lhe ensinarei como se deve tratar uma dama e garanto que nunca esquecerá.

Jack adiantou-se com fúria, indiferente a Kate, que lhe puxava a manga.

— Jack! Pare! Não faça isso. Ele não me machucou. Jack! — ela gritou.

Ele não lhe deu atenção. Andou na direção de Cole, com os punhos fechados e espumando de raiva.

— Jack, ele me pediu em casamento! — Kate tornou a gritar. Jack estacou. Virou-se para ela, chocado e pálido.

— Ele o quê? — ele bradou.

— Pediu-me em casamento — ela repetiu, em voz baixa. Kate estava farta de violência. Foi só o que lhe ocorreu dizer, mesmo sabendo que daria uma falsa impressão.

— Mas então por que... Eu... entendo — ele murmurou, virou-se e, sem fitar nenhum dos dois, afastou-se.

Kate mordeu o lábio. Vira sofrimento no olhar de Jack. Seria por pensar que ela se casaria com o primo Jeremiah? Gostaria de correr atrás dele e contar-lhe que recusara. Mas receou que ele voltasse e atingisse o outro com fúria redobrada. Ela podia estar irritada pelo comportamento de Jeremiah, mas era certo desculpar um homem rejeitado no amor. Ainda mais sendo primo.

— Acho melhor ir embora, primo Jeremiah. Sinto que tenhamos chegado a esse ponto.

Cole ficou em pé e, com o perigo afastado, indignou-se pela maneira como fora tratado.

— Devo dizer-lhe, prima Kate, que estou profundamente ofendido. Vou denunciá-lo ao magistrado mais próximo. Ele é um lunático perigoso.

A irritação de Kate explodiu.

— Como é que se atreve a dizer uma coisa dessas? Fique sabendo que, se eu fosse homem, teria lhe dado um soco há mais tempo. O senhor teve a audácia de beijar-me e resolveu usar a força bruta por que eu não retribuí! Não esqueça de contar também

isso ao juiz, primo Jeremiah. Estará denunciando a si mesmo por agressão... a mim.

Cole acalmou-se de imediato.

— Kate, minha querida, não pensei em fazer isso. Eu... eu estava desgostoso. Acredito que deve dar-me o direito de ficar irritado por causa do ataque violento. Mas se o fato a aborrece, não tomarei nenhuma medida judicial no caso.

— Sinto muito — Kate penalizou-se —, que o fato tenha terminado desse jeito. Por favor, primo Jeremiah, não se toca mais no assunto.

— Claro, minha querida. Como também quero resolver o problema de nosso casamento o mais rápido possível.

Kate fitou-o, incrédula.

— Primo Jeremiah — ela falou, resoluta. — Tudo isso aconteceu porque o senhor recusou-se a escutar-me da primeira vez. Volto a afirmar que não me casarei com o senhor.

— Mas eu a amo.

— Perdoe-me, mas não posso retribuir esse amor.

— O amor acontece depois do casamento — ele insistiu.

— Não neste caso. — Ela pensou em galanteios exagerados e beija-mãos melosos para o resto da vida.

— Eu não me incomodarei se não me ama. Casaremos de qualquer maneira.

Kate começou a desejar que Jack tivesse dado uma surra nele.

— Mas eu *não quero* me casar com o senhor. Cole adiantou-se e ela recuou.

Meu Deus, ele pretendia abraçá-la de novo.

— Primo Jeremiah, não estou brincando! — ela quase gritou. — Eu disse que não aceito tornar-me sua esposa! E *nada* me fará mudar de idéia.

— A prima é deliciosamente tímida! — Cole avançou, com um sorriso determinado.

— Não sou!

— Acho melhor o senhor escutar a dama — uma voz tranqüila avisou, atrás deles.

— Meu amigo Carstairs até já lhe apresentou os métodos nada suaves usados pelos Coldstream Guards. Gostaria de mostrar-lhe as técnicas favoritas dos cavalheiros do 95^a Pelotão dos Fuzileiros.

Francis começou a mexer nos punhos da camisa e hesitou.

— Isto é, a menos que se desculpe com a dama e saia, antes de eu terminar de enrolar as mangas. — Ele continuou a dobrar o tecido, devagar e com precisão.

Cole viu os antebraços fortes e enervados. Já estava com dor de cabeça e o queixo arrebitado por causa do soco. Murmurou qualquer coisa sobre um homem ser castigado pelo crime de amar uma mulher. Mas percebeu no coronel o mesmo olhar mortífero que vira em Jack. Tratou de desculpar-se com Kate e foi embora, quase correndo.

Kate sentiu-se arrasada.

— Obrigada, Francis.

— A senhorita está bem?

— Como uma cadeira com três pernas. Acho que preciso descansar um pouco.

Ela virou e subiu correndo para o quarto.

Mais tarde ela desceu para supervisionar os preparativos do jantar. Jack devia estar na taverna. Kate não quis comer com Francis e ficou na cozinha, onde fez a refeição com os criados.

Quanta ironia! Uma jovem que não podia casar-se era cortejada por dois cavalheiros de quem não gostava...

Kate suspirou. Durante um certo tempo, a sua vida fora prazerosa. Tudo mudara.

Jack não a fitava mais com o ar protetor e a ternura de antes. Em seu olhar havia suspeita e censura. Mostrava-se furioso com ela. E isso a confundia e machucava.

Kate não tinha idéia dos sentimentos e intenções dele a seu respeito. Mas uma

união entre eles seria impossível. Qualquer pessoa de bom senso podia entender que Jack só se casaria por dinheiro.

Que tipo de homem seria o pai de Jack, para deserdá-lo dessa maneira? De qualquer maneira, Jack teria de achar uma herdeira bem-nascida. E não a filha de um reverendo pobre, com um escândalo como herança...

— Srta. Kate — Florence interrompeu-lhe o fluxo de pensamentos. — Vamos conhecer mais um pedaço de nossa história?

Kate sorriu. Algumas semanas antes, ao limpar a biblioteca, ela descobrira alguns romances da sra. Radcliffe. A filha do vigário fora proibida de ler essas histórias "desprezíveis". E por isso Kate tornara-se aficionada delas. Depois do jantar, enquanto Martha e as meninas costuravam e remendavam na cozinha, todos se arrepiavam de horror e prazer, enquanto Kate lia alto as aventuras da heroína. A audiência de Kate aumentara.

As irmãs e o irmão das criadas ouviram contar na fazenda os episódios eletrizantes de *Os Mistérios de Udolpho* e logo decidiram que Millie e Florence não podiam voltar sozinhas.

Os serões contavam com a presença dos seis irmãos Cotter, Martha, Carlos, o cavaleiro de Francis e "acidentalmente" do criado pessoal do coronel.

Kate observou os presentes. A assembléia estava completa. Ela pegou o livro, sentou-se perto do fogo e começou a ler. Uma hora mais tarde, fechou o livro, sob suspiros e protestos da platéia.

— Srta. Kate — Tom, o irmão de Millie chamou —, esse tal de Sinner Montoni era mesmo um velhaco, não? Nosso pai ensinou-nos que não se pode acreditar em estrangeiros. — Ele fitou Carlos, com olhar sombrio.

— Si... — Carlos respondeu depressa. — Eu nunca tive confiança nos italianos... nunca! Esse *signor* Montoni é um homem mau. Pobre srta. Emily.

Todos concordaram. As meninas estremeceram e tagarelaram sobre o capítulo.

— Vamos para a cama, minha querida? — Martha sugeriu.

— Não, ainda não estou com sono. Vou ficar mais um pouco. Pode subir.

Eles se despediram e Kate ficou sozinha, perto do fogo.

— Quantos talentos mais a senhorita tem escondidos? — a voz grave veio das sombras e assustou-a.

Ela virou-se. Jack estava encostado na parede oposta.

— Há quanto tempo o senhor está aí?

— Uns vinte minutos. Todos estavam tão absortos na sua leitura que não quis interromper. A senhorita lê muito bem.

Kate percebeu que ele estava bêbado.

— Quase uma atriz, hem? — Ele aproximou-se e ela foi para trás, o que não o impediu de tocar-lhe a ponta do nariz. — Uma mancha de farinha. Nunca vi uma mulher tão inclinada ao desleixo.

Kate desviou a cabeça e entendeu que ele brincava. Esfregou o nariz com a manga, enquanto Jack cambaleou para o lado.

— O senhor está embriagado.

— E daí? Não é de sua conta.

— Onde está Francis?

— Ah, agora já é Francis? — ele zombou. — Quanta familiaridade com meus amigos!

Kate não respondeu. Ele não iria entender mesmo.

— A senhorita já lhe contou sobre o acordo com o sebososo do Cole?

— Por favor, não ofenda o primo Jeremiah.

— E logo ficarão mais próximos, não é? E isso depois de todas as conversas sobre não se casar! Bastou aparecer um cidadão rico que a alisasse com flores e palavras

ridículas, e a senhora esquece suas resoluções. Mulheres! A senhorita é igual às outras. É só um camarada balançar a bolsa cheia de moedas, todas ficam doces e submissas.

Ele mudou de posição.

— *Ah, primo Jeremiah* — ele imitou a voz dela, com ironia —, *vou adorar. Querido primo, gostaria de beijar-me? Por favor, faça-o. Ah, sim, primo Jeremiah, eu me casarei com o senhor. Permitirei que ponha suas patas imundas em mim e que me beije com sua boca de peixe!* — Jack estava irado. — Não entendo como é que a senhorita tem estômago para aceitar casar-se com esse novo-rico repugnante.

Kate não contou que recusara a proposta. Para fugir à atração dele, ela levantou-se da cadeira e foi para o outro lado da mesa.

— Não se atreva a falar comigo desse jeito! O que eu faço também não lhe diz respeito, sr. Carstairs. Se quiser falar com meu primo, se quiser abraçá-lo ou casar-me com ele, eu o farei! Independente de sua vontade! — Kate bateu o pé na lajota. — Além do mais, o senhor está fhe ofendendo. O fato de uma pessoa ser rica ou não nada tem a ver com as minhas atitudes. Isso o que o senhor sugere é uma afronta. Pouco me importa se o primo Jeremiah tem dinheiro ou não tem. Só uma pessoa vulgar se interessaria por isso.

— Quando a carapuça serve...

— O senhor é quem deveria usá-la, porque essas considerações nunca foram minhas!

— Não quer me fazer crer que ama uma criatura tão desprezível.

Ela ergueu o queixo.

— Isso, sr. Carstairs, não é de sua conta!

— É sim!

— E por quê?

Eles se entreolharam por um instante. Nisso, Jack aproximou-se, tomou-a nos braços e pressionou-lhe a boca com a sua.

O beijo foi tempestuoso e cheio de paixão. Jack apertou-a com força e Kate nem sentiu que ele a machucava. Agarrou-se nele e retribuiu o beijo e as carícias com o mesmo desespero angustiado.

Afinal eles se separaram, ofegantes. Sem notar que os lábios estavam feridos, ela tentou recuperar a postura.

— O que o senhor quis demonstrar com tudo isso? — perguntou, em voz baixa, mas com o coração disparado.

Jack ficou parado. Refletiu que dera a ela a oportunidade de repudiar Cole, mas ela não o fizera. Afinal, nada havia mudado. Ela continuava noiva do pusilânime endinheirado e esperava a resposta dele, para depois desferir-lhe ofensas. Não era diferente das outras.

— Nada, minha cara Kate. Nada. Foi apenas um interlúdio agradável. — Ele passou a língua nos lábios. — Eu disse que a senhorita era talentosa, não disse?

Para Kate, foi o mesmo que tomar um banho com gelo.

— Seu animal... — sussurrou.

Ela sentiu-se muito infeliz. Tinha vontade de encostar-se no peito de Jack e soluçar. Mas se fizesse isso, ele provavelmente lhe arrancaria o coração para devorá-lo. Ou já o teria feito?

— E isso é novidade? Pensei que a filha de um pároco houvesse sido advertida sobre a bestialidade dos homens. Por isso é que gosta tanto de nós.

— Pelo contrário. Meu pai ensinou-me a amar a humanidade. "Só que ele amava a todos, menos a mim", ela refletiu. Kate não percebeu o olhar de arrependimento dele. Saiu da cozinha e subiu para o quarto.

Trocou-se e apagou a vela.

Será que Jack não entenderia nunca que ela não pretendia casar-se? Se bem que

ela nada dissera sobre a recusa à proposta do primo.

Homem teimoso! Por que bebera outra vez? Não era por pensar que ela casaria com Jeremiah. Afinal, não era ele quem insistia para ela ir a Londres e encontrar um marido?

Fazia frio e ela estava cansada. Não tinha intenção de procurá-lo àquela hora para explicar-lhe tudo. Se o fizesse, de camisola e no estado em que ele se encontrava, seria um erro fatal.

Kate contava com muitas acusações de indecência em sua vida. Não precisava de mais.

— O senhor viu Kate hoje? — Francis perguntou a Jack.

— Não. — Jack continuou a ler um jornal enviado por um amigo.

Nem queria pensar em Kate. Era muito sofrimento imaginá-la casada com Cole. Nunca mais a veria e nem a tocaria.

Não queria saber onde ela estava e nem o que fazia. Não lhe importava. Era melhor ler as notícias.

O jornal não era do dia, mas continha uma descrição detalhada da retirada do Exército da Espanha, de volta a Portugal. Os dois amigos acharam as notícias deprimentes, com relatos de acidentes pavorosos. Jack ficou consternado ao saber das grandes perdas sofridas pela brigada de Anson, com quem lutara em Salamanca. Anson e muitos daqueles oficiais eram amigos de Jack.

O jornal criticava Wellington, por permitir que a situação chegasse naquele patamar. Jack deduziu que o noticioso só era amigo para as horas boas. Wellington era um herói quando vencida e um rematado idiota quando tudo ficava mais difícil.

Desgostoso, atirou o jornal para o lado. Depois lembrou-se de não ter visto Kate durante o dia inteiro. Sem dúvida, ela o evitava, depois da discussão da noite anterior.

— Deve estar na cozinha. — Ele se levantou para servir-se de um copo de vinho Madeira, mas a vasilha estava vazia.

— Carlos!

Carlos apareceu e recebeu ordens para comprar outra garrafa.

— Carlos, o senhor viu onde está a srta. Kate? — Francis perguntou, antes de o homem sair.

— *No, senhor.* Ela saiu para um passeio com o *senor* Cole esta manhã.

Os dois homens franziram o cenho.

— Mas estamos no meio da tarde. Tem certeza de que ela não voltou? — Francis perguntou.

— *Sí, senhor.* A *senora* Martha e as meninas também estão à espera de sua volta.

Jack deu de ombros, procurando esconder a preocupação.

— Se ela quis passar o dia com o noivo, o problema é dela. Pelo jeito, ela não valoriza muito a sua reputação.

— Que noivo? — Francis retrucou. — Ela não está noiva.

— Ela não o informou? Aquele idiota teve a desfaçatez de propor-lhe casamento ontem e a tola aceitou.

— Quando foi isso? — Francis indagou.

— Ontem, no terraço. Eu o surpreendi com as patas em cima dela, beijando-a. Apliquei-lhe um corretivo. — Ele fechou os punhos. — Que pena que não ter-lhe arrebatado os dentes. Eu o teria feito, mas aquela infeliz pendurou-se em meu braço e gritou que eles iam se casar. Não me restou fazer outra coisa, a não ser ir embora e deixar os pombinhos planejar o casamento.

— Pois saiba que ela recusou!

— Ela *aceitou*.

— Não, senhor. Eu estava na biblioteca, quando o senhor atingiu o soco nele. Depois ele investiu novamente e eu saí para intervir, pois ela havia recusado os avanços

dele várias vezes. Tive de intimidá-lo. Precisava ver como ele desculpou-se com a srta. Kate e saiu com o rabo entre as pernas! Acho que o cocheiro socorreu-o no portão da frente.

Ambos riram, mas Jack ficou sério de repente.

— Então por que o demônio levou-a com ele hoje de manhã? E por que ela ainda não voltou? — Jack passou a mão nos cabelos. — Francis, eu falei a ela sobre isso ontem à noite e em nenhum momento Kate negou que estivesse noiva de Cole.

— Suponho que o senhor usou sua tática habitual, não é? — Francis criticou-o.

Jack fez uma careta.

— Irritação, não é mesmo? Fazendo o possível para discutir?

E a melhor maneira de induzir uma mulher a fazer o contrário do que se quer que ela faça. Principalmente uma mulher de espírito forte como Kate. Ela certamente não desmentiu as acusações que recebeu.

Ele fitou Jack com seriedade.

— Posso garantir-lhe que a adorável srta. Kate nutre por Cole apenas um sentimento de família que lhe é muito caro. E até para isso terá de esforçar-se, depois da maneira como ele se comportou.

— Mas onde diabos ela se meteu?

Jack foi para a cozinha, chamou por Carlos, Martha e as meninas, e pediu explicações.

— Ele veio de manhã — Martha relatou —, com ar arrependido e um maço de flores. Disse que sentia muito e pediu que ela o perdoasse. Convidou-a para um passeio. — A mulher enrolou as mãos no avental. — Mas isso já faz horas, sir, e a srta. Kate não costuma demorar tanto, ainda mais com um cavalheiro.

— Ela levou alguma coisa, Martha?

— Como assim, sir?

— Uma valise, uma caixa de chapéu, qualquer coisa assim? Martha sacudiu a cabeça.

— Não, sir, nada. O senhor acha que ela fugiu, sir? Não a srta. Kate, sir. Ela não faria isso. — A velha senhora sacudiu a cabeça de novo, ao ver o ar de dúvida de Jack. — Conheço essa menina desde que era um bebê, sr. Jack. Ela não sairia escondida.

Martha estava convicta, apesar do ceticismo dele. Teria de convencer o querido sr. Jack.

— Admito que ela tem temperamento forte, quando é provocada, sir, mas jamais faria uma coisa dessas. Nunca! Estou muito preocupada, sr. Jack, e não gosto daquele primo, nem um pouco. Ela já deveria estar em casa.

Ela agarrou a manga do casaco de Jack, com grande ansiedade no rosto enrugado.

— Encontre-a, sr. Jack. Traga-a para casa.

— Carlos, encime meu cavalo — Jack ordenou.

— Talvez a carruagem leve seja melhor. Sua perna pode ressentir-se de montar por muito tempo — Francis aconselhou.

— Dane-se a minha perna. Um cavalo é mais rápido. Sele o ruão, Carlos.

— E o meu castanho — Francis acrescentou.

— Alguém sabe para que direção eles foram?

— Sir, eu vi a carruagem sair do portão em direção ao norte — Florence contou.

— Norte? — Jack fitou Francis. — O senhor está pensando o mesmo que eu?

Francis anuiu.

— Ontem, ele mostrou-se muito insistente. Pareceu até desesperado, por ter sido rejeitado de maneira tão inflexível. Será que ele a tomara à força?

Jack praguejou.

— Se aquele bastardo encostar um dedo nela, eu o mato!

CAPÍTULO XIV

Quando os dois homens chegaram aos arredores da aldeia, já escurecera. Eles diminuíram a andadura dos animais exaustos, depois de muito tempo de galope ininterrupto.

Nem sinal de Cole. Aquele vilarejo era a última esperança de encontrá-lo.

A dor e a ansiedade marcavam o rosto abatido de Jack. Quanto mais tempo passava, mais diminuíam as possibilidades de agarrar aquele bandido. Ele nem queria pensar no que aconteceria a Kate, se não o apanhassem.

Eles descobriram que Cole largara o cabriolé e alugara uma carruagem fechada. Informantes disseram que ele levava a irmã doente para casa. De posse da descrição do coche, eles fizeram investigações de aldeia em aldeia.

Os raios pálidos do luar prateavam o campo. Preocupado, Francis fitou Jack. Era evidente que o amigo estava no limite de suas forças e com muita dor.

— Precisamos descansar um pouco, meu camarada. E dar uma folga para os animais.

— E deixá-la mais tempo nas mãos daquele demônio? Ele raptou-a para forçar o casamento. Ele não chegará à fronteira em menos de dois dias. O que significa que pretende possuí-la antes. Esta noite. Acha que eu poderia repousar, enquanto ela está nas mãos daquele maníaco?

— Não se torture, Jack. Concordo que as indicações fazem supor que ele vá para Gretna, mas ele não sabe que está sendo perseguido. Ele não tem por que violentá-la ainda hoje.

— Veja! — Jack apontou para um caminho estreito.

No final do atalho, havia uma carruagem parada ao lado de uma cabana. Os dois amigos se entreolharam e seguiram pela vereda, com um mínimo de ruído.

A choupana era velha e quase em ruínas. Pela quantidade de ervas daninhas que cresciam ao redor, era claro que estava desabitada havia anos. Eles desmontaram e aproximaram-se sorratamente. Pela janela, viram a figura de Cole iluminada pela luz de uma vela. Ele se debruçou sobre um corpo inerte deitado em um catre.

Eles empurraram a porta e entraram. Cole, apavorado, empalideceu e tentou sorrir.

— Eu... ah...

— Saia de perto dela — Jack ordenou em voz baixa e cortante. Cole afastou-se o mais que pôde.

— Se tocou em um só fio de cabelo dela, considere-se um homem morto — Jack avisou, no mesmo tom, ao chegar perto da maçã. Acariciou o rosto de Kate e afastou-lhe uma mecha de cabelos da testa. — O que fez com ela, seu patife?

— Nada, nada, eu juro! — Cole protestou. — Ela não está ferida, apenas drogada.

— Drogada! — Francis exclamou, na entrada.

— Foi... foi... só um pouco de láudano, eu juro... é que ela lut... Jack agarrou-o pelo colarinho.

— Ela lutava, seu porco? E pode dizer-me por quê?

Ele dobrou-se ao meio, quando Jack atingiu-o com um soco no estômago. O outro murro acertou-lhe o queixo e provocou um estalo. Depois Jack agarrou-o pelos cabelos e sacudiu-o como se faz com um rato.

— Eu o ensinarei a não raptar jovens inocentes!

Jack desferiu mais dois golpes, acertando um deles em cheio no nariz, e Cole caiu.

— Levante-se, seu covarde! — Jack bradou. — Ainda não terminei!

Ele tornou a agarrar Cole, então pelo pescoço. Um sorriso sinistro iluminou o rosto de Jack, quando ele viu os lábios inchados e o sangue escorrendo no rosto de Cole.

— Sabe que vou matá-lo, não é mesmo?

Cole, um homem grandalhão, viu-se sacudido pelo pescoço por um homem ensandecido. Lutou para soltar-se, mas foi em vão. A face começava a ficar de cor púrpura e os olhos ameaçavam saltar das órbitas.

— Jack... — Uma voz fraca chamou do catre.

Cole foi jogado de lado como um monte de trapos e ficou arquejando no chão. Jack curvou-se sobre Kate e ergueu-a da maça imunda.

— Tudo bem, querida? — Ele acariciou-lhe os cachos com ternura infinita.

— Oh, Jack, sinto-me tão estranha — ela sussurrou e aconchegou-se no peito dele.

— Não tente mover-se. Agora está tudo bem.

Jack abraçou-a com força e murmurou palavras de carinho, interrompidas apenas por beijos delicados nos cabelos, nas orelhas e onde mais ele podia alcançar.

Confusa e zonga pelos efeitos da droga, Kate escondeu-se nos braços de Jack. Não conseguia entender nada, exceto que ele estava ali e por isso tudo seria perfeito.

Francis observava a cena, mas um movimento à sua esquerda chamou-lhe a atenção.

Jeremiah começava a mexer-se. O sangue exsudava dos cortes sobre o olho e jorrava do nariz e dos lábios. O queixo começava a inchar e os olhos estavam salientes. Atemorizado, Cole fitou Jack ainda absorto em Kate, levantou-se tropeçando e cambaleou para fora.

Francis seguiu-o.

— A carruagem, não — o coronel avisou. — Precisaremos dela para levar a srta. Farleigh.

— Mas como é que vou para casa? — Cole choramingou. A noite estava fria.

— Não tenho a mínima idéia. Quando meu amigo souber que está aqui fora, tenho certeza que o senhor voltará bem seguro e com conforto, dentro de um caixão.

Cole engasgou de puro terror e capengou rumo à estrada principal, o mais rápido que lhe permitiram as pernas trôpegas.

Francis observou-o até perdê-lo de vista e depois entrou, sem fazer barulho.

Kate estava enrodilhada no colo de Jack, como uma criança, e parecia adormecida. Francis arqueou as sobrancelhas em uma pergunta silenciosa e Jack anuiu levemente. Então ela estava bem. Apesar do sonífero, não houvera violência.

Francis suspirou e fitou o casal no catre. Não teriam condições de voltar naquela noite.

Kate estava exausta e ainda sob o efeito da droga. Jack, embalado pela fúria, dera uma surra em Cole. Naquele momento, já mais calmo, talvez nem conseguisse andar.

— Vou ver os cavalos — Francis falou antes de sair, mas Jack não ouviu.

Atento às reações de Kate, ele apertou-a contra o peito, quando ela balbuciou sem acordar.

Como fora idiota, Jack refletiu, fitando a parede em ruínas. Convencera-se de que mandá-la para Londres seria o melhor para ela...

Mas não poderia ficar sem ela. Queria guardá-la de encontro ao peito, por toda a vida. A posição desconfortável deixava a perna ainda mais dolorida e ele se mexeu. Kate torceu o corpo e apesar da perna que o incomodava, ele sentiu seu corpo reagir.

Meu Deus, como gostaria de estar com ela em uma cama. Na dele. Para acariciar e amar a pequenina Kate. Para apresentar-lhe deleites da paixão. Seu corpo retesou-se, ao pensar nos momentos de desejo que enfrentava ultimamente. Ele mal conseguia controlar-se. Vê-la já era o suficiente para provocar ansiedade.

Ela estremeceu e moveu-se mais uma vez. Estava fria.

Que idiota! Era um egoísta, estúpido e insensível! Pensando em si mesmo, enquanto ela precisava que a aquecessem. Bem devagar, Jack tirou o sobretudo e cobriu-

a.

— Hum, gostoso — ela sussurrou.

Depois, apertando os dentes por causa da dor, ele virou-a lentamente, até sentir Kate aninhada no calor de seu corpo. Jack abriu o paletó e a camisa. Puxou-a mais perto, para esquentá-la melhor. Por instinto, ela abraçou-o, encostou-se no torso desnudo e escondeu a boca na curva de seu pescoço.

Jack ignorou a reação tumultuosa de sua masculinidade e envolveu-a com a camisa, o casaco e o sobretudo. Com certeza ela se aqueceria. E ele também.

O pulso acelerado e os músculos palpitantes dividiram-no. Não se decidiu entre saborear aquela proximidade de contato e cheiros ou lutar contra o desejo que o invadia.

Kate fez um meneio com os quadris e uma corrente elétrica atravessou-o. Jack praguejou, apertou os dentes e tentou controlar o inevitável.

Maldição! Ele não era muito melhor de que Cole. Ela estava entorpecida. Deveria protegê-la em vez de cobiçá-la, como se fosse um animal. Ela acabava de passar por uma experiência traumatizante e ele só pensava no próprio desejo. Fitou o forro vergado e cheio de manchas. Tentou pensar em outras coisas.

Felizmente Francis voltou, carregado com um feixe de lenha. Limpou a grelha, e sem demora a madeira incendiou-se e crepitou. Jack sorriu, aprovando. Francis saiu de novo e retornou, trazendo alguns cobertores de lã.

— Encontrei-os na carruagem. — O coronel cobriu Jack e Kate com um deles. Sorrindo, tirou uma garrafa de conhaque do bolso. — E isto também.

— Bom homem! — Jack sussurrou e estendeu a mão. Tomou um bom gole do frasco e sentiu o líquido aquecer-lhe o interior. — Ah, agora está melhor.

— A perna dói muito?

— Dá para agüentar.

— O senhor sempre foi um péssimo mentiroso. Tome outro trago. A noite será longa e nada confortável. Ela está bem?

Jack anuiu.

— Apenas um pouco fria e ainda sob os efeitos do narcótico. Porco imundo. Suponho que deixou o bastardo ir embora.

— O senhor não queria ser trancafiado por assassinato, queria? Deu-lhe motivos suficientes para esconder-se e eu o mandei embora no meio da noite. Com esse frio, talvez nem sobreviva.

O que não seria de todo ruim. Tente dormir, meu camarada. Ficarei na carruagem, cuidando dos cavalos.

Kate foi a primeira a acordar na manhã seguinte. Um pouco tonta, voltou devagar à consciência. Apesar da dor de cabeça e da fome, sentia-se bem. Ainda de olhos fechados, mexeu o rosto contra o travesseiro. Que estranho...

Abriu um olho. Sua cabeça estava apoiada em um peito masculino e nu, ligeiramente coberto com pêlos negros. Bom Deus! Ela ergueu a cabeça e espiou.

Jack! Dormira com ele? Passou uma vista-d'olhos pelo recinto. Onde se encontrava?

Já acordara uma vez sem lembrar-se de nada. Nos braços de Henri. Mas Jack estava ali... Hum. Lembrou-se da discussão com o primo Jeremiah e de ter bebido um café amargo. Teria sido drogada? Só saberia a verdade quando Jack acordasse.

Dormindo, ele parecia muito jovem e ainda mais atraente. Ela acariciou-lhe as linhas do rosto e os cabelos desgrehados. Incapaz de conter-se, beijou-o suavemente nos lábios. Ele estirou-se, o que a assustou, mas logo voltou à respiração cadenciada do sono.

Kate observou o movimento do peito largo ao sabor da respiração. Abaixou-se e fez uma trilha de beijos quase imperceptíveis pelo peito, pescoço, queixo e de volta à boca. Os toques foram diáfanos, para não despertá-lo. Ousada, ela passou-lhe a língua

nos lábios. Ele gemeu e mexeu-se, e ela estacou. Mas ao ver que ele ainda dormia, continuou com as explorações ilícitas.

Não deveria estar deitada com um homem e agindo como uma gatuna a roubar sensações. Mas era uma oportunidade única. Tratava-se do homem que ela desejava com todas as fibras de seu ser, mas que nunca seria seu. Deus a perdoaria por esse deslize.

Jack era um homem muito bonito. Passou a mão sobre o peito musculoso. Os mamilos escuros e chatos eram circundados por espirais de pêlos. Beijou-os e estremeceu.

Kate levantou a cabeça e contemplou o rosto querido. A cicatriz da face, o nariz aquilino, os sulcos que iam do nariz à boca entreaberta. Sem refletir, ela beijou-lhe os lábios, à procura da sensação maravilhosa que já experimentara.

Jack gemeu em silêncio. Inflamado pelo desejo de segurá-la e retribuir-lhe os carinhos, só queria levar ambos a um crescendo glorioso. Mas não podia. Nem ali e nem naquele momento. Não às furtadelas. Seria muito sórdido.

O momento em que Kate se tornasse sua teria de ser perfeito. Por enquanto, contentava-se com a tortura mais refinada á que já fora submetido.

Ele acordara com o primeiro beijo. Não se movera, para poupá-la do embaraço pela posição íntima em que haviam dormido. Mas não estava preparado para a série de carícias sutis que se seguiram. Tão leves que ele mal acreditava que estivessem acontecendo. Reuniu toda sua força de vontade e permaneceu inerte, à mercê daquele suplício.

Não tinha escolha. Ou ficava imóvel, envolto naquela bênção angustiante de toques sedutores, ou perderia aqueles momentos para uma realidade talvez mesquinha.

Oh, Deus, ela era muito doce e beijava-o novamente! Sem suportar mais, ele correspondeu ao toque da pequena língua de Kate. Sentiu que ela se afastava, em pânico. Segurou-a pela cabeça e aproximou a boca de Kate novamente para junto da sua.

O beijo foi longo, quente e apaixonado.

Jack escutou Francis aprontar os cavalos. Soltou Kate, que se afastou, deslumbrada.

— Bom dia, doçura — ele sussurrou. — Foi o acordar mais belo que já tive.

Kate corou.

Oh, céus, ela estava deitada por cima de Jack, com as pernas entrelaçadas, o busto de encontro ao peito desnudo e... sua masculinidade a pressionava. E ele estava desperto!

Ela levantou-se de um salto e, num verdadeiro frenesi, puxou as roupas sem parar. Desesperava-se para retomar o aspecto de decência e compostura.

Ele acordara há quanto tempo? Sentira tudo o que ela fizera?

Envergonhada ao extremo, tratou de arrumar o vestido e os cabelos, sem olhá-lo. Não achava o que dizer. Ouviu Jack mover-se atrás dela. Deveria estar vestindo a camisa, abotoando...

— Bom dia! Dormiram bem? — Francis bateu as botas, ao entrar na cabana. — Brrr... está frio lá fora. Acho que devemos voltar o mais cedo possível. Como está, Kate, minha querida? Kate balbuciou qualquer coisa e saiu, com o rosto pegando fogo. Francis também estava ali? Já era terrível ter sido raptada pelo primo. Mas ter duas testemunhas e ainda por cima ter-se comportado daquela maneira com Jack! O que ele pensaria dela? E sabendo que Francis estava por perto!

Foi à procura de água para lavar-se. Não havia poço e nem riacho. O pequeno lago ao lado do casebre estava congelado. Tentou quebrar a superfície dura com uma pedra, mas não conseguiu. Esfregou alguns pingentes de gelo no rosto até eles derreterem. Secou-se com a anágua e rasgou uma tira de renda da mesma. Amarrou os cabelos, da melhor maneira que pôde. Voltou para a choupana, tremendo.

Jack e Francis já estavam apresentáveis, mas ela evitou encará-los.

— Bom dia, cavalheiros. — Ela fitou um ponto entre os dois. — Nada para comer? Estou faminta.

— A dama está com fome, meu caro. — Francis riu. — Que tal pararmos na hospedaria mais próxima e tomarmos um café da manhã decente? Suponho que encontraremos uma estalagem razoável na aldeia vizinha.

— Ótimo, então vamos! — Kate exclamou, encantada, ainda sem olhar para Jack.

— Nesse caso, madame, irei preparar nossa carruagem! —

Francis fez uma mesura de laço e saiu, repetindo várias vezes o gesto, como se estivesse em frente a um membro da realeza.

Kate riu com gosto e voltou-se. Jack estava encostado na parede.

— Será que precisa flertar com ele a esta hora da manhã? Kate desviou o olhar.

— Eu não estava flertando.

Jack resmungou. Kate deu-lhe as costas e foi até a porta. Ela estremeceu e abraçou-se, por causa do frio. Nisso, sentiu um sobretudo ser posto sobre seus ombros.

— Embrulhe-se nele. — Jack foi lacônico.

O agasalho estava quente e cheirava a Jack. Kate não se moveu. Ele ajeitou o capote para aquecê-la melhor e ela tentou tirá-lo.

— Não, não há necessidade...

— Não seja tola — ele resmungou e virou-a.

Kate olhou para cima, mas ele estava concentrado em abotoar o manto.

— Obrigada.

Ele fitou-a de través, resmungou um "não se preocupe" e foi ajudar Francis com os cavalos.

Jack mancava bastante e crispava a boca de dor. Ele havia piorado, para salvá-la. Ela queria correr atrás dele e fazer alguma coisa. Mas como? Já não fizera o suficiente? Era evidente a sua irritação com ela pelo acontecido. Pois até a interpelara sobre a brincadeira com Francis. Se bem que o sofrimento tirava qualquer um do sério.

Francis chegou com a carruagem, fazendo-se de cocheiro. Os dois cavalos que haviam montado vinham amarrados atrás. Kate entrou e esperou enquanto Jack e Francis discutiam sobre quem iria dirigir. Jack acabou cedendo, mas afirmou que se sentaria na boléia.

— Não seja ridículo, homem — Francis respondeu, exasperado. — A sua perna não lhe permite o esforço de subir até aqui e, de qualquer maneira, está sem sobretudo e morrerá congelado. Agora cale a boca e entre na carruagem. Senão Kate pensará que não quer a companhia dela.

Kate engoliu em seco. Brincando, Francis acertara.

Jack foi para dentro da carruagem e Kate continuou olhando pela janela.

A distância curta até a aldeia vizinha foi feita em silêncio. Pararam em frente a uma hospedaria pequena e limpa. O estalajadeiro avaliou-os. As roupas amassadas, os homens com a barba por fazer e os cabelos mal arrumados de Kate.

— Dois quartos, por favor — Francis pediu. — Um para mim e para meu amigo, outro para a... minha irmã.

O homem fitou-a com olhar entendido e deixou claro que não acreditava na história. Kate corou, por achar que ele a tomara por outro tipo de mulher, mas levantou o queixo em desafio.

— Minha esposa — Jack percebeu a troca de olhares —, quer água quente e uma criada para ajudá-la. A sua serva particular e nosso cocheiro ficaram machucados no acidente que sofremos ontem à noite. Temos pressa, homem. O desjejum em quarenta minutos está bem? Ah, e água quente para mim e meu amigo, com apetrechos para barbear.

O hospedeiro tratou de obedecer as ordens dadas em voz de comando e chamou a

esposa para ajudar a jovem senhora.

Kate seguiu a mulher até o segundo pavimento. Esposa? Irmã? Tanto fazia, era uma história feita para proteger uma reputação *inexistente*.

Durante o café da manhã, ela e Francis conversaram, mas Jack não disse uma só palavra.

Saíram logo, e durante a viagem ela e Jack nem se olharam. O impasse continuou até uma região próxima a Sevenoakes.

— O senhor não precisava ter dito àquele homem que eu era sua esposa — Kate finalmente falou. — Ser a irmã de Francis já seria suficiente.

— Isso é o que a senhorita acha.

Depois daquela manhã, será que ela preferia passar por irmã de Francis do que por sua esposa? Mulheres!

— O que o senhor quer dizer?

— Bem, depois da noite passada, a senhorita teria de casar-se com um de nós. Como dormiu em meus braços, calculei que devia ser comigo.

Idiota, idiota!, ele censurou-se. Não deveria ter dito aquilo! Kate empalideceu. Por isso é que ele estava tão furioso. Certamente pensava que ela o induziria a casar-se.

— Não vejo por quê. Afinal, nada aconteceu.

O olhar azul de Jack foi abrasador. Ele teve vontade de sacudi-la até fazer os dentes chocalharem. Então nada acontecera! Como era descarada!

— O fato é que a senhorita foi raptada por um homem e passou a noite em companhia de dois outros, nenhum dos quais seu parente. A senhorita não tem escolha. Se não pode suportar a idéia de casar-se comigo, então terá de ser com Francis. E ele é um partido melhor, sem dúvida.

— Não seja tão desagradável. Não tenho intenção de casar-me com ninguém! Eu já lhe disse isso, só que o senhor se recusa a acreditar em mim.

— Agora suas intenções são irrelevantes, minha querida. — Jack foi irônico. — A sua reputação está em frangalhos e a senhorita não tem escolha. Terá de casar-se com um de nós.

— O senhor não sabe de nada! Minha reputação não será abalada pelo que aconteceu ontem.

Ele bufou, zombeteiro.

— Não se pode destruir o que está acabado há meses! Acredite, sr. Carstairs, já faz tempo que meu bom nome foi literalmente destruído.

— Não seja ridícula. A senhora teve a companhia da criada de minha avó e depois veio a Martha. Pode ser um tanto fora dos padrões, mas a senhora esteve acompanhada o tempo inteiro!

— O estrago foi feito muito antes de eu conhecer a sua avó...

Kate sentiu o estômago embrulhado. Jack era a última pessoa para quem ela contaria a história e, no entanto, era obrigada a fazê-lo.

Não o deixaria sacrificar-se por sua causa. Ele precisava casar-se bem. Uma jovem sem sombras no passado. Inocente e rica. Kate não era nada disso e nada tinha a oferecer-lhe a não ser ela mesma e seu coração. Ofertas pequenas e patéticas.

Seria covardia dela aceitar um oferecimento ditado por puro cavalheirismo.

Kate estremeceu. Expor-se era uma sensação devastadora de vulnerabilidade.

— Eu explicarei, Ja... sr. Carstairs, mas tem de prometer que não dirá nada durante e principalmente depois. E... é muito difícil para mim ter de contar isso. Mas não tenho opção. Por favor, ouça, não diga nada e nem me olhe ou encoste em mim.

Jack encarou-a, surpreso. Kate parecia muito sincera e ele teve um pressentimento ruim.

— E se eu não prometer?

— Bem, terei de contar de qualquer maneira... mas será muito pior para mim.

— Prometo.

Kate deu um suspiro profundo e, resoluta, olhou para a janela, sem ver a paisagem. Enrolou-se melhor no grande capote e começou o relato dos últimos meses passados na Espanha e em Portugal, sem omitir um só detalhe. Não procurou desculpas, mas apenas deixou claro por que não esperava casar-se.

Jack não notou o sacudir da carruagem e nem a dor na perna. Ele só lamentava a promessa que fizera. Queria desesperadamente tomá-la nos braços e beijá-la, até afastar-lhe o pesar e o sofrimento. Mas não podia. Dera a sua palavra.

Quanta coragem fora necessária para ela desnudar sua vida e destruir-se perante os olhos dele! Mas isso era o que ela pensava. Será que ela não entendia como era valente, maravilhosa, correta, sincera e linda?

Kate terminou de falar quando a carruagem parou em Sevenoakes. E riu com amargura.

— Então não é necessário o senhor, ou Francis, ou seja lá quem for, sacrificar-se para salvar a minha reputação ou defender minha honra. Não se pode salvar o que foi destruído e nem proteger o que já se perdeu.

Jack tentou segurar-lhe a mão, mas ela esquivou-se. Francis, ignorando o drama que se desenrolara, saltou para o solo e gritou por conhaque e comida quente. Ele abriu a portinhola e ajudou Kate a descer. Ela saiu, às cegas, em direção à casa. Francis virou-se para o amigo.

— Vamos lá, meu camarada. Eu lhe darei a mão.

Jack subia devagar a escada da frente, quando um veículo passou pelo portão principal e parou. Era uma carruagem rápida de viagem. Jack reconheceu-a. Trazia o escudo de sua avó.

Um homem desconhecido desceu e foi em direção aos dois homens.

— Sr. Carstairs?

— Sim — Jack respondeu.

— Meu nome é Phillips. Tenho a honra de ser o responsável pelos negócios de lady Cahill. Trouxe notícias importantes para a srta. Farleigh. — Ele encarou os dois amigos. — Ela está aqui, não está?

— Está sim. — Jack franziu a testa. — Mas receio que ela não possa recebê-lo de imediato. Ela está... indisposta. Por favor, entre e vamos tomar alguma coisa.

CAPÍTULO XV

— Ela é uma herdeira, não é mesmo? — Jack perguntou. Ele e Francis já haviam trocado de roupa e um lanche fora servido ao sr. Phillips.

— É verdade, mas não posso adiantar nada, antes de fazer o relato à srta. Farleigh — o advogado idoso comentou. — Mas as notícias são maravilhosas.

— Segundo minha avó — Jack explicou para Francis —, os avós de Kate eram muito ricos. Devem ter-lhe deixado uma herança.

— Kate ficará contente. Ela bem que merece um pouco de sorte — Francis declarou.

— Espere um pouco... — Jack cismou. — Parece que o dinheiro foi para um primo dela.

— Que primo? — O sr. Phillips franziu a testa. — Investiguei muito bem o assunto e não encontrei nenhum parente vivo.

— Ah, é um tal de Cole.

— Cole! — Phillips riu com desdém. — Ele não é primo nada. Tenho a polícia atrás dele.

— O quê? — Os dois amigos se espantaram.

— Será o mesmo Jeremiah Cole? Um camarada grande e de cabelos ruivos? — Phillips observou ambos anuírem. — Ele é o procurador malandro que vinha se locupletando discretamente com os fundos do patrimônio dos Delacombe, desde que seu pai, o antigo curador, morreu.

— Bom Deus! — Francis exclamou.

— O senhor quer dizer que esse porco estava se apropriando do dinheiro de Kate? E que não é parente dela?

— É verdade — o advogado concordou. — Os senhores o conhecem?

Jack e Francis se entreolharam. Os motivos do rapto eram evidentes. Casando-se com Kate, Cole ficaria com a herança.

— Ele esteve aqui como primo da srta. Farleigh e tentou forçá-la a casar-se com ele — Jack contou e murmurou para Francis: — O senhor deveria ter deixado que eu o matasse.

— Meu amigo, a polícia o encontrará. Ele será preso ou enforcado.

— Se puserem as mãos nele.

— Não tenho a menor dúvida de que o pegarão — Phillips declarou, confiante.

— Ele apossou-se de muita coisa? — Francis perguntou.

— Não, não. Felizmente, o patrimônio é muito grande e a maior parte está vinculada, o que torna o roubo de Cole quase desprezível.

Ela era bastante rica, não precisava mais de ninguém e iria embora, Jack disse para si mesmo, angustiado.

— Como devem ter visto, vim na carruagem de lady Cahill. Assim poderei levar a srta. Farleigh para Londres o mais cedo possível. Acredito que milady tem grandes planos para ela.

— Não duvido — Jack falou baixo.

— Talvez a srta. Farleigh pense de modo diferente — Francis sugeriu. — Ela pode não querer ir embora daqui.

— Como? — O advogado espantou-se e deu uma olhadela nos móveis gastos. — Ela não vai querer morar em uma bela casa londrina, ir a bailes e concertos? Por que não?

— Por que não? — Jack repetiu. — Se o senhor me permite, preciso cuidar de minha perna.

Jack subiu a escada devagar e parou à porta de Kate por alguns minutos. Primeiro teria de ficar livre da dor física. Uma hora de massagem, meia garrafa de conhaque e estaria curado.

Doce ilusão. A massagem o lembraria da primeira vez em que ela encostara as mãos pequenas e fortes em sua perna... O conhaque... nem lhe dava mais prazer. Trazia recordações da noite em que ela entrara no santuário dele, como um anjo vingador, e jogara tudo no lixo.

Teria de deixá-la partir. Não havia futuro ao lado dele, pois ela se tomara uma mulher rica. Antes, ela poderia aceitá-lo em troca de um lar, mesmo que velho, um conforto relativo, segurança e proteção. Um propósito suficiente para quem perdera tudo. E a promessa de uma família era um atrativo para uma órfã.

Naquela altura, tudo isso perdera o significado. Kate teria o mundo a seus pés e em nenhuma hipótese ele faria um pedido. Ele abafaria o segredo de seu amor. Não a deixaria pensar que era um caça-dotes.

Amaldiçoou a fortuna dos Delacombe e o sr. Phillips. Se o advogado demorasse mais um dia, haveria tempo para convencer Kate e para um casamento rápido na igreja da aldeia na manhã seguinte.

Escutou atentamente junto à porta, mas nada escutou. Relutante, foi para seu quarto.

Havia flores azuis em uma mesa do corredor. Abaixou-se para sentir-lhes o aroma. Tinham o cheiro dos cabelos de Kate. Então deviam ser rosmaninhos. Ele puxou um dos galhos pequenos, esfregou entre os dedos e inalou a fragrância. Distraído, ele guardou o ramo no bolso da camisa.

— Carlos!

— *Si, senhor.*

— Faça alguma coisa com essa perna maldita.

— Imediatamente, *senhor.*

Carlos desceu para esquentar os óleos de massagem. Jack voltou pelo corredor, pegou o vaso, trouxe-o para seu quarto e deixou-o ao lado da cama.

— E muita bondade de lady Cahill. Agora que posso sustentar-me sozinha, não preciso ir para Londres.

— Mas lady Cahill insiste... — O advogado estava desanimado.

A herdeira tinha um temperamento muito difícil. Ele tentara todos os meios de persuasão. Pintara os mais belos retratos do que ela poderia usufruir. Lojas, teatros, concertos e bailes, maravilhas culturais, lugares e gente famosa. Nada surtira efeito.

Phillips fitou Jack, preocupado. O neto de lady Cahill observara a cena de braços cruzados e de mau humor, sem dizer nada.

O advogado estava desconcertado. Romântico inconfesso, ele se imaginara um cavaleiro que iria reconduzir uma princesa perdida de volta ao reino. Mas não contava com a resistência obstinada da herdeira. Nada fora capaz de demovê-la.

Phillips fez um relato sobre o montante do patrimônio e repetiu, por achar que ela não entendera.

— Está bem, eu já ouvi da primeira vez. Muito bom, obrigada. Apesar de ser apenas um procurador, ele sentiu-se insultado pelo descaso com uma fortuna imensa daquelas. Pensou em fazer mais uma tentativa, mas foi interrompido pela voz cortante do neto de sua cliente.

— Já estou farto desse absurdo! Kate, a senhorita vai para Londres e não se fala mais nisso! Carlos! — Jack foi em direção à porta.

— *Sí, major Jack?*

— Diga para Martha arrumar as coisas da srta. Kate e levar tudo para a carruagem em uma hora. Ela e o sr. Phillips acompanharão a srta. Kate até a casa de minha avó.

— Ela não fará isso! — Kate retrucou, brusca.

— Claro, a senhorita tem razão. Carlos, diga a Martha para empacotar somente o que for necessário para a viagem. Elas comprarão tudo novo em Londres. — Ele ignorou a indignação de Kate. — Ah... peça para as meninas fazerem um cesto com comida e bebida, para o caso de a srta. Kate sentir fome no caminho.

— Não faça isso, Carlos! — Kate indignou-se.

— Sinto muito, *senorita*, mas preciso obedecer ao major Jack. Jack riu, com amargura.

— Ainda bem que continuo sendo o senhor em minha casa.

— Ótimo, mas o senhor não manda em mim.

— Não estou mandando nada.

— Não entendi...

— Eu explico. Esta casa é minha e eu escolho quem deve ficar aqui. A senhorita sabe perfeitamente que desde o princípio eu não queria recebê-la. Agora, não há mais motivos para prolongar sua permanência. A senhorita vai para a casa de minha avó e sairá daqui hoje, nem que eu mesmo tenha de atirá-la na carruagem — ele ordenou, como se comandasse uma tropa. — Entendeu, srta. Farleigh?

Kate vacilou e virou-se, para esconder o desgosto.

Somente Jack percebeu-lhe o olhar de mágoa intensa.

Será que ela pensava que lady Cahill iria torturá-la? Aquela era uma oportunidade almejada por qualquer jovem. Talvez ela não entendesse a transformação que a esperava.

Até mesmo o escândalo do passado seria apagado em face da herança enorme. Ela poderia escolher entre os melhores pretendentes.

Somente os mais formalistas incomodar-se-iam com a virgindade perdida. Afinal, ela não fizera nada de errado. Kate Farleigh era honrada até a raiz dos cabelos. Mas ele teria de falar com a avó sobre os caçadores de fortunas.

O melhor era terminar logo com isso. Jack odiava despedidas longas, como também não apostava por quanto tempo agüentaria, sem tomá-la nos braços. Kate não precisava de um aleijado irascível. Diante dela esboçava-se um futuro brilhante, do qual ele não participaria.

— Então, estamos de acordo. Daqui a meia hora nos encontraremos no hall da frente, para as despedidas.

Depois daquelas palavras duras, Jack saiu da sala.

A carruagem pulava e balançava na estrada. Phillips havia reservado quartos em uma hospedaria para a volta e estava ansioso para chegar ao destino antes do anoitecer.

Kate segurava-se em um tirante e olhava para fora da janela, sem ver nada. Sentia-se arrasada e não conseguia segurar as lágrimas.

O sofrimento era mil vezes pior do que sentira quando Harry a abandonara. Harry fora um amor de adolescente. E ela amava Jack com a alma e o coração de uma mulher.

A culpa era sua. Permitira-se sonhar e ter esperanças. E, como era previsível, tudo desmoronara.

Ela só recebera desprezo do homem que amava.

Com toda a coragem, ela contara tudo, com a ilusão de que ele não se importaria. Não esperava que ele a pedisse de novo em casamento. Isso seria impossível. Mas contava com o entendimento dele em relação aos motivos pelos quais ela não queria ir para Londres. No íntimo, achava que ele a deixaria ficar.

No entanto, ele ouvira a história e no dia seguinte ordenara a partida da jovem desonrada. Despedira-se dela como um estranho, embora o murmúrio do adeus fosse comovido.

Francis, pelo menos, beijara-lhe levemente a mão. Ainda a considerava uma dama. Certamente Jack não lhe contara nada.

Era quase impossível conformar-se com a mudança de Jack. Menos de vinte e

quatro horas antes ela despertara em seus braços e sentira seu carinho. Kate entregou-se à memória das carícias, do sabor da pele, do corpo quente sob o seu e da glória do beijo roubado.

E então ele acordara, fixara nela os olhos azuis tão expressivos e dissera "Bom dia, doçura". Aquele fora um dos momentos mais belos de sua vida.

Naquele momento Kate acreditara no milagre de amar e ser amada. Pensara que sua alma solitária e sofrida havia encontrado um porto seguro. Chegou a supor que acordaria todas as manhãs com um "bom dia, doçura."

Desejar a realização desse sonho só lhe traria sofrimento. Não deveria ter esquecido disso.

O que o teria levado a rejeitá-la? O que ela fizera na cabana? Ou pensaria nos boatos de Lisboa como verdades? Que ironia. Nunca se sentira devassa, a não ser com Jack Carstairs. Mas como é que ele iria saber disso?

A rejeição dele queimava como ácido na pele...

Teria sido mais fácil se ela não tivesse conhecido o calor de seus braços? Talvez. Mas seus sonhos teriam substância para sustentar-se pelos longos períodos cinzentos que a aguardavam.

O passado fora um oceano de sofrimentos. E o futuro? Teria de suportar um dia após o outro. Primeiro, teria de resistir aos rigores da temporada.

Decidiu não fazer disso uma prova de resistência. Enquanto pudesse, tiraria algum prazer do que tivesse à mão. As oportunidades e as experiências. Mais cedo ou mais tarde o segredo viria à tona e ela teria de deixar a cidade, desonrada mais uma vez. Mas isso não a machucaria, se estivesse prevenida.

Não faria amizades muito estreitas. Levantaria um muro de gelo a seu redor. Aceitaria tudo como um divertimento temporário. Assim, quando chegasse a hora de partir, ela o faria sem nostalgia e sem sofrimento.

Nunca mais conseguiriam ferir seu coração.

Kate rezou para sua armadura ser reforçada e estar no lugar certo. Quando chegasse o momento, ela sumiria sem deixar rastros e começaria vida nova em outro lugar. Pelo menos, com uma renda substancial à sua disposição, não passaria fome.

Não de alimento, na verdade.

Começou a perceber a paisagem e as mãos frias. Tirou um par de luvas da pequena sacola de viagem. Eram grandes, de couro e forradas de pele. Masculinas. Eram de Jack e ela esquecera de devolvê-las.

Vestiu-as. Encostou uma das mãos enluvadas no rosto, a outra no peito e cerrou as pálpebras.

Adormeceu, aconchegada nas luvas de Jack Carstairs.

— Quietos demais, não acha? — Francis murmurou.

Desde a partida de Kate há quase uma semana, Jack passava o tempo tentando ultrapassar os próprios limites. Galopava furiosamente pelos campos, como se demônios invisíveis o perseguissem. E embebedava-se todas as noites.

Francis o acompanhava, por entender que o amigo precisava extravasar o excesso de energia até ficar extenuado. Para apagar da memória um pequeno rosto acabrunhado e tentar amenizar um pouco a culpa por tê-la mandado embora.

— Preciso dizer-lhe uma coisa, meu caro. Não sei se vai gostar, mas direi assim mesmo. — Francis esvaziou o copo.

— O senhor está bêbado — Jack disse.

— Pode ser. Este meu amigo também. Mas vou falar.

— Pelo amor de Deus, diga logo!

— Muito bem. Acho que o senhor errou. Não deveria tê-la forçado a ir embora.

Jack esvaziou o copo e bateu-o na mesa.

— Oh, não! O senhor também? A casa inteira me olha como se eu a tivesse atirado

ao rio, com uma pedra amarrada no pescoço! Maldição! Foi para o bem dela! Todos pensam que eu a mandei para o cadafalso!

— Bem, talvez seja verdade, meu caro.

— Mas o que diabos o senhor quer dizer com isso? Francis levantou-se e pôs mais uma dose de conhaque nos dois copos.

— Acho que estou planejando deixar-nos bêbados até cair. Tenho de fazer-lhe uma confidencia, meu velho. Coisa delicada e tem a ver com Kate.

— Se é sobre o que lhe aconteceu na Península, eu já sei.

— Ela lhe disse na carruagem, não foi? Pensei nisso quando os vi descer.

— Que observador.

— Ela é mesmo valente. Ter coragem de trazer aquele assunto à baila novamente. E deve pensar que foi desprezada.

— Desprezada? — Quem ousaria desdenhar Kate? — O que o senhor quer dizer com isso?

— Estou tentando explicar o que ela deve estar pensando. Tudo transcorreu como se o meu amigo mal pudesse esperar para ver-se livre dela. Assim que soube que ela fora... maculada por um francês, tratou de mandá-la embora. O que mais ela poderia pensar?

Jack empalideceu.

— Não pode ser... Ela não poderia...

— E que outra coisa ela concluiria? Foi expulsa e ainda teve de escutar que o senhor não a queria aqui.

— Mas não foi por isso...

— Eu sei, mas ela sabe?

Jack gemeu e passou a mão por entre os cabelos, desesperado.

— Havia a expectativa de ser rejeitada. Já acontecera antes com o noivo. O que não fora de todo ruim. O camarada não servia mesmo para ela. Ele a conhecera desde criança, o que não o impedira de abandoná-la depois do escândalo. E muita gente achara que ele fizera a coisa certa.

— Eu não sabia... eu não pensei...

— E tudo se repetiu.

— Meu Deus...

— O que falavam dela faria arrepiar seus cabelos. Cadelas nobres acusavam-na das piores coisas, mas sempre com um sorriso nos lábios. Chamaram-na de traidora por que tratara de soldados franceses. Diziam que ela os acompanhara voluntariamente. Às suas costas, chamavam-na de prostituta, mas poucos diziam isso cara a cara. Eu lhe digo, Jack. Esse episódio quase fez com que eu me desiludisse com as mulheres. Sexo frágil. Ah!

O rosto belo e hipócrita de Júlia Davenport apareceu na mente de Jack.

— Sei o que quer dizer com isso — ele murmurou. Os dois beberam o conhaque, fitando as chamas.

— E a mesma coisa pode acontecer em Londres. Algumas daquelas fofoqueiras de Lisboa fatalmente estarão na capital agora. Mesmo se não estiverem, cartas podem ser escritas. E por alguém que conheça a história. Mais cedo ou mais tarde. Eu diria que é só uma questão de tempo.

Jack estava apavorado demais para falar.

Oh, Deus, não era para admirar que ela parecesse uma condenada! Em Londres, ela teria um machado suspenso sobre a cabeça o tempo inteiro. E seria uma questão de tempo para que despencasse.

Jack gemeu e fechou a mão. O copo estilhaçou-se entre seus dedos. Francis levantou-se, ao ver o sangue pingar. Jack balançou a mão, impaciente.

— Irei para Londres. Não posso deixá-la pensar uma coisa dessas. Ah, deixe para

lá, Francis! O que é um arranhão? Sairei de manhã. O senhor virá comigo?
— Sem dúvida, sem dúvida.

CAPÍTULO XVI

— Sua jovem pupila está se saindo muito bem, Maudie.

— Obrigada, Gussie — lady Cahill respondeu. — Eu a quero como se fosse minha filha e ela tem-me dado alegrias.

Lady Cahill tomava chá com algumas amigas. No carrinho havia vários tipos de bolinhos deliciosos e canapês enfeitados com arte. O bule deixava escapar vapor pelo bico e cada uma delas saboreava a bebida em xícaras de porcelana muito fina. A garrafa de xerez estava pela metade.

— É uma jovem muito charmosa — disse uma que usava um turbante com penas e comia o quarto bolinho de siri com aspargos.

Lady Cahill sorriu, exultante. Kate adaptara-se à nova vida sem um deslize sequer e com uma espontaneidade que encantaria qualquer madrinha. Sem a afetação intelectual esperada da filha de um religioso.

Encantava-se mais em visitar o Bazar Pantheon ou o Anfiteatro Astley do que o Museu Britânico. Ela não conhecia os pensadores, escritores ou filósofos famosos. Sua conversa não incluía frases difíceis de livros eruditos. Também não assustava os cavalheiros com ladainhas poéticas.

Tinha-se a impressão de que Kate só era versada em cavalos e na Guerra Peninsular. E como a maioria dos cavalheiros era militar e adorava cavalos, sempre havia lugar para conversas agradáveis.

Lady Cahill aqueceu-se com os louvores à jovem que amparava.

— Ela é sensível, bem-educada e muito comportada, Maudie. A pobre Maria teria adorado ver como a filha tornou-se encantadora.

As outras concordaram.

O sucesso de Kate era previsível, lady Cahill refletiu.

Kate era sociável e uma ouvinte atenta. Os anos que passara administrando o casa do pai conferiam-lhe um ar indefinível de segurança, que muitos tomavam como sinal de boas maneiras.

Kate convivera com homens de diferentes campos de ação durante a maior parte da vida. Assim ela não se mostrava tímida, melindrada ou dengosa com os cavalheiros londrinos a quem era apresentada. Demonstrava alegria ao escutar as declarações monótonas dos generais idosos, as confidências gaguejadas de um jovem em sua primeira temporada e os cumprimentos de algum farrista.

Amélia, neta de lady Cahill, incentivara Kate a participar de um grupo animado de jovens matronas refinadas. Elas notaram nela a aparência elegante e moderna, o senso de humor, a vivacidade de espírito e inteligência, a completa falta de interesse nos maridos alheios. E também a elegeram como uma jovem doce e encantadora.

— Popular *demais* com as esposas dos soldados — uma velha senhora afirmou, irritada, segurando a xícara de chá.

— Não precisa ser sarcástica, Ginny Holton. A senhora sabe o porquê — lady Courtney atalhou. — E também o que a doce criança fez pelo meu Gilbert.

As outras entreolharam-se, concordando.

Gilbert, neto de lady Courtney, mal saía de casa até a srta. Farleigh intimá-lo a acompanhá-la em um evento social, sem importar-se com o braço que o soldado perdera e nem com o tapa-olho sinistro.

— Ela assegurou que ele parecia um pirata belo e destemido e que isso a protegeria de atenções indesejáveis. — Lady Courtney enxugou os olhos.

— E ainda preveniu-o para não culpá-la, se fossem cercados pelas jovens, pois a aparência dele era muito romântica. Disse que, embora *ela* admitisse ser ele um

camarada irritadiço, as outras mulheres não eram tão discriminativas como ela... E ele riu... e consentiu em acompanhá-la. Desde então, ele melhorou.

— A senhora deveria envergonhar-se, Ginny — uma outra senhora idosa interveio. — Não me surpreende a srta. Kate ser popular com os militares. A senhora está com ciúme por que a sua Chloé torce o nariz para todos eles! Mas não é motivo para atacar os outros.

Era verdade. A atenção desinibida que Kate prestava aos feridos conquistara o respeito dos militares mais afortunados. Ao redor dela formara-se uma corte de cavalheiros protetores liderados pelo sr. Lennox, por sir Toby e outros. Eles a serviam nas festas, levavam-na à ópera, ao Hyde Park nos horários apropriados e afastavam muitos dos pretendentes mais afoitos.

Ela era cortejada por muitos interesseiros, mas também por homens de recursos e posses.

Lady Cahill recostou-se na cadeira. A sua satisfação só seria completa quando ele resolvesse vir para Londres. E teria de ser logo, antes de que Kate fosse agarrada por algum frívolo elegante que não a merecesse.

— O que acha deste, senhorita?

A criada encostou um arranjo elegante de flores artificiais nos cabelos de Kate e esperou a resposta de sua nova patroa.

Espantada, Kate nem se reconhecia. Os cabelos haviam sido cortados de acordo com a estilo em voga. Cachos leves emolduravam-lhe o rosto, deixando-a com uma aparência moderna. Pela primeira vez na vida sentia-se elegante e, por que não dizer, quase bonita.

Um pensamento nada modesto para a filha do reverendo Farleigh. O vestido verde que usava valorizava a cor de seus olhos e disfarçava o tom de pele dourado que adquirira pela exposição excessiva ao ar livre.

Lady Cahill e Amélia haviam submetido Kate a um rigoroso tratamento para clarear a cútis, como mandava o figurino. Morangos amassados, para refinar e clarear. Aplicação de manteiga, para suavizar. Fatias de vitela crua durante horas, para nutrir e tonificar. Duas aplicações diárias de água destilada de ananás, para tirar rugas, embelezar e dar transparência. Compressas de ovo e limão, para diminuir o bronzeado horrível e também nutrir. Máscaras de farinha de aveia, para iluminar e refinar.

Kate ria e dizia sentir-se como o ingrediente principal de um ensopado exótico e admitiu que seu aspecto melhorava sob a orientação delas, embora achasse que se tratava de um grande desperdício de alimentos.

As compras representaram uma orgia pecaminosa, aos olhos de Kate. Eram porém "necessidades primárias" na opinião de suas mentoras. Kate tentara permanecer sensível e prática, mas não pôde deixar de entregar-se à excitação de comprar as roupas maravilhosas escolhidas por lady Cahill e Amélia. Afinal, ela era uma jovem que tivera poucas oportunidades de usufruir dos encantos das frivolidades femininas.

Ao final do primeiro dia, Kate estava tonta. Nas lojas de tecidos, as conselheiras decidiram-se, após muita análise e discussão, pelas sedas mais delicadas em cores modernas. Depois seguiu-se uma visita a madame Fanchôt, a modista de Amélia.

A francesa demonstrou muito bom gosto na escolha dos modelos adequados à nova situação financeira de *mademoiselle* e enlevou-se quando Kate conversou com ela em francês fluente.

Foram horas de confabulação entre a costureira, lady Cahill e Amélia para resolver o que seria mais conveniente ao tipo físico da herdeira. A única contribuição de Kate foi sugerir, em determinado momento, que os decotes eram muito baixos. O comentário foi ignorado pelas três senhoras, que nem se dignaram a responder.

Por isso, naquele momento diante do espelho, Kate surpreendeu-se ao ver sua imagem expondo o busto como ela jamais ousara fazer. Sorriu, desculpando-se, ao ver

que a moça ainda segurava o ramo de flores.

— Não sei, Dora. Acho que não vai segurar.

A criada empertigou-se e afirmou que o fato seria impossível.

— Desde que cortei os cabelos, sinto minha cabeça estranha e leve, como se estivesse faltando alguma coisa. Sei que irá prender muito bem o arranjo, mas peço-lhe que entenda como me sinto.

Dora entendeu e assegurou que a senhorita estava elegante e maravilhosa, e que, no baile daquela noite, faria sucesso novamente.

Kate enrugou o nariz.

Claro, o "sucesso" era importante. Evitava que pensasse em outras coisas, como por exemplo o que acontecia em Sevenoakes. E em Jack. Era o único benefício daquela vida social frenética.

Jack estava encostado em uma coluna. De braços cruzados, carrancudo e com olhar feroz. Ele se arrependia de ter concordado com a idéia de Francis, de comparecer ao baile na noite da chegada deles a Londres. A primeira coisa que lhe prendeu o fôlego foi ver a transformação de Kate.

Ela dançava, com a cabeça inclinada para trás, e ria para um camarada que Jack havia conhecido no colégio, rico, dono de título e pretendente aceitável.

— Maldição! O que se passa na cabeça dela? Dançando com esse idiota do Fenchurch e metida naquela roupa!

Jack não tirava os olhos das curvas reveladas pelo decote generoso do vestido de Kate.

— Fenchurch é ótima pessoa — Francis comentou, com ar inocente. — Kate faz bem em aceitar-lhe os galanteios.

— É um camarada muito vulgar!

— É mesmo? Isso é novidade para mim. Sempre pensei que fossem amigos, meu caro. *Vulgar?* Estou surpreso. Mesmo assim devemos admitir que ele é bem-apessoado e é dono de um título respeitável. Isso conta para a popularidade com as mulheres.

Ah! Jack não via nada de especial naquele visconde de feições regulares, cabelos loiros encaracolados, alto e musculoso. Aficcionado dos esportes.

Droga, o que será que ele dizia que deixava Kate tão corada? Jack escondeu os punhos fechados nos bolsos.

— Endireite-se, menino, e desencoste-se da parede! Quantas vezes devo dizer-lhe para tirar as mãos dos bolsos? Nem sei como se pode ter bolsos nesses trajes tão apertados.

Jack suspirou.

— Boa noite, vovó.

Ele fez uma reverência e ela avaliou-o. Havia melhorado bastante, desde a última vez em que o vira.

— Já viu a minha protegida? — lady Cahill perguntou, sorridente.

— Hum.

— Encantadora, não é mesmo? Orgulho-me dela. Gostaria que a mãe pudesse vê-la. — Ela espiou os dançarinos.

— Com quem ela está dançando, Jack?

— Fenchurch.

— Ah... Um camarada fino, alto e atraente, não é mesmo? — comentou, maliciosa. — Mas isso não quer dizer nada. Todos os admiradores dela são assim. Ela é muito popular. Logo que chegou, os cavalheiros correram para escrever o nome no seu cartão de dança. Nem sei se sobrou uma vaga para meu neto. Mas não custa perguntar.

Ele bufou e lady Cahill disfarçou um sorriso.

— Ah, menino, a dança terminou. Veja como eles se apressam para encontrar uma cadeira e alguma bebida para Kate! Ela passa o tempo todo rodeada de pretendentes. A

filha de Maria está se saindo muito bem. Bem, sei que não está interessado nas tagarelices de uma velha. Diga-me, o que trouxe meu neto favorito a Londres?

Jack murmurou alguma coisa inaudível, praguejou e saiu mancando.

Kate fazia sucesso e ele estava furioso. Viera a Londres aflito para resgatar a pobre enjeitada da humilhação e do ostracismo social. E a encontrara na maior animação, com um grande número de candidatos a seus pés e divertindo-se com todos eles! Comprometida para todas as músicas! Ele tornou a bufar. Não tinha intenção de juntar-se ao grupo de admiradores e implorar por um momento de atenção! Escondeu-se atrás de outro pilar, de onde observou-a, ainda mais carrancudo.

Kate viu-o chegar e perdeu o fôlego. Ele parecia exausto e os ombros largos do casaco preto brilhavam sob a luz das centenas de velas que iluminavam o salão. Ele viera na chuva. Os cabelos estavam úmidos e colados na testa. Ela desejou atravessar o salão e jogar-se em seus braços. Ou que ele viesse e a abraçasse. Queria beijá-lo.

Ela continuou a dançar o cotilhão. Era uma maneira de controlar seus sentimentos. Queimava de ansiedade. Por que ele viera? Será que já a vira? Gostaria da mudança? Pediria para dançar com ela?

Ah, como ela sentira sua falta!

Tentou não olhar para ele, por temer as próprias reações. Respondeu às investidas do visconde Fenchurch rindo ou sorrindo automaticamente. Não escutava o que ele dizia. A música estava para terminar e Jack viria falar com ela. Aproveitou os movimentos da dança para fitá-lo de soslaio.

Ele a encarava, mordaz, condenando. Era como se a desprezasse. Kate vacilou e parou de sorrir. Seu par segurou-a, preocupado. Recuperou-se e continuou dançando.

A música parecia interminável e Kate costurou um sorriso nos lábios. Ela prometera não se incomodar mais com as condenações de Jack. Mas a alegria de vê-lo de maneira inesperada permitiu que a repugnância dele atravessasse como uma faca quente a muralha de gelo que ela erguera e fosse direto para o coração. De novo.

A banda terminou de tocar e começou nova música. Kate não teve tempo de procurar um canto escondido e foi arrastada mais uma vez para o meio do salão. O orgulho a fez prosseguir e seu parceiro nem notou que ela estava pouco atenta, ofuscado pelo sorriso que ela lhe endereçava.

A segunda música terminou e Kate já estava irritada. Jack continuava encostado na parede e fitava-a com fúria e desaprovação.

Que ousadia! Segui-la até ali para condená-la. A culpa era dele. Não viera por vontade própria. Como também devia à avó dele sua entrada oficial na sociedade, fingindo ser quem não era. Como ele a mandara para a avó, era ainda mais culpado. E ainda se achava no direito de reprová-la.

A raiva de Kate permitiu-lhe brilhar na música seguinte e defender-se dos cumprimentos insinuantes com denodo e inteligência. Sorridente, recusou um pedido de casamento. Adicionou uma dezena de novos membros a seu círculo de adoradores. Tudo em meio à maior raiva e sob o olhar severo do sr. Jack Carstairs.

Durante uma hora ou mais, Jack esforçou-se para observar as mulheres bonitas. Ela pensava que ele não tinha admiradoras? Vejam só. Ela correspondia às galanterias da maior coleção de devassos e imbecis que eleja vira! E todos se diziam seus amigos!

Finalmente Jack não suportou mais e foi embora.

Kate viu-o desaparecer no meio da noite. Ele nem mesmo a olhara na última meia hora. A dor de cabeça repentina fez com que ela procurasse lady Cahill e pedisse para ir embora.

— O sr. Carstairs veio de novo esta manhã, lady Cahill — o mordomo anunciou.

— Suponho, Fitcher, pelo seu tom de voz, que ela "não estava". Fitcher assentiu com uma curvatura digna de cabeça.

— Que criança tola! Terei de falar com ela sobre isso. Peça-lhe para descer um

pouco, sim?

— Agora, senhorita, eu gostaria de saber por que meu neto tem sido assíduo em vir aqui na última semana e nunca acha ninguém em casa! E não estou falando de mim!

Kate corou.

— Tenho estado tão ocupada... Bem, se a senhora quer mesmo saber, não quero falar com ele.

Lady Cahill ergueu uma sobrancelha bem depilada.

— E por que, senhora, eu deveria submeter-me à sua tirania?

— Tirania?

— Isso mesmo, madame. É impossível agüentar a fúria de seus olhares dardejantes e o ranger de seus dentes em todos os lugares onde eu me encontre, seja no Almack's, em um concerto ou um baile. Ele faz a mim e a ele pessoas ridículas. Gostaria que Jack voltasse a Leicestershire e me deixasse em paz. Já ouvi tudo o que ele tem para me dizer. Não preciso escutar mais nada.

— Acha mesmo?

— Sim, madame. Ele me despreza.

— Pelo que entendi, a senhorita mal falou com meu neto, desde que saiu de Sevenoakes.

— Não havia necessidade. — Kate corou de novo. — Ele foi bem claro sobre o que pensa a meu respeito. E seu comportamento desde então só reforçou essa opinião.

Tinha certeza de que ele viera a Londres para impedir que ela, uma doidivanas imoral, desonrasse lady Cahill, Kate refletiu, enrolando a franja do xale. Pela maneira como a olhava, toda vez que ela sorria para um homem, era óbvio que não lhe depositava a mínima confiança.

— Será que aí não está havendo um mal-entendido? Os jovens às vezes dizem coisas sem pensar, principalmente quando estão amando.

— Amando? Aí é que a senhora se engana! — Kate rasgou uma parte da franja e começou a andar de um lado para o outro.

Lady Cahill levantou-se do sofá com dificuldade.

— Minha criança querida e tola... Quando tiver a minha idade, aprenderá que os homens, principalmente os do feitio de meu neto, não vivem seguindo uma dama e olhando-a a distância, a não ser que o lado emocional esteja muito envolvido. E há somente um tipo de sentimento que propicia esse tipo de atitude.

Ela fez um gesto com a mão, para impedir Kate de responder.

— Já chega. O assunto está se tornando tedioso e fatigante.

Peço-lhe que reflita sobre o que eu disse. Tenho de repousar algumas horas, antes do baile de hoje à noite.

Lady Cahill parou na porta.

— Meu neto estará presente nessa festa. Wellington é o convidado de honra. É o seu último comparecimento público, antes da volta à Península.

CAPÍTULO XVII

— Bom Deus, como é que essa mulher conseguiu insinuar-se entre pessoas decentes? Será que nosso anfitriões não sabem que ela é uma prostituta traidora?

A voz aguda foi ouvida por muitos participantes do baile lotado, que voltaram as cabeças.

— De quem estou falando? Da jovem Farleigh, é claro. Olhem para ela. Dançando, a sem-vergonha, como se o mundo não lhe importasse, e ainda em um baile em honra do marquês de Wel-lington, nosso bravo e galante defensor. Mulher descarada!

A mulher abaixou um pouco o tom de voz e continuou a falar com a multidão ávida por mexericos.

— Essa leviana traiu nossos valentes soldados para os franceses e morou com um francês como sua amante! Sei disso, porque meu marido foi um dos oficiais que a capturaram. O pai dela certamente virou-se no túmulo. Ele era um homem honrado. Sabe, eu sempre imaginei por que ele nunca a olhava. Ele devia pressentir...

A multidão juntou-se mais.

Kate percebeu alguma coisa errada. Muitos a encaravam. Miradas rápidas de esgelha. Comentários e sussurros seguidos de olhares significativos.

— Srta. Farleigh, nossa música. — Um jovem elegante e fútil curvou-se sobre a mão de Kate e conduziu-a para o meio do salão.

— A senhorita escutou? Que excitante! Parece que uma prostituta está se fazendo passar por uma dama. Ela foi espiã do velho Boney e amante de seus oficiais. E ela está aqui esta noite! — Ele relanceou um olhar especulativo ao redor do recinto.

Kate desviou o rosto, enjoada.

Por favor, meu Deus, deixe-me terminar esta dança, ela rezou. Depois poderei sair sem que ninguém perceba.

Mas não foi bem assim. Enquanto eles se moviam segundo os passos majestosos do cotilhão, Kate percebeu que seu par sussurrava a novidade para os outros do grupo. Em um determinado momento ele vacilou, parou e encarou-a, horrorizado. Virou-se para seu interlocutor, sussurrou alguma coisa e parou de dançar.

Ele não a olhou mais e soltou-lhe a mão, com um gesto de desdém. A dança continuava. Kate sentiu-se encurralada. Ninguém a olhava, tocava ou falava com ela.

Kate sentiu o gosto amargo da bÍlis na boca. Ela antecipara o acontecimento. Por isso não pretendia freqüentar as rodas sociais. Devia ter seguido seu próprio caminho. Assim não passaria por essa experiência dolorosa. De novo.

— Ceddy, por favor, leve-me até minha mãe. Ela não vai querer que eu fique na companhia de uma traidora! — Uma jovem abandonou o grupo, de nariz empinado.

Dali a segundos, a progressão ordenada da dança desmoronou. As damas do grupo de Kate saíram da pista, escoltadas por seus parceiros.

Kate fez um apelo mudo ao seu par. Se ele apenas a levasse para um lado, ela poderia sair com um pouco de dignidade.

— Meu irmão foi ferido em Salamanca! — ele falou, rÍspido, e afastou-se.

Kate permaneceu no meio da pista, congelada. Sabia que tinha de mover-se, sair da vista de todos, para fora dos murmúrios e dos dedos apontados. Do ódio. Do nojo. Da especulação ávida. Mas não podia andar.

As pessoas à sua volta pararam de dançar e aumentou o murmúrio dos boatos e conjeturas. A música diminuiu aos poucos, depois que os últimos pares deixaram a pista. Todas as atenções voltaram-se para Kate.

A multidão agrupou-se em uma barreira densa de aristocratas entediados que a fitavam ansiosos por sensações que aliviassem suas vidas seguras, mimadas e idiotas.

Os leões e a cristã.

O pensamento deu a Kate força para sair do lugar. Procurou lady Cahill, mas não viu sinal dela. Ela andou devagar em direção às pessoas que a observavam, maliciosas, desdenhosas e aflitas por detalhes.

Kate não tinha nada do que envergonhar-se. Não precisava dar satisfação a ninguém. Endireitou as costas. Relutantes, os nobres se afastaram à sua passagem. Mulheres que há pouco proclamavam amizade viraram o rosto. Ninguém queria encará-la, todos queriam queimá-la na fogueira.

— Um pouco melhor do que as prostitutas que seguem os soldados em campanha!

— Que desavergonhada! Tentar passar-se por uma dama, abusando das companhias decentes!

— Meretriz traidora!

Kate começou a tremer. Tinha de continuar ereta para enfrentar os sussurros de quem a desprezava. Orou para ninguém perceber-lhe os tremores.

Meu Deus, como o recinto era largo! Mais alguns passos...

Um braço poderoso arrancou-a do meio da turba e arrastou-a para o meio do salão.

— O que...

— Acho que esqueceu de mim, srta. Farleigh — Jack avisou e seu tom de voz calmo chegou até os espectadores surpresos.

Kate ficou muda.

— Minha vez de dançar. A senhorita não se lembra? — Ele sorriu e a força com que lhe apertava o braço desmentia o seu tom de voz casual.

Jack não dançava desde que se ferira. Por que a procurava no momento em que o mundo a repudiava? Ela só queria escapar dali. Tentou desvencilhar-se, mas ele a segurava com muita força.

Jack voltou por entre ia aristocracia então silenciosa, levando-a a reboque. À medida que passavam, ele cumprimentava os presentes com alegria, como se não estivessem em meio ao maior escândalo.

Os passos irregulares de Jack ecoaram no recinto, quando eles alcançaram a pista de dança deserta. Ele soltou-lhe o braço e segurou-a pela mão. Inclinou-se e beijou-a levemente. Com ar travesso, brindou-a com um sorriso terno. Kate fitava-o, deslumbrada.

— Coragem, amor— ele sussurrou, antes de endireitar-se. — Vamos mostrar-lhes que um aleijado velho e uma galante heroína de guerra não se deixam derrotar por um boato insignificante.

Ele acenou para a banda e Kate viu sir Toby parado ao lado da mesma, muito sério. Ele sorriu e também fez um aceno. Virou-se para a banda e a música recomeçou.

Os olhos de Kate enevoaram-se ao fitar o rosto atraente voltado para ela. Estava preparada para suportar desprezo, zombaria, asco e insultos. Mas a bondade de Jack solapou sua energia.

Jack iniciou os passos complicados, como lhe permitiu a perna dura. Kate executou a sua parte com graça e, sempre que possível, ajustava-se à maneira claudicante de ele dançar.

Jack não tirava os olhos da figura graciosa de Kate. Ela estava de cabeça erguida, sem enxergar nada. A audiência não viu as lágrimas que escorriam pelo rosto e se perdiam no vestido. Jack queria tomá-la nos braços. Desejou que a sociedade inglesa e puritana pudesse ser mais flexível. O suficiente para adotar a "chocante" valsa vienense, tão em moda em toda a Europa. Seria delicioso segurá-la nos braços para uma valsa.

O silêncio dos presentes era total. Podia ouvir-se o som dos passos pesados de Jack e o leve arrastar dos sapatos de cetim de Kate. Dali a instantes, os murmúrios recomeçaram.

A música terminou e, sob a supervisão de Toby, começou a segunda. Quando

essa estava por terminar, Jack curvou-se sobre a mão de Kate.

— Carstairs, para o senhor já foi o suficiente. Minha vez agora, srta. Farleigh. Vamos?

O salão inteiro ouviu-o. Sem esperar a resposta de Kate, Francis levou-a para uma contradança.

Ainda não havia ninguém na pista.

— Srta. Farleigh, a senhora me concede a honra da próxima música?

Um homem jovem curvou-se sobre os dedos nervosos de Kate. Ele vestia um traje impecável de noite, com uma das mangas presa para trás com um alfinete. Kate fitou-o, muda.

— A senhorita talvez não se lembre de mim, mas conhece-mo-nos em Badajoz. Arnold Bentham, às suas ordens. Sou primo de Francis.

Kate fitou o braço vazio e o jovem sorriu.

— Não, srta. Farleigh. Este eu perdi em Salamanca. A senhorita salvou-me o outro em Badajoz e ele está à sua disposição. Vamos?

Arnold Bentham, com seu único braço, dançou com Kate o número musical seguinte.

Mais dois pares juntaram-se a eles. Francis, André Lennox e suas parceiras. De Jack, nem sinal.

— Srta. Farleigh, posso apresentar meu filho a uma bela parceira? Ele... ele está um pouco sem prática, mas tenho certeza de que a senhorita não se incomodará por isso.

Kate virou-se e estacou. O seu par em perspectiva sorria sem direção certa e estava com a mão no braço de uma senhora de meia-idade.

Meu Deus, aquilo era demais. Tanta bondade inesperada. Tanto apoio. E então isso...

Era Oliver Greenwood, um jovem tenente aterrorizado que ela conhecera em Torres Vedras, com o sangue esguichando do rosto. Ela o visitara várias vezes desde que chegara a Londres, mas nunca esperara encontrá-lo no baile. Oliver era cego.

— Srta. Farleigh, eu ficaria muito honrado se a senhora pudesse dançar comigo — Oliver declarou, curvando-se na direção dela.

A sra. Greenwood, muito emocionada e com lágrimas nos olhos, anuiu para Kate, que fez uma cortesia.

— A honra é toda minha. — Kate foi contagiada pela emoção e tomou o lugar da mãe.

Imediatamente eles foram rodeados por outros pares que formaram o grupo. Francis, Toby, Lennox e outros desconhecidos para Kate, alguns cujos rostos lhe eram vagamente familiares e amigos de Oliver. Kate não conhecia as parceiras deles, mas elas sorriam com encorajamento e cumprimentavam com gestos de cabeça.

Oliver e Kate, que também nada enxergava por causa das lágrimas, foram guiados na direção certa por seus amigos e conseguiram dançar.

Quando a banda parou de tocar, todos os pares do grupo estavam emocionados.

— Srta. Farleigh, posso conduzi-la até seu protetor? — Oliver indagou.

— Ainda não, meu Greenwood — uma voz cordial veio de trás deles. — Quero falar com esta jovem.

— Sir! — Os jovens oficiais, inclusive Oliver, se perfilaram. Kate virou-se. Jack e um homem vestido com um sobretudo azul-marinho aproximaram-se. O homem era magro, não muito alto e piscou os olhos azuis de cima de um dos narizes mais famosos da Europa.

— Milorde! — Ela engasgou e fez uma vênia.

— Então esta é a pequena Kate Farleigh, aquela que enfaixava meus oficiais? — o marquês de Wellington perguntou.

Ele sorriu de novo e beijou a mão de Kate. Gritos sufocados correram o recinto.

— Conheci seu pai, minha querida. Um homem admirável! Sinto por sua morte. Seus irmãos eram corajosos. Muito corajosos. Sei que eles se orgulhariam da senhorita. O marquês tomou-lhe a mão e passou-a pelo braço dele.

— Vamos dar uma volta pelo salão?

Sem esperar resposta, ele pôs-se a caminhar.

— Carstairs contou-me — ele falou em voz baixa, para não ser ouvido pelos outros. — Um bando de tagarelas inúteis. Vamos dar uma lição a esses covardes.

Wellington passou devagar por entre os presentes, que se acotovelavam para falar com o homem ilustre. Ele cumprimentava e ao mesmo tempo apresentava Kate, dizendo-se amigo da família dela. Para outros comentava que ela era uma heroína jovem e galante ou então que era uma das damas mais corajosas da Inglaterra.

Logo juntou-se a eles um grupo de senhoras idosas, uma das quais deu o braço a Kate, em sinal de apoio. Kate sorriu para a desconhecida.

— Sou lady Charlotte, minha querida. Sinto tanto pelo que aconteceu! Se eu soubesse... mas estávamos todas na sala de jogos. Só agora soubemos do que aconteceu. — Ela indicou o grupo que viera junto.

Kate reconheceu lady Courtenay e várias outras.

— Sou a mãe de Arnold Bentham. A senhorita conhece Francis, meu sobrinho. Srta. Farleigh, devo-lhe a vida de Arnold. Por isso, terá para sempre meu apoio e minha amizade incondicional, e destas outras senhoras também.

Kate circulou pelo salão. De um lado, o marquês de Wellington. Do outro, as mais respeitadas matronas da sociedade. Atordoada, ela acenava com gestos de cabeça, fazia medidas e sorria, sem saber quem estava conhecendo ou quem a cumprimentava.

Kate sentia a presença forte de Jack, protetor, um pouco atrás. Ela gostaria de tocá-lo, mas não podia. Fitou-o por sobre o ombro e logo foi arrastada para a frente. Foram separados pelo grande número de pessoas que os pressionava. Todos estavam ansiosos por conhecer o homem notável e sua protegida.

Kate não podia acreditar. Havia sido arrancada de dentro do pior dos pesadelos para fazer parte de uma procissão triunfal e de braço dado com o maior herói vivo da Inglaterra. Jack a salvara. Ele abandonara o ostracismo social e concedera-lhe suporte em um lugar mais do que público. Viera dançar com ela, quando os outros nem mesmo a olhavam.

E era nos braços de Jack que ela queria estar naquele momento.

Kate espiou para trás e não o viu. Por onde andaria? Ele a apoiara em um momento de necessidade. Será que a abandonaria na hora do triunfo? Será que Jack não entendia que tudo aquilo nada significava, se ele não estivesse a seu lado?

Viu Francis a uma certa distância e fez a pergunta silenciosa. Ele ergueu os ombros e sacudiu a cabeça, com desalento.

Jack fora embora. Mas por quê?

Com o coração pesado, Kate voltou às saudações vazias dos simpatizantes e adúladores.

— Como foi embora? E para onde? Ela não tem sido vista desde aquele maldito baile e nada poderia ter sido mais impróprio. Ela precisa sair, circular, ver gente e mostrar que não tem nada a esconder. Nós afastamos o pior, mas se ela se esconder...

— Eu disse que ela foi embora. Partiu.

— Mas como? Para onde? — De repente Jack empalideceu e sentou-se. — Ela saiu de Londres? Foi para onde?

— Para a aldeia onde eu a encontrei.

— Bom Deus, como é que ela pôde fazer uma coisa tão... O que tem lá? Por que...

Ele levantou-se e andou de um lado para outro, desmanchando os cabelos.

— Quem foi com ela? Como ela viajou? Quem irá ao encontro dela?

A avó deu de ombros.

— Isso significa que a senhora a deixou ir sozinha!

— Jack, eu não fui exatamente consultada e não grite comigo. Também estou preocupada com ela. Kate escapuliu ao amanhecer.

— E como ela foi?

— Não sei, Jack. Acho que de diligência ou no veículo do correio.

— Pelo amor de Deus! Encostada em Deus sabe lá quem! Será que ela não conhece os perigos? Salteadores e ladrões de estrada! Ela não sabe da frequência dos acidentes? Espero que tenha ido com a carruagem do correio. Pelo menos eles têm um guarda!

Praguejando, ele saiu da sala.

Lady Cahill recostou-se, com um sorriso satisfeito.

— Com mil demônios! O que a senhora pensa que está fazendo?

O bramido quase fez Kate derrubar a cesta. Ela olhou para o lado e para cima. Jack Carstairs a encarava com olhar feroz, montado em um cavalo coberto de espuma e com patas trêmulas.

Jack estava horrível. Coberto de lama, o rosto sem barbear, o colarinho torto.

Havia trabalhadores rurais fazendo suas tarefas por perto. Ela sorriu para Jack, para acalmar os observadores.

— Boa tarde, sr. Carstairs. Como o senhor vê, voltei para a aldeia.

— É? E não imaginou que os outros poderiam preocupar-se? Por que ele estava tão irritado?

— Como é que a senhorita chegou aqui?

— Aluguei uma caleche.

— *Caleche!* — Ele continuava irado.

— E o que há de mal nisso?

— É que eu parei todas as malditas diligências e coches de correio de Londres até aqui, à sua procura.

— Não acredito. — Kate imaginou a cena, divertida, e deu uma risada.

Com um gemido de fúria, Jack inclinou-se, agarrou-a pelas axilas e levantou-a para cima do dorso do cavalo. Ele ignorou os gritos esganiçados, segurou-a junto ao peito e incitou o cavalo.

Kate esperneou e, quando o cavalo deu uma arrancada para a frente, teve de segurar-se em Jack, para não cair. Os camponeses aproximaram-se e vários deles portavam cajados e porretes.

Em uma fração de segundo Jack abaixou a cabeça e beijou-a. Kate parou de lutar e segurou-o pelo pescoço. Abandonou as defesas, abriu o coração e permitiu-se simplesmente amá-lo.

Quando terminaram de beijar-se, os campônios já haviam ficado para trás, rindo.

Kate suspirou e encostou-se nele.

— Não havia necessidade de fugir — Jack afirmou, depois de algum tempo. — A situação estava sob controle. A senhorita será aceita na sociedade sem sombra de dúvida. Não precisa esconder-se.

— *Fugir?* Lady Cahill não lhe contou?

— Claro que sim. Senão, como é que eu saberia onde procurá-la? — Ele segurou-a com força e sacudiu-a. — Acha que isso serve para a senhorita? Uma aldeia pequena e suja? Uma cabana caindo aos pedaços? A companhia de gente rústica? Não acho que prefira isto aqui a Londres.

— Tudo o que eu quero neste mundo está aqui e não em Londres.

— Nada?

— Nada. Tudo o que eu quero neste mundo está aqui — ela repetiu com veemência.

— Então que seja.

Derrotado, Jack virou o cavalo de volta para o vilarejo. Eles ficaram em silêncio. Kate vinha encostada em seu peito. Balançava-se de encontro ao corpo rijo e quente, ao ritmo da andadura do cavalo. Nada mais diria, já dissera o suficiente.

Por que ele viera atrás dela? Será que a avó o mandara? Fora por dever? Ou por ter sido logrado? Afinal, ele se restringira a salvar-lhe a reputação. Kate admitia que Jack a desejava, mas ela pretendia mais do que isso.

Eles se aproximaram da aldeia e viram a cúspide da pequena igreja de pedra. Jack deteve o cavalo.

— Sabe de uma coisa? Danem-se as conseqüências! — Jack resmungou de repente, virou a montaria e iniciou um galope em sentido contrário.

— Para onde estamos indo? — Kate gritou, agarrada nas pernas dele para não cair.

Em resposta, ele segurou-a com mais força e esporeou o animal.

— A cabana é para o outro lado! — ela bradou, saltando na sela.

O garanhão continuava galopando, e Jack, em silêncio. Kate bateu no peito dele, frustrada.

— Jack! Para onde vamos?

— Estou cometendo um rapto.

— O quê? — Kate perguntou, atônita.

— Tantos fizeram isso, por que eu não posso?

— Não, Jack, por favor. O senhor não! — ela gritou e começou a chorar.

Consternado, ele freou o cavalo. Desmontou e tirou Kate da montaria. Ela descontrolou-se e caiu sobre o gramado. Jack abaixou-se e tomou-a nos braços.

— Não chore, Kate, por favor. — Tirou um lenço grande do bolso e enxugou-lhe o rosto. — Não chore, querida. Eu não posso vê-la chorar.

Kate soluçou mais forte.

Jack aconchegou-a junto de si, até senti-la mais calma.

— Por quê? — ela murmurou e afastou-se um pouco.

— É que... eu pensei... — ele parecia desesperançado — que se a vida do campo realmente a atraía...

— Sim?

— Bem... poderíamos...

— O quê?

— Bom... — Respirou fundo, antes de continuar: — Ao perceber que lhe agradaria viver no anonimato da região rural, pensei que... poderíamos fazer isso juntos! É isso! Sou um patife desprezível, não é mesmo? Um idiota arrogante, por achar que obteria o seu consentimento...

— Para quê? — O coração de Kate batia forte. Consentir em ser raptada? Em ser sua amante?

Depois de um longo silêncio, ele tirou do bolso interno do casaco um documento dobrado e atirou-o ao lado deles, sobre a grama.

— Pode ler. Isso é a prova de como sou idiota e arrogante. Pode abrir. Leia. Só não ria.

Kate apanhou o pergaminho com as mãos trêmulas. Abriu-o e leu-o várias vezes, sem entender por que ele obtivera tal autorização.

— É uma licença especial — ela comentou o óbvio —, e não é recente.

Fora obtida antes de ela ser raptada por Jeremiah Cole.

— Sou mesmo um toleirão em achar que aceitaria casar-se comigo! — Ele deu uma risada amarga.

— Poderia ter-me perguntado.

— Para que falar, se eu seria recusado? Qual mulher concordaria em desposar um

aleijado irascível e de rosto deformado? E pobre?

— Talvez exista alguma...

— Uma que houvesse perdido tudo, a família, o lar e seu... bom nome. Nesse caso eu seria suficiente, por que ela não teria outras opções.

Incrível! Ele pensava em si mesmo como um homem acabado e nela como uma mercenária!

— E uma que acabasse de receber uma fortuna? Uma cuja honra fosse restaurada por um *aleijado irascível e pobre*. Será que ela precisava ser enganada, seqüestrada e coagida?

— Mas é que ela fugiu... e como Londres parecia não agradar-lhe, eu pensei...

— Eu vim para cá tentar retomar objetos que eu vendi, quando estava sem dinheiro. Algumas jóias de minha mãe, os livros de meu pai, coisas assim. Lady Cahill sabia disso. Prometi voltar na terça-feira. Eu não estava fugindo. Já deveria conhecer-me melhor!

— Eu não pensei...

— Não pensou! — Kate estava furiosa. — Um pobre, com temperamento terrível e muito ingênuo! Seu grande tolo! Não falou comigo por semanas...

— Mas...

— Olhou-me com ódio nos salões de baile... e depois me jogou em cima de seu pobre cavalo malcheiroso...

Ele a abraçou pelos ombros.

— ...na frente de homens que eu conheço desde criança, e ainda por cima beijou-me.

— Acho que não foi tão contra a sua vontade. — Jack segurou-lhe o punho que ameaçava seu queixo.

— E como se não bastasse, fez-me pular em cima da sela por quilômetros...

— Aliás, foram belos saltos — ele comentou, malicioso.

— E daí, o senhor decidiu que eu nem mesmo mereço a cortesia de uma proposta! E isso quando eu já havia dito que o amava! — Kate bateu no peito dele com fúria.

Jack afastou-se para fitá-la nos olhos.

— Nunca ouvi nada disso! Ela corou.

— Mas eu disse.

— Quando?

— Eu não afirmei que tudo o que eu queria no mundo estava aqui?

Ele ficou estupefato e começou a piscar.

— E por isso eu tinha de supor que me amava? Kate anuiu, envergonhada.

De repente, ele começou a rir com vontade.

— Sou mesmo um idiota! Como é que não entendi isso antes?

— E eu ainda retribuí seu beijo — ela murmurou, magoada. Jack parou de rir, aproximou-se e tomou-a nos braços.

— Foi mesmo. E foi bom demais. — Ele curvou-se e procurou-lhe os lábios.

Kate fez beicinho.

— Não estou beijando nenhum seqüestrador horrível. Jack tornou a rir, jogou-se de costas na grama e carregou-a junto.

— Então, minha pimentinha, consente em beijar um homem que está loucamente apaixonado? Um homem que não tem nada além de um coração e uma casa velha, porém limpa? E que, mesmo sem merecê-la, pede humildemente que seja sua esposa?

Ela fitou-o com os olhos úmidos.

— Oh, meu amor, por favor, não chore. Desculpe-me, se disse ou fiz algo de errado. Oh, Deus, sou mesmo um retardado, mas eu a amo muito.

As lágrimas brotaram com intensidade maior e molharam o rosto de Jack. Ele beijou-lhe as faces, olhos e boca molhados.

— Não chore, meu amor — repetiu. — Eu não suporto.

— Desculpe, Jack, meu querido... É que estou tão feliz... Era maravilhoso permanecer entre os braços dele, apoiada em seu peito e sob seu queixo. Kate suspirou de prazer e levantou a cabeça. A ternura que viu nos olhos dele aqueceu-a até a ponta dos dedos dos pés.

Depois de algum tempo eles se afastaram, relutantes. Ela sentou-se e ajeitou o vestido. Ele fitou-a com um sorriso cálido e orgulhoso.

— Acabo de pensar em outro motivo para que se case comigo

— Jack arrastou as palavras.

— Hum?

— Serviços pessoais. Nunca vi uma mulher com tanta vocação para meter-se em apuros. — Ele riu e tirou folhas de grama dos cabelos dela.

Kate empurrou-lhe a mão, jogou-o de novo sobre a grama e apoiou-se com as mãos no peito dele.

— Tenho de perguntar-lhe uma coisa — falou, muito séria.

— Os acontecimentos da Espanha incomodam-no?

— Pelo contrário. — Jack puxou-a de encontro a ele. — Só penso naquilo como um trauma muito grande. Depois de ter sido agredida e ultrajada, ainda foi sujeita a maledicências e crueldades, e passou por perigos e muita fome, sem ninguém para protegê-la. E, na penúria, veio para a minha casa. E para ganhar a vida teve de esfregar o chão da minha casa e agüentar meu gênio terrível...

Jack apertou-a entre os braços, tremendo de emoção. Depois ele acalmou-se e beijou-a com amor e ternura.

— Eu lhe prometo, Kate, que não permitirei que passe mais fome, medo, dor ou solidão. Não enquanto eu estiver vivo. E que até o fim de minha vida, eu lhe dedicarei amor e proteção.

Kate sentiu-se fraquejar de tanta alegria.

— E eu também, meu amor — ela sussurrou, antes de ser beijada.

Depois de um intervalo longo e carinhoso, ele tornou a falar.

— Como também estou convicto — encostou-se a ela de maneira sensual —, de que a virgindade nada tem a ver com um casamento feliz.

Aliviada, Kate começou a rir e Jack acompanhou-a, ao mesmo tempo que a apertava entre os braços fortes.

Kate afastou um pouco a cabeça e mirou-o com malícia.

— Então o senhor promete amar-me e proteger-me para sempre.

— Para sempre, querida.

— E nunca mais passarei fome?

— Nunca.

— E vai matar as aranhas para mim.

— Quantas vezes for preciso.

— E não me fará esfregar o chão.

— Bobagem! Lembre-se que não foi minha a idéia.

— É verdade. A sua preferência era por pisos sujos.

Um gemido zombeteiro e um beijo constituíram a resposta.

— Promete que nunca mais terei de enfrentar seu gênio terrível? — Ela passou a mão nos cabelos dele.

— Bem, isso depende... — Jack falou, com ar sério.

— Do quê, meu amor? — ela perguntou, pestanejando com ingenuidade.

— Bem, se bules de café e vasos vierem voando sobre minha cabeça...

— Ah... Não sei se posso prometer-lhe isso. São coisas tão imprevisíveis... — Kate respondeu, fazendo troça.

— Hum. Parece que levarei uns vinte ou trinta anos para entender as mulheres.

— Ah, isso não! — ela retrucou com doçura e fitou-o com adoração. — Muito mais do que isso, meu amor, muito mais.

EPÍLOGO

Faça o favor de não derrubar-me, seu tonto!

— Cale a boca, atrevida! E pare de mexer-se, senão eu a deixo cair!

Rindo, Kate passou a soleira, carregada. Jack beijou-a longamente e colocou-a no chão, com delicadeza. O casamento fora realizado havia três semanas e ela continuava radiosa. Ele tornou a beijá-la.

Sorridentes, Carlos, Martha, Milhe e Florence fitavam o casal. Kate percebeu a audiência e enrubescou. Puxou a manga do paletó do marido e apontou. Imediatamente foram saudados com boas-vindas.

Foram servidos acepipes e bebidas, acompanhados de felicitações. As moças não se cansavam de admirar a vestimenta de Kate. Depois de algum tempo, Martha aproximou-se com uma carta nas mãos.

— Sinto interrompê-los, sr. Jack, mas esta mensagem está aqui há quase duas semanas e eu já estava preocupada. É de Londres e pareceu-me importante.

Jack apanhou o papel e franziu o cenho.

— De advogados! — Martha enfatizou. — Nunca temos boas notícias deles. Desculpe-me, senhor. — Ela saiu, junto com os outros criados.

Jack abriu a missiva e começou a ler. Dali a pouco sentou-se, com um olhar estranho.

Preocupada, Kate aproximou-se.

— O que foi, Jack? Más notícias? Não é de sua avó, é?

— Não são más... Leia.

Kate pegou o documentos das mãos de Jack. O primeiro era a carta de um procurador e explicava que ele tinha instruções para só enviar a carta quando certas condições houvessem sido cumpridas. Ela passou para a folha seguinte e engasgou no começo.

— Jack!

— Continue a leitura, amor. Ainda não estou acreditando.

Jack, meu querido filho.

Quando receber esta carta, ou meus advogados estarão certos de que seu compromisso com Júlia Davenport foi rompido definitivamente ou deverá ter-se passado um ano e um dia após a minha morte.

De qualquer maneira, a herança será sua. Nunca pretendi deixá-lo na pobreza. Minha vontade era, como homem experimentado, vê-lo livre daquela mulher.

Os médicos disseram que tenho apenas algumas semanas de vida e eu fiz o que pude para dar-lhe uma chance de felicidade. Meu filho, sei que meus atos lhe causarão sofrimento e sinto muito por isso. Mas acredito que será para o seu bem.

Jack, Júlia Davenport é uma fingida, gananciosa e interesseira. Espero que ela o abandone quando descobrir que não existe mais herança.

Meu filho, rezo para que isso não o machuque demais.

Também tenho esperança de que possa perdoar minha aparente rejeição. Sei que isso é cruel para um filho muito amado, mesmo quando discutíamos. Mas eu quero demais a sua felicidade. Nada é mais importante de que o amor verdadeiro.

Sua mãe e eu fomos muito felizes e ela levou meu coração, quando morreu. Ela

jamais me perdoaria se eu não desse um empurrão para a sua felicidade.

Jack, procure outra mulher. Uma que tenha um coração e amor verdadeiros, que o ame por sua pessoa e não por sua fortuna ou posição. E quando a encontrar, case-se com ela e nunca a deixe ir embora.

Deixarei quinhentas libras e esta maldita escritura de Sevenoakes, onde eu ficarei até a minha morte. Desta maneira, não o deixarei totalmente na miséria, por ora. Sei que pode contar com sua avó e sua irmã.

Deus o abençoe, meu filho.

Espero que seu coração consiga perdoar a intromissão de um... pai que o ama muito."

— Oh, Jack, ele fez tudo por amor... — Kate estava em lágrimas.

Jack não conseguiu responder e tomou a esposa nos braços.

— Meu pai, encontrei meu verdadeiro amor — afirmou, depois de algum tempo, com a voz embargada. — E ela está aqui.